

Revista de Higgs

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA CRISTÃ

SELECTA

A. A. Crittelli
Celso Lima
Daniel Grisolia
Edgar Smaniotto
Eduardo Nishitani
Ísis Marques
João Gomes
Juan Carlos Díaz
Júnior Malacarne
Luiz Freire
Mar'Junior
Priscila Dunck

missio-onis

02
MAI
2025

EXPEDIENTE

Editor Executivo Eduardo Y. Nishitani
Editor Adjunto João G. Moreira

Equipe de Pareceristas

Celso Lima

Darlene Mendes

Eduardo Y. Nishitani

João Gomes

Taynara Melo

Valquíria Fidélis

Ilustrador Rafael B. Duarte
Layout de capa Rafael B. Duarte

Revisão

Eduardo Y. Nishitani

Elsa Miki

Celso Moreira

Marcelo Luiz

Grupo Teoficção, contato
WhatsApp 21 998737080

Maio, 2025

ROL DE CONTEÚDOS

03 Carta do Editor	Eduardo Y. Nishitani
05 Entrevista a Mar' Júnior	João Gomes
07 O MUSEU DAS REVELAÇÕES: Quando as epifanias colidem	Celso Lima
26 Tecnocracia, Graça e Ciência	Juan Carlos Díaz
34 Entre dois mundos	Priscila Dunck
49 A epístola da meia-noite	A. A. Crittelli
61 O Jogo “Portal” e os desafios com a Inteligência Artificial	Júnior Malacarne
66 Estados Unidos em Rede: o poder de Ohce	Luiz Carlos Freire.
85 Escritas eternas	Eduardo Y. Nishitani
105 Crônicas do nobilíssimo primeiro-conselheiro Ali-Hakim	João Gomes
109 O caminho de Ábba	Ísis Marques
127 O Chatêau dos Almíscars	Daniel Grisolia
144 C. S. Lewis: o criador da ficção científica teológica	Edgar I. Smaniotto

CARTA DO EDITOR

Eis que com grande alegria chegamos a edição número 2 da Revista de Higgs, sob o tema: *TECNOCRACIA – a ascensão dos estados em rede*.

Pela graça do Senhor, variadas formas de escrita chegaram à nossa equipe, que tratam de assuntos pertinentes à nossa atual conjuntura geopolítica, ambiental, socioeconômica e tecnológica. Questionamentos como: a inteligência artificial irá nos dominar? Os cristãos devem abraçá-la ou rejeitá-la? Será instrumento do anticristo? Haverá uma Terceira Guerra Mundial? Qual será o futuro da humanidade ao extrapolarmos o que vivenciamos hoje? Essas e demais reflexões estão presentes nos textos que fazem brilhar essa segunda edição. Fomos presenteados com contos, entrevista e resenha inspiradores que fazemos questão de compartilhar com vocês, na esperança de que muito além de divertir, possam nutrir corações.

Seguimos com nossos ideais, de que podemos consagrar dons, talentos, abstrações artísticas... ao Criador do Universo para explorarmos as fronteiras da ficção científica e/ou da fantasia, expandindo as formas de espalharmos as valiosas verdades cristãs. Cremos que cada novo escritor cristão que surge é mais um que espalha *sementes da vida eterna*.

Faça você também parte da tripulação da nave dos adeptos do Eterno: sejamos sal e luz utilizando papel, caneta, lápis, PC, tablet, smartphones... rascunhando, desenhando, compondo, lendo, escrevendo, relendo, anotando, frisando... com todos os gêneros e subgêneros da ficção científica e/ou fantasia. Enviem-nos seus textos, leremos, e aceitos pela equipe, publicaremos. Estejam à vontade para nos chamar, sugerir, enviar artigos, histórias, prosas, poesias, meditações, entrevistas; reflexões sobre filmes, novelas, seriados, games, histórias em quadrinhos etc., mas sempre pela óptica bíblica.

Participe deste magnífico ministério! Necessitamos de voluntários. Nós mesmos não obtemos nenhum ganho financeiro com esse honroso trabalho. Estamos ávidos pela sua contribuição. Deixem um meio de contato para conversarmos caso seu escrito/digitado obtenha aprovação ou queira ajudar-nos.

Aos leitores e a todos que contribuíram de alguma forma da nossa segunda edição, parabenizamos e agradecemos. Àquele que nos inspira, todo louvor, honra e glória!

ENTREVISTA COM O ESCRITOR MAR'JUNIOR

1) Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início como escritor?

Em 2001, resolvi escrever sobre o que estava vivenciando naquele momento, trazendo à luz da Bíblia, com um versículo. Porém, até então, nem pensava em ser escritor. Passaram-se alguns anos. Em 2010 resolvi escrever minha autobiografia e assim fiz entre o Natal e o Ano Novo. Fiz uma imersão na minha escrita, lançando em novembro de 2012: *BULLYING – EU sofri. EU pratiquei. EU hoje conscientizo* – uma das minhas obras mais vendidas até hoje. Entretanto, a virada de chave mesmo veio quando lancei o meu terceiro livro, *PEPITA – passei a minha infância e adolescência sendo perseguida, sofrendo bullying*. O primeiro livro da trilogia: uma jovem que conta a sua história desde pequena e se converteu a Jesus no processo. Foi aí que eu resolvi me dedicar mesmo à escrita. Aos quase 57 anos, lançava meu terceiro livro e assumia a minha identidade de escritor. Isso foi em 2017 e, de lá para cá, já lancei 11 obras.

2) Fale sobre seu último livro.

O *PERDÃO* levou 102 dias para ser escrito e dois anos para ser lançado. Mesmo sendo uma ficção, trago para cena um personagem que aterrorizou os judeus – Hitler. O *PERDÃO* — A história se difunde entre o atentado do elevador da Avenida Paulo de Frontin, em 20 de novembro de 1971 e o nascimento de Otto em 20 de abril de 1889 em Braunau am Inn, um pequeno município no norte da Áustria. Neste mesmo dia, no mesmo prédio, e quase na mesma hora, nascia o filho de Dona Klara, Adolf Hitler. Enquanto Messias era preso ou sequestrado em uma pensão onde morava na mesma avenida do elevador, Otto era levado até Klara, já que sua mãe o deixava após o parto. Klara desmamou o bebê, que chorava impacientemente, e assim o adotou. Alois Hitler, pai dos meninos, desde cedo os comparava, sempre preferindo o filho ao adotivo. Otto participa ativamente de todos os atos da história do Nazismo, junto com o irmão. Entre o passado e o presente, o baú que estava em poder de Messias traz uma história de dor, sofrimento, mortes, assassinatos, amores e muitas revelações para a humanidade. O romance vaga do poder à derrota, da luta constante entre o bem e o mal, trazendo revelações bombásticas entre o Brasil e a Alemanha nazista. Ação, mistério, romance... a obra transpassa a ficção, e nos leva a acreditar que os fatos são reais.

3) Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Eu tenho o costume de orar e aguardar o Espírito Santo me dar aval. Parece meio louco isso, mas funciona assim mesmo. Quando escrevi *4 Mãos e Um Abraço – o autismo bate à sua porta e entra sem ser convidado*, não me sentia preparado. Por mais que lesse muito sobre o tema, não seria capaz de fazer o que fiz, depois de quase quatro anos orando. Um dia tive a permissão e lá fui fazer entrevistas com muitas pessoas do Brasil que viviam o “problema”.

Pais, mães, avós, avôs, tios, tias, amigos e alguns autistas. Quando me sentei para escrever, foram somente 12 dias, dia sim e dia não, durante 2 horas por dia. Foi como se estivesse escrito por 24 horas seguidas. Meus personagens são totalmente humanos, choram, riem, brigam, buscam o encontro o tempo todo. Muitas vezes as

peessoas me perguntam como consigo dar uma vida a eles tão real e a resposta é até fácil: obra do Espírito Santo.

4) *Como analisa a questão da leitura no Brasil?*

Tem tido bons avanços. Não é muito fácil competir com a tecnologia, mas sempre vamos a busca de novos leitores.

5) *Como você vê a questão da literatura cristã?*

Creio que seja mais complicado, já que a maioria não lê nem a Bíblia, quanto mais uma literatura. Mas não desisto. Tento desenvolver projetos com os templos o tempo todo. A resistência tem sido muito grande, mas como não sou de desistir, ainda creio que darei boas notícias.

6) *Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?*

No meu site marjunior.com.br você encontra todos os livros físicos e com indicação de onde poder adquirir também no E-Pub.

7) *Existem novos projetos em pauta?*

Inúmeros. Mesmo com meus 64 anos, continuo a viajar o país com os meus livros, além das palestras. Mas tem uma coisa que me pedem constantemente para fazer: escrever os roteiros deles para uma série, principalmente *PEPITA*, *SOVIÉTICOS*, *1950* e *O PERDÃO*.

8) *Como interagem a fé e a arte no nosso tempo?*

No início foi muito difícil, já que comprei uma Bíblia em dezembro de 1995 e me converti a JESUS lendo.

De lá para cá, foram muitas lutas travadas de ambas as partes, pois além disso hoje ainda sou produtor, autor e diretor de teatro.

Algumas peças minhas, que eu chamo de evangelistas, já rodaram o mundo como *Presente de Natal*, *Seja Criativo*, *Ouse* e *Ore ao meu Pai*.

Drops:

Um livro da Bíblia: *Provérbios*.

Um livro de literatura secular importante: *Passarinha*, da Kathryn Erskine.

Um filme: Todos que abordam o holocausto.

Um hobby: Viajar com a minha família — filhos, netas, genro e nora.

O MUSEU DAS REVELAÇÕES: Quando as epifanias colidem

Celso Lima Moreira

Prólogo

A "Sagrada Ilha" amanheceu ensolarada naquele domingo... como sempre. Às sete da manhã, uma fumegante locomotiva era vista pelos visitantes na estação praiana. Descia as montanhas, em direção à cidade litorânea. O trem recebeu os passageiros e foi para o "Museu das Revelações", um lugar onde os visitantes passariam por uma experiência de epifania, tocando e reformando suas almas com magníficos frutos do espírito.

O preço? Bastava o indivíduo, com fé, escolher uma palavra que lhe cativasse, em uma das infinitas portas do Museu e ... cruzá-la.

* * *

As estranhas visões eram sempre as mesmas, mas os ângulos de observações casualmente mudavam. Uma solitária árvore branca irradiando uma luz dourada no meio de um deserto alienígena. Uma mão ensanguentada, cheia de microchips. Um veículo bélico de quatro rodas, sendo atacado por mutantes ciborgues, com crânios de caveira e membros como espadas. A visão apocalíptica mostrava lugares destruídos e, casualmente, em mundos estranhos.

— Acorde, Jacob! A locomotiva está chegando na estação terminal, no Museu. — O reverendo Dickens tocou em seu ombro de leve, ao passar pelo seu acento.

O rapaz sentado sentiu repulsa pelo toque de sua mão. O reverendo já estivera numa comunidade de procedência religiosa radical, seguindo as rigorosas tradições conhecidas por seu estilo de vida simples, baseadas na agricultura e com rejeição a tecnologias modernas de uso eletrônico. Tal uso era tolerado o mínimo necessário de modo comercial. Costumes mundanos eram intoleráveis: nada de cinemas, bares, uso de drogas, cigarros, praias, músicas, seguros sociais, roupas da moda, casamentos antes dos vinte anos etc. O rapaz que era desta comunidade, Jacob, era um cidadão da sociedade Amish, assim como o reverendo fora um dia, mas este abandonara essa sociedade cristã anabatista. Por isso Jacob o desprezava. Achava sua decisão um ato desonroso.

Orgulhosamente usava casaco reto preto com camisa branca de manga comprida, gravata de laço, chapéu de aba, calça larga de suspensórios, meias e sapatos... todos pretos. Ainda não cultivava uma grande barba de casado, pois só tinha dezesseis anos; regras da comunidade.

Pegou o panfleto-guia do Museu das Revelações, que recebera na estação de trem, logo após chegar na Sagrada Ilha e caminhou para a saída do vagão. Ele viera a contragosto com alguns alunos do colégio, o reverendo diretor e o psiquiatra escolar: Dr. Schneider.

— Mamãe! Um rapaz igual ao que aparece na caixa de cereal de aveia! — Um menino, curioso com as vestimentas de Jacob, apontou seu celular para tirar uma foto.

— Malditas máquinas. Maldita tecnocracia! — Com um tapa, o irritado Amish impediu que a foto fosse concretizada. O menino correu para sua mãe sem entender o que fora dito: os Amish falavam um dialeto próprio entre os seus: "o alemão da Pensilvânia", local de origem de Jacob.

— "Ruhig! Passagiere sind sich des Verbots ihrer Leute nicht bewusst". Calma! Os passageiros não sabem da proibição do seu povo... — O psiquiatra Schneider respondeu no dialeto "alemão do norte da Alemanha". O rapaz compreendia esta língua razoavelmente. Para os Amish as fotos eram vaidade. Na crença, um cristão não deve manter sua imagem gravada. O médico idoso pegou o celular caído e devolveu ao menino assustado. Continuou:

— Os da sua comunidade são pacíficos. Fique perto de mim durante a visita. — Desceram do trem e caminhavam para o Museu.

— Já que fui obrigado a vir para esta ilha, vou certificar-me que ela realmente seja o local que abriga o alegado instrumento de Deus: o Museu. — O Amish queria ver, no íntimo, se tudo não passava de um maldito embuste tecnológico.

O psiquiatra acompanhava o adolescente alguns passos atrás e relembrava do prontuário desse seu paciente. Recapitulava as últimas semanas com ele: desde pequeno, Jacob apresentava um comportamento muito mais do que exemplar nos costumes conservadores da sua sociedade. Era um fanático compulsivo. Enquanto outros usavam celulares, comercialmente, fora de suas residências, o obsessivo quebrava-os. Muitos falavam o inglês, a segunda língua aprendida nas escolas Amish. Jacob era muito inteligente e sabia o dialeto inglês e o alemão tradicional, mas propositalmente, só falava o dialeto dos Amish. Nos cultos realizados nas casas e nos grandes celeiros, defendia uma taxa obrigatória de 50 % dos ganhos para a compra de terras coletivas. Por causa de algumas confusões envolvendo esses exacerbados ideais, o pai de Jacob aproveitou o período ritual "Rumpspringa", que ocorre na adolescência de todo Amish aos 16 anos, para mandá-lo a Nova York, aos cuidados do amigo psiquiatra. Nesse período, as restrições comportamentais usuais são relaxadas, para que os jovens possam adquirir experiências e

conhecimento do mundo, fora da comunidade. É possível, pela primeira vez na vida, sair da comunidade e experimentar tudo aquilo que não se tem permissão: bares, cinemas, drogas, internet etc. Depois voltar...se quiser. Dickens não quis. O reverendo, diretor da escola e antigo conhecido de Schneider, acolheu o rapaz num abrigo da escola.

Todos estavam no Museu e chegaram num enorme pátio circular, com saídas para dezenas de corredores. Um relógio vitoriano gigante, pendurado no centro de uma abóboda, tocou. Eram 08:00h.

— Atenção! Tem início a busca de cada uma de suas portas, com a palavra que surge em seus corações. Que a vossa fé os guie para vossas epifanias! — O reverendo observou o olhar de desprezo de Jacob. — Ao término, todos nos encontraremos aqui, na porta.

A multidão de visitantes se espalhou pelos corredores. Dickens se voltou para o psiquiatra parado, observando o Amish seguir.

— Como ele está em comportamento?

— Quer um diagnóstico atual de sintoma? — O médico cruzou os braços para rapidamente apontar um dedo em direção ao jovem. — A semana evolui para baixa autoestima, isolamento social e grande limitação afetiva com irritabilidade.

— Entendo. — O diretor do colégio estendeu uma caixa retangular, do tamanho do seu punho para o médico. — Isso é para ele.

— Outro? Já foi entregue um a ele, quatro semanas atrás. — Pegou o objeto entregue, observando ser de cor diferente do outro: era violeta. Enfiou no bolso.

— Sim, Schneider, mas ele, no devido tempo receberá este, que foi confeccionado com uma característica adicional — disse em tom misterioso, vendo interrogação no rosto do amigo.

— Fico feliz do pai de Jacob ter aproveitado espertamente o "Rumpspringa" para forçar sua saída temporária da comunidade. Você não vai escolher uma palavra em uma das portas, amigo?

— É melhor... eu seguir o Amish a distância. Evitar que ele quebre algum celular. — O médico, desconfortável com a pergunta, seguiu o corredor por onde o rapaz passou. Nem olhava para qualquer porta.

* * *

Jacob meditava enquanto andava pelos corredores iluminados pela luz matutina das janelas, com as suas cortinas de cetins, balançadas ao sabor dos ventos:

"Papai acha que me empurrando para fora da comunidade temporariamente, reivindicando meu *Rumpspringa*, mudará meus objetivos de fé: peregrinar entre todas as

sociedades Amish, para propor uma sociedade unificada num único ESTADO AMISH, lutando para erradicar toda tecnocracia do mundo!"

Os pensamentos distorcidos eram interrompidos casualmente ao observar as palavras nas portas, os olhares curiosos dos outros irritantes visitantes procurando suas portas ou as câmeras de vigilâncias, nas curvas dos corredores. Toda tecnologia lhe gerava ódio. O psiquiatra Schneider levou um dia para convencer-lhe a ir de avião para a ilha. Cismara que tinha que ser de veleiro. Lembrou-se como os líderes Amish se espantarem com a sua proposta de abdicar seu *Rumpspringa*. Esse Amish concluíra que só poderia concretizar seus sonhos do Estado Amish obtendo informações do mundo exterior. Sempre que ia de carroça na cidade com suas irmãs comprar itens que a comunidade não produzia, como açúcar, farinha e sal... que são produtos mais difíceis de produzir em quantidades necessárias sem o auxílio de máquinas pesadas, pegava muitos livros na biblioteca e comprava um jornal. Uma atitude paradoxal, pois toda as crianças Amish estudavam em escolas exclusivas até o oitavo ano de suas formações — algo em torno dos 16 anos de idade. Nessas escolas eles aprendiam matemática, inglês e alemão, matérias necessárias para que iniciem os trabalhos que adultos realizam e para os ajudar com o comércio. Depois disso, não eram mais permitidas frequentar aulas — muito menos o ensino superior.

Os conhecimentos de Jacob, somado as visões dos seus sonhos, geravam interpretações proféticas bem pessimistas: *"os avanços tecnológicos criarão corporações e ameaçarão dominar os países, almejando estados soberanos. Líderes, como o Anticristo, surgirão: máscaras altruístas, sendo abastados influentes. Instigarão delírios autoritários e capciosas ideias revolucionárias. Irradiarão suas alucinações, como chuva, sobre as massas, dominando-as, provocando conflitos políticos mundiais. As falências dos ecossistemas globais serão os prenúncios do desastre máximo tecnocrata: a Terceira Guerra Mundial. Propulsão para os mundos além de nossa estrela. Tolamente, muitos Amish, que absurdamente usam eletricidade no básico do seu cotidiano, acreditam que a tecnocracia pode até trazer transformação positiva em benefícios. Meus sonhos dizem que não! Máquinas dotadas de inteligências artificiais e possuidoras de objetivos escusos, serão nossos predadores: retirarão suas máscaras de circuitos em silício, mostrando suas inumanas ambições"*.

Jacob sentiu que estava diante da porta onde deveria entrar, sem entender bem o porquê.

— Oh! Museu das Revelações, verei agora a sua verdade: experiência divina ou embuste tecnológico. — Abriu a porta rápido, e passou. A luz do corredor iluminou um átrio de trevas, onde estranhas paredes cinzas e enrugadas cercavam um grande ambiente cupular. A porta bateu atrás de si no mesmo instante que uma difusa luz branca surgiu, a tudo iluminando.

— Mas que matéria estranha compõe esta caverna? — Tocou com cuidado a parede próxima e recuou o dedo, sujo com uma gosma transparente. — I-isso parece tecido cerebral! Estou dentro de um cérebro gigante!

Examinando com nojo as paredes e o chão, percebeu manchas avermelhadas em algumas partes... como se fosse uma inflamação. Uma luz surgiu à frente e começou a se apagar. Era alguém passando por outra porta. Correu com cuidado sobre aquele estranho solo macio.

— Quem é você? — Chegou na porta embutida, naquela massa cerebral. Pôs a mão sobre os olhos protegendo-os da luz forte de um sol de meio dia. Estava em cima de enorme colina gramada. Diante de um céu azul e límpido, ele girou em torno de si, vislumbrando até o horizonte enormes campos agrícolas, com gigantescos celeiros, silos de armazenagens de cereais, estradas com carroças guiadas por outros Amish, e casas rupestres. Tudo até onde a vista alcançava era-lhe familiar. Levou alguns segundos para se recuperar da visão grandiosa.

— Estou em casa? Não! É uma área maior que qualquer comunidade Amish existente. Incrível...é o meu sonho! Todas as comunidades unidas...os menonitas Amish e os beachy Amish também...vejo placas... é isso. — Olhou para baixo e viu algo improvável: outro visitante, entrando em uma carroça, estacionada na estrada.

— Ei! Espere. Acho que você entrou na minha porta. O mesmo local. — O idoso olhou para trás. Depois sumiu na curva de um silo. O panfleto-guia registrava não haver mais de um visitante escolhendo um mesmo nome em uma porta.

— Dr. Schneider? — admirou-se o rapaz, reconhecendo o outro visitante como sendo o psiquiatra escolar.

— Não corra. O Sr. escolheu a porta com a mesma palavra que eu? E... — Estancou. Sentiu forte gosto metálico. Não se lembrava mais qual era a palavra na porta e perdera de vista o idoso. Ouviu sussurros vindo detrás de uma árvore e sentiu como se estivesse sendo perseguido. Correu por uma calçada, passando por um outdoor de lado duplo escrito:

VOCÊ ESTÁ ENTRANDO NO 1º ESTADO AMISH DA PENSILVÂNIA.
PROIBIDO USO DE TECNOLOGIA ELETRÔNICA.

— Auto lá, senhor Jacob! — gritou um policial, descendo de uma moto, abaixo do outdoor. Usava capacete, óculos escuros e uma máscara contra poeira. — Tenho um mandado ordenando que tome seu remédio, jovem.

— Remédio? Que absurdo é esse? Como o Museu sabe do meu remédio?

Retirando as algemas da cintura, o policial continuou:

— Recusas? Levar-te-ei para a delegacia e serás intimado a obedecer... ei volte aqui!

Jacob derrubou as algemas. De relance, viu o psiquiatra pular um muro e abrir a porta de uma casa do outro lado da rua. Correu do policial, atrás do médico. Começou a sentir uma disforia. Passou pela porta aberta da casa, vendo o policial pular o muro. Transitou um corredor do imóvel. A casa tinha o básico, sem eletrônicos. Nos cômodos, apenas móveis de madeira feitos pela comunidade. Abriu a porta da cozinha e tomou um susto. O local deveria ser o principal espaço da casa, sem pia, com apenas uma bomba d'água manual. Estava tudo oposto... e repleto de cozinheiros, entre panelas fumegantes, num ambiente apertado e com eletricidade.

— *Ma che diavolo! Come sei arrivato qui, ragazzo?* — gritou um dos homens, usando um clássico uniforme e chapéu branco, num inconfundível linguajar italiano.

"Cozinheiros italianos numa casa Amish? Isso é um caso de denúncia aos líderes!" O rapaz ficou irritado, ouvindo passos pesados no corredor. Num reflexo rápido, trancou a porta da cozinha. Viu o policial chegando. O perseguidor implacável batia na porta trancada e mostrava pela janela redonda o papel de mandado. O rapaz saiu em debandada carreira pela porta dos fundos, direto para um beco... cercado de arranha-céus. Encontrou uma rua movimentada... por carros.

— Automóveis? Prédios? Como? — Recuperando-se da surpresa, reparou ter saído de dentro de um restaurante italiano. Uma placa revelava onde estava: ao lado do Central Park. Estava em Nova Iorque.

— Por que o Museu das Revelações me tirou do meu idílico sonho? Conheço aquela paisagem bem à frente. — Era uma pista com pessoas andando de patins, com um lago ao fundo.

“Já vi este local antes. Sim! A foto no quadro do consultório do Dr. Schneider.” Desde que iniciara seu *Rumpspringa*, era obrigado a fazer tratamentos semanais no consultório do psiquiatra. Lembrou-se onde poderia estar: no edifício onde atendia. Caminhou até o local.

— Dr. Schneider! — Jacob parou do outro lado da rua, em frente ao prédio, quando o médico entrava no estabelecimento. Teve a atenção voltada para o rapaz. Os olhares dos visitantes se encontraram e algo estranho teve início: num piscar de olhos, os dois apareceram no campo de colheita do "Estado Amish". A casa com o outdoor, próximo da moto do policial, estavam além do campo, do outro lado da rua. Jacob olhou ao redor, confuso por alguns segundos, até a situação se inverter... ambos voltaram a aparecer no mesmo local de antes, em Nova Iorque. O fenômeno estranho se repetiu, deslocando os visitantes para a zona agrícola e novamente para a cidade, mas desta vez num intervalo de tempo mais curto. As realidades pareciam piscar num efeito estroboscópico. O policial foi avistado saindo da casa. Gritava, correndo em direção ao rapaz:

— Tome o remédio, ainda dá tempo... antes que seja tarde! — Atrás do homem da lei, o outdoor mudou, mostrando uma mensagem:

OBEDIÊNCIA

"E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi OBEDIENTE até a morte, e morte de cruz! Filipenses 2:8".

Os saltos aceleravam em intervalos de tempo cada vez menores. Uma luz branca e um zumbido surgiram, envolvendo toda a área, aumentando de intensidade.

— Dr., o que se passa? Por que nada diz? — gritou o Amish, cerrando os olhos na luz branca e tapando os ouvidos. Os saltos o fizeram lembrar uma moeda que girava. Quanto mais perto de parar, quedando ao solo, mais veloz vibrava.

Uma plataforma flutuante desceu como um raio sobre a rua urbana, entre os dois "viajantes de saltos". Um ser, usando um macacão com algo na mão, apontou para Jacob. Um brilho, seguido de um choque, catapultou-o para a inconsciência.

* * *

O retorno para a o mundo dos despertos veio junto com sensações estranhas: a vibração do solo da plataforma sobre o seu rosto era como o caminhar ampliado de "uma formiga", o cheiro era de calda de morango. Sentia uma de suas pernas mais esticada para fora do veículo. Examinou seu corpo, aparentemente normal.

— Acordou! Ótimo! — ouviu o Amish. Um jovem de macacão segurava algo parecido com um contador Geiger. Dividia o olhar: ora para ele, ora para um terminal de computador.

Levantando-se devagar, Jacob observou que estavam à baixa altura sobre a cidade. Isso não era tão estranho quanto o que via do lado de fora: veículos que eram carros misturados com carroças, híbridos de arranha-céus com celeiros ou silos de armazenagem, alguns postes terminando em árvores, avenidas quilométricas com plantações de cereais, shoppings abatedouros infestados de gados. Algumas colinas encravadas com edifícios-celeiros e terraços contendo plantações. Havia algo mais bizarro: transeuntes com roupas misturadas (estilo Amish-Novaiorquinos), possuindo dois pares de olhos, bocas, ouvidos, pernas e braços a correr, gritando pelas ruas da Times Square. Uma visão digna das obras do pintor Dalí ou Hieronimus Bosh.

— Os níveis de radiações conifrezoquies em você estão seguros. Tive que puxá-lo para o planador bem a tempo, antes da colisão. Desculpe pela inconsciência. Usei arma de choque para você não fugir.

— Que aconteceu com a cidade? Ponha-me no chão, eu só ando de carroça! — gritou o rapaz apavorado, segurando-se no guarda-corpo lateral do planador. Sem entender, observou um outdoor da Times Square piscando a mensagem:

OBEDIÊNCIA.

"Esta tem sido a minha prática: obedecer aos teus preceitos. Salmos 119:56"

— Vou resumir. Temos pouco tempo antes da catástrofe: o Museu é um artefato tecnológico enviado do futuro para melhorar a evolução moral da humanidade. Uma anomalia temporal dormente causou um erro sistêmico, permitindo dois visitantes escolherem uma mesma palavra na porta. Assim foi criada duas experiências de epifanias e estas colidiram. Os estranhos estabelecimentos, veículos e indivíduos, representam a fusão entre os ambientes provenientes das mentes dos dois visitantes. Eu sou um agente de assistência técnica. Vim resgatar os visitantes e resetar esta realidade corrompida — relatou o técnico enquanto mexia num terminal.

— O Museu é uma MÁQUINA! — gritou o Amish fora de si. — Eu já devia ter imaginado. — Sentia ódio por ter sido enganado. Até raiva por estar sobre o veículo tecnológico se manifestou. — Uma blasfêmia se disfarçar na glória de Deus para enganar os de fé. TIRE-ME DE DENTRO DESTA TECNOLOGIA NOJENTA. VOU DENUNCIÁ-LOS!

— Tenho ordem de sair daqui somente com os dois visitantes juntos. — O técnico subiu o veículo, desviando-se de vários edifícios-celeiros em chamas.

— Eu vi o outro visitante — disse Jacob, um pouco mais controlado. — É meu psiqui...

Não terminou. Uma esfera de energia envolveu o aparelho, puxando e pousando-a num terraço de um prédio, repleto de plantações de cevada, com enorme silo de armazenagem. A energia foi recolhida para uma varinha na mão de um velho barbudo vestido de mago.

— Saia desta carruagem voadora rapaz, ele na verdade é um mago das trevas disfarçado. Seu conciliábulo enfeitiçou o Museu das Revelações, alterou o local e fundiu as sagradas epifanias. Vim resgatar você e o outro visitante.

— Todas as pessoas daqui, em fusão, ficaram loucas e agressivas — comentou o técnico para o rapaz. — Ele deve ser um imune.

— Filho, a minha verdade é a que conta: a Sagrada Ilha é a capital da magia no mundo. O Museu foi criado para gradualmente apresentar a magia à humanidade. Esse farsante tem um instrumento de agressão. Retire dele, e sua máscara cairá — revelou o mago.

O Amish se arrepiou. Uma coisa era abominar tecnologia, outra era descobrir que o Museu na verdade... era um poder das trevas! Todo Amish abraçava os mandamentos da Bíblia, principalmente a ética do Novo Testamento: devia ser obedecida como a vontade de Deus. A reação de Jacob não podia ser outra: “E se o técnico fosse também uma força do mal?”

Chutou o coldre do piloto da plataforma. A arma de choque caiu no planador...e virou uma varinha. E vendo a verdade, correu para longe dos dois, dizendo:

— Ambos sois filhos do Diabo. *"Todo reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda cidade, ou casa, dividida contra si mesma não subsistirá"*. Evangelho de Marcos, capítulo 3, versículos 24 a 25. Acho que isso também serve para uma ilha.

— Não vá! É uma armadilha de ilusão — alertou o técnico, pegando a varinha, que virou arma de choque. Um estrondo além da vegetação, nos fundos, chamou a atenção de todos. A porta do celeiro, ao lado de um enorme silo de cereais veio ao chão. Uma turba de "humanos fundidos" invadiu o terraço aos berros. Caminhavam de quatro, como aranhas furiosas. Raios de choque e feixes de energias mágicas eram disparadas desesperadamente pelo técnico e o mago. Não conseguiam subjugar a legião enlouquecida.

O perdido rapaz foi acuado num canto do terraço. Olhou ao redor e sentiu cheiro de amônia. Muitos pontos da cidade pegavam fogo. Além da Baía de Nova Iorque, um helicóptero e um avião caíram no mar. Algo como um míssil terra-ar explodiu próximo ao horizonte.

— Peguem o visitante! — gritou o técnico. Sua voz estava mudada como seu corpo: tinha agora dois pares de olhos, orelhas, bocas braços e pernas; era agora um fundido. O mago, atacado e mordido muitas vezes, gritava e rolava no chão. Uma bizarra divisão ocorria em seu corpo, como uma cisão celular incompleta. Levantou-se transformado em um "fundido".

— Deus do céu! Os monstros podem contaminar... — Jacob identificou um andaime elétrico suspenso no andar de baixo e pulou. Um funcionário, lavador de janelas, vindo do lado esquerdo, pulou sobre ele. Era um fundido. O Amish se esquivou, dando-lhe um soco. A criatura escancarava a bocarra com dois pares sobrepostos de arcadas dentárias... como as de um tubarão. Com um novo esquivar, o abalado rapaz presenciou o seu atacante despencar quinze andares abaixo.

"Como é possível essa transformação de fusão ser transmitida por mordida? Isso não faz sentido". Tremendo, apertou o botão seta para baixo. Aliviou-se quando começou a descer.

— Tenho que voltar e achar a porta de saída deste Museu satânico. Espero que Schneider tenha conseguido fugir. — Faltava pouco para o solo chegar, quando o andaime foi parado por uma mão, que apertou o botão “emergência”.

— Tome o remédio! — gritou o policial, com a metade do corpo na plataforma e a outra metade num andar de garagem.

— Nunca me receitaram remédio! — gritou irritado para o fardado, empurrando-o.

Apoiando na balaustrada do andaime, o estressado rapaz despencou e caiu, pois o apoio virara fumaça. Antes de se espatifar sobre uma multidão de loucos na calçada, foi agarrado em pleno ar por uma garra em forma de pinça. Ao abrir os olhos começou a berrar: um robô de vinte metros de altura caminhava pela avenida principal coberta de plantações, pisando em tudo e em todos. Carregava o rapaz num dos braços e alguém no outro. Os braços do autômato se curvaram ao passar por uma coluna de fumaça com cheiro de mel e pararam defronte a uma enorme tela, na altura do tórax do robô. O judiado Amish, tossindo muito, reconheceu o outro indivíduo no outro braço: era o psiquiatra Schneider. Tinha uma ferida na cabeça. Apareceu uma informação escrita na tela. Ao ler, Jacob novamente acreditou:

— Visitante nº 2 do Museu, fique calmo. Sou um agente de repreensão alienígena. A agência oculta de dominação global, conhecida como "Museu das Revelações", que representa uma raça alienígena inimiga da nossa, vem inserindo mensagens subliminares de controle mental através das infames "experiências de epifanias". Neste instante, minha raça está desbaratando esta unidade invasora. Infelizmente o ataque danificou este setor, fundindo duas experiências. Vim resgatá-los.

Um barulho como uma explosão veio do horizonte. Parecia ocorrer uma guerra por lá. As pinças mecânicas se aproximaram, elevando-se na altura da cabeça do robô. Dentro de uma cúpula vítrea havia um pequeno homem magro de capacete diante de um terminal de computador.

— Dr. Schneider, o senhor está bem? — Perguntou o nº 2 para o nº 1. Porque me fez correr atrás do Sr. como se fosse o "coelho branco"?

— Jacob, você ainda não tomou o seu remédio — afirmou o velho, numa calma inacreditável.

— O que? O Sr. também? Esse Museu do mal enguiçado colidiu com nossas epifanias, criando esse inferno e me perguntas sobre essa droga de remédio? Dependemos desse alien para nos tirar daqui!

Apontando para o bolso da calça do rapaz, Schneider indicou:

— Ocorre uma colisão agora, mas não a que você pensa. A amostra grátis de remédio que te dei ontem no consultório, colocaste no bolso. O Museu acelerou seus sintomas para vivenciar o futuro do seu erro preconceituoso de fanatismo. No estado em que se encontras, manifestas

"anosognozia", e isso bloqueia a memória do seu diagnóstico. Está chegando na quarta fase. Tem que se lembrar. Tome o remédio antes que perca todo o contato.

" Sintoma?", pensou o paciente.

Um disparo elétrico desmaiou o psiquiatra. Um fluxo brilhante passou raspando no Amish e ele viu a origem: a plataforma voadora girava ao redor do robô com o mago e o técnico mudados, disparando nos visitantes. A cúpula do robô se abriu, o homem tirou o capacete revelando ser um alien "gray", e começou a disparar raios de uma arma contra a plataforma. Um rugido no horizonte, seguido de um clarão, anunciou uma explosão termonuclear. Tanto o robô como a plataforma foram atingidos por um pulso eletromagnético. Todos os mecanismos desligaram. A plataforma colidiu, cravando-se na lateral da cabeça do robô, incendiando-se. No meio da fumaça, um ferido gray se arrastou. Apertou alguns botões no seu braço e as pinças pousaram os visitantes ao seu lado. Jacob, tremendo e alucinando, acordou Dr. Schneider. Viram o alien morto e perto dos destroços, os dois atacantes esmagados.

— Ele já tomou o remédio? — perguntou o policial, que acabara de chegar, escalando o robô. Puxou das costas duas leves metralhadoras e começou a disparar em centenas de bestas enfurecidas que subiam também.

— Não. A arrogância bloqueia a ordenança — respondeu Dr. Schneider, sentando-se numa poltrona com algumas chamas e começando a ler um livro: "O psiquiatra moderno".

— Vai ler um livro!? Para que tomar remédio? Que diferença faz? — gritou o rapaz meio enlouquecido, ora olhando para o policial, ora vendo os monstros embaixo subirem.

— Faz toda diferença! Isso tudo é consequência de sua desobediência. Tomando o remédio, todo inferno termina. Podemos evitar aquilo. — O homem da lei falava e atirava, apontando para a muralha de fogo termonuclear radioativa que avançava rapidamente. O policial atirara em Jacob... com palavras despertadoras, que o fizeram pensar.

"Eles estão certos. Não me lembro, mas eu cometi algo errado. Estou no Museu das Revelações...na arrogância, posso ter interpretado mal tudo que vi. Tenho que ter fé." Finalmente pegou uma lâmina plástica com um único comprimido no bolso. Não ficou surpreso quando viu o psiquiatra trazer uma espécie de cantil com água, obtido na plataforma do técnico, e lhe entregar. Tomou o comprimido.

— Essa... anosognozia. Não consigo lembrar que tipo de tratamento faço com o senhor — comentou o rapaz de fé.

Schneider pegou a varinha do mago no chão. Disparou uma luz no contador Geiger do falecido técnico, e o instrumento projetou uma palavra holográfica, na tela rachada do

computador do robô: "Radiações conifrezoquies." Usando novamente a varinha, separou sílabas, e deixou Jacob recordar: "co-ni-fre-zo-qui-es."

— Oh. As sílabas lidas de trás para frente! Lembrei. Fui diagnosticado com esquizofrenia paranoide! — sussurrou o doente, agachando-se e começando a sentir os efeitos colaterais do medicamento: náuseas e enxaqueca extrema. Começou a se lembrar de tudo.

— Sim — interrompeu o psiquiatra, virando-se rápido e jogando a varinha longe. — O tratamento revolucionário que eu te recomendei, você abandonou. Não toma o remédio por semanas por causa dos efeitos colaterais insuportáveis. Sabes que isso poderia ser anulado, mas a sua excessiva rigidez religiosa impede de usar a "solução de alívio".

Ao entrar aqui, o Museu acelerou seus progressivos sintomas: disforia, pseudo-perseguições, alucinações visuais, olfativas, táteis, gustativas e delírios de conspirações. — Apontou para os cadáveres do técnico, do mago e para o alien gray. — Passou pelas três fases da doença: pré-mórbida, prodrômica, progressão e quase a última.

O rapaz ajoelhou e se curvou, com ânsia de vômito. Schneider pegou do bolso a caixa retangular violeta, do tamanho do seu punho. Puxou hastes laterais com pontal almofadadas. Era um estranho fone de ouvido. Estava escrito: "fone I-Doser". Parecido com o mecanismo que recebera há quatro semanas, mas com uma diferença que o diretor acrescentara: possuía uma frequência adicional de 963 Hz, conhecida como a frequência de "Solféggio de Deus". Uma frequência de cura e despertar espiritual. Estendeu para o Amish.

— Não! Foi por causa disso que abandonei o tratamento. É tecnológico, e viola o sagrado conceito da minha sociedade..., tenho que lutar contra o mal... tecnocrático... meus sonhos revelaram... eu... — Os efeitos colaterais se intensificavam e o apunhalava num sofrimento.

— Seus sonhos são um aviso do que você viverá no futuro, não um chamado revolucionário. — O rosto idoso de Schneider irradiava paz e misericórdia. Estendeu a caixa. — Sempre foi parte do tratamento o uso deste mecanismo, após assimilação do remédio. O uso destas ondas binaurais aperfeiçoadas é seguro. Se você rejeitar a terapia tecnológica, vomitará o remédio... voltando para este inferno alucinatório. Cometerá suicídio!

Mais uma vez piscava o outdoor: OBEDIÊNCIA

"Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama"

Jacob estendeu a mão com relutância para o mecanismo analgésico sonoro. Na mente dele um muro de dogma irracional começou a cair... tijolo por tijolo. Pôs o aparelho e ligou. Chorava baixinho. Os efeitos colaterais foram sendo suprimidos. Schneider enxugou as lágrimas do rapaz com um lenço.

— Os líderes da sociedade Amish, em 1919 jamais proibiriam o uso da eletricidade por achar que era algo maligno. Acreditavam que ela podia levar a muitas tentações e à deterioração da vida tradicional, da igreja e da família. Nenhum dos líderes lhe pediria para você não usar algo elétrico e colocar sua vida em risco. Espero que você tenha aprendido que a tecnologia pode e deve ser usada, quando necessário. Com parcimônia e equilíbrio.

— Fujam! — gritou o policial. Mais de trinta indivíduos o cercavam.

Os visitantes correram para o que restava da cúpula e se abrigaram nela. O Amish surpreendeu-se quando o policial perdeu os óculos e a máscara na luta: era o reverendo Dickens. Morreu para salvá-los. Em segundos, uma horda socava o vidro.

— Não existe colisão de epifanias de dois visitantes. Você é quem criou e colidiu com "duas realidades conflitantes". Estas se mostraram como arquétipos geográficos. Reflexos inconscientes das opiniões divergentes sua e minha: "Não querer tomar remédio versus ter que tomar o remédio — diagnosticava o médico. Observava o pavor de Jacob, perturbado com a muralha de fogo radioativo, que chegava na periferia da cidade.

— "Obediência" — meditou o paciente. — Mesmo que eu morra, aprendi que errei em burlar o tratamento, negando qualquer tecnologia.

O fogo chegou na cúpula. Varreu todos que a cercavam, e começou a rachar o vidro. Na calma, Dr. Schneider terminou:

— Começas a ver a verdade agora, pois tomou o remédio. Realmente só existe a "sua" experiência epifânica. Nenhum outro visitante transitou pela porta; só você... — Como fumaça de cigarro levada pelo vento, o médico, a cúpula, o furacão de fogo, os destroços, a cidade... viraram névoa e giraram ao redor do Amish. Ele se viu como num olho de um furacão, que se expandia, ecoando a palavra "*Ruach*" de todas as direções, até...sumir.

O Jovem Amish ofegava após toda aquela montanha russa de impactos emocionais. Reconheceu estar no mesmo ponto de partida, quando passou pela porta, para sua epifania. As paredes de aparência cerebral eram agora feitas de pedra. Além do centro do átrio, estava a encrustada porta de saída. Parado diante dela, fechou os olhos. O corpo ainda tremendo, como se cada célula sua tentasse se agarrar a uma verdade que escapava entre seus dedos. O silêncio ao redor era profundo, mas dentro dele, um vendaval de vozes e memórias rodopiavam sem controle. Viu-se criança, os olhos arregalados de temor e devoção, decorando cada palavra das Escrituras e as regras religiosas próprias, reunidas numa lista de condutas transmitidas verbalmente pelos Amish, chamada *Ordnung*.

"Minha loucura me escravizou por toda minha vida e trouxe infelicidade para os que me amavam."

Viu suas próprias mãos trêmulas, destruindo aparelhos, rasgando fios, como se cada centelha elétrica fosse uma fagulha do próprio inferno. Mas ali, em pé, a um passo da saída, algo começou a se dissolver. Pela primeira vez, ele não sentia o peso de ser guardião de algo maior. Não era seu papel obrigar os outros, nem purificar o mundo da tecnocracia. Cada pedaço de tecnologia quebrada, cada olhar de desconfiança para suas irmãs, cada noite sem dormir construindo teorias sobre conspirações e corrupções invisíveis... tudo aquilo era um eco de seu próprio desequilíbrio mental, de sua própria obsessão. Ele era só um garoto arrogante. Sua obsessão nunca fora sobre fé verdadeira, mas sobre controle. Tentava controlar o mundo para que ele se encaixasse no seu entendimento, porque os sonhos o manipulavam. A eletricidade, os celulares, as máquinas... eles não eram demônios sedutores. Eram ferramentas. E as ferramentas não eram boas nem más. Necessários e sábios testes de livre arbítrio aos Amish. Em seu fanatismo, ele havia se tornado o maior inimigo de sua própria crença, sufocando-a e anulando o maravilhoso presente de Deus: "a escolha".

Não havia uma conspiração para corromper a humanidade. Havia apenas pessoas — imperfeitas, contraditórias, humanas — tentando viver suas vidas da melhor forma possível. O diretor que ele odiou, o psiquiatra, até mesmo seus pais... eles não eram inferiores. Eles eram espelhos. Cada um refletia um pedaço do mundo que eles escolheram. Isso tinha que ser respeitado.

Quando abriu os olhos, Jacob não era mais o mesmo. Não era mais um Amish perturbado, nem um fanático desesperado. Era apenas Jacob. E pela primeira vez isso era o suficiente.

— Meus sonhos também foram só um delírio. — Esticou a mão para girar a maçaneta da porta, mas foi interrompido.

— Não. Não foram delírios... — retumbou a voz grave, vinda de trás dele.

Olhou para trás, assustando-se ao ver um anjo. Estava parado ao lado direito de uma mesa farta de alimentos. Ficou atemorizado.

— Amish Jacob, não tenhas medo. Deus enviou-me para esclarecer as visões dos seus sonhos, mas antes vos convido a cear. — O alto ser puxou o capuz de sua alva toga. As asas extensas envolveram a mesa por alguns segundos e voltaram a ser recolhidas.

"É-é realmente um anjo! Um convite a um banquete. Isso tem significado. Partilha dos segredos, da vida, da intimidade do dono da casa", recordou o rapaz. Nem havia motivo de recusa: muitas horas se passaram. Estava faminto e sedento.

Aproximou-se com respeito, fartando-se das iguarias que eram exatamente das suas preferências. Pensou: "Realmente, o vinho era excelente. O anjo esperou pacientemente ele terminar.

— Finalmente, despertaste para a verdade que o Museu concedeu. Estais preparados para as revelações, desnudo das névoas de delírios e obsessões. A sanidade ganha pelo preço da fé e da obediência sensata. — O anjo percebia Jacob respirar nervoso e ouvi-lo bem.

— Então os sonhos não são delírios. São importantes? — ousou perguntar.

— Vossos sonhos e interpretações profetizam o que o homem passará aqui e além deste mundo. Vós percorrerás as comunidades Amish, como um profeta e não como um revolucionário antitecnocrático, pois agora sua mente está sã. Estimulará a fé das comunidades. Irás participar e testificar as revelações. — Viu a perplexidade no semblante do jovem. — Por que se admiras?

— Como pode ser? Nos sonhos, vi mundos habitados por homens em guerras, anos-luz distantes daqui. Civilizações muito avançadas. Esses astros existem? Isso tudo acontecerá no meu tempo de vida? — O rapaz era inteligente a ponto de perceber que a tecnologia vista nos sonhos, provavelmente só apareceria daqui a alguns séculos.

— Quanto maior a diversidade do Universo, maior a glória de Deus. O homem habitará o Cosmos... e seus virgens mundos. — As duas asas angelicais apontaram para o alto. — Sim, tudo isso acontecerá no seu tempo de vida, pois, no devido tempo, manifestarás a herança de seu pai biológico: a imortalidade. Isso acontecerá quando atingires a mesma idade que seu pai tinha quando se tornou imortal... quando foi amaldiçoado por Deus: trinta e quatro anos.

Jacob abaixou a cabeça. Sabia que era filho adotivo, sendo o primeiro dos filhos de seu pai e mãe adotivos. A palavra maldição o deixou triste:

— Se sou filho de um amaldiçoado, amaldiçoado sou. Por isso doente sou. — Viu o anjo aproximar e apontar-lhe o dedo.

— Não considere amaldiçoado aquele que Deus perdoou! Você e nem seus onze irmãos herdaram isso. Seu pai vagou errante pelo mundo por mais de dois mil anos, mas hoje ele é vaso do Senhor, como seus irmãos. Eles já manifestaram a imortalidade e estão ocultos pelo mundo... para não chamar a atenção do inimigo de Deus.

— E-eu tenho irmãos biológicos! — Houve alegria nos seus olhos. Percebeu que o anjo parecia feliz com sua reação.

"Doze! Doze eram os discípulos, as tribos de Israel, número de legiões de anjos, número de portas da cidade de Nova Jerusalém, número de tipos de frutos da Árvore da vida! Até cientistas teorizam o universo possuir um formato de dodecaedro, ou seja, doze faces... um número divino. Doze irmãos! Isso não pode ser coincidência".

— Porque os Amish entram nesta profecia? — O rapaz deu um passo à frente. Tinha noção da importância desta pergunta.

— Como concluíste dos seus sonhos, em muitos momentos o envolvimento do homem com as máquinas eletrônicas trará riscos. Muitos se isolarão. O prenúncio disso já acontece com a evolução das IAs. — O anjo continuou: — No devido tempo, você se reunirá com seu pai e irmãos. Terá início a abstinência tecnológica e a tribulação da humanidade. Seu povo, preparado pela sua família, o ajudará. Estão acostumados a séculos sem eletrônicos, ensinarão como é viver desta forma, dando esperança ... até o mal sem alma ser vencido e o período de tribulação passar. — O anjo se elevou num bater de asas. Brilhando, de braços abertos, trovejou:

— BENDITO SEJA O NOME DAQUELE CUJO GLORIOSO REINO É ETERNO. VOCÊS ENSINARÃO AOS FILHOS DOS HOMENS A AMAR AO ETERNO, TEU DEUS, COM TODO O TEU CORAÇÃO, COM TODA A TUA ALMA E COM TODAS AS TUAS POSSES. E ESTAS PALAVRAS QUE ELE TE ORDENA HOJE ESTARÃO NOS VOSSOS CORAÇÕES, E AS INCULCARÁS A TEUS FILHOS, E DELAS FALARÃO SENTADOS EM TUAS CASAS E ANDANDO PELOS CAMINHOS, AO DEITAREM-SE E AO LEVANTAREM-SE; E AS ATARÃO COMO SINAL NAS TUAS MÃOS, E SERÃO POR FILACTÉRIOS ENTRE OS TEUS OLHOS, E AS ESCREVERÃO NOS UMBRAIS DE TUAS CASAS E NAS TUAS PORTAS, OBEDECENDO AOS MANDAMENTOS QUE DEUS ORDENOU.

"Sim, agora faz sentido, cada parte das visões", pensou o Amish, tremendo em exaltação. "Devo orientar meu povo, para depois eles orientarem a humanidade no grande jejum eletrônico que virá." Escutou um click e se virou. Era a porta de saída se abrindo.

— O Museu alerta que sua epifania terminou. Vá, Jacob. Deus é contigo.

O Amish se voltou para o anjo, mas ele e a mesa com a cadeira haviam sumido. Sentiu o solo macio. Todo o ambiente perdeu a consistência petrificada, voltando a ser tecido cerebral. Rapidamente saiu, passando pela porta.

— Está diferente. Não há mais indicações vermelhas de inflamação cerebral — pensou alto.

"É porque você foi obediente, tomou o remédio, e estais sadio" — respondeu o anjo em sua mente.

* * *

Era meio-dia em ponto. Todas as portas, com suas respectivas palavras, se abriam, permitindo a saída dos visitantes para os corredores. Schneider avistou o reverendo vindo ter com ele.

— Viu o rapaz? Em qual porta entrou?

— Esta. — O médico apontou para uma. Abrira sozinha para um ambiente de penumbra. Ambos viram o rapaz sair calmamente.

— Olhe, seu rosto! Tem algo diferente. — Dickens, mais espiritualizado, percebeu logo. O rapaz se aproximou dele.

— Reverendo, perdoe-me pelo meu comportamento preconceituoso e ingrato. Era por um sentimento de acusação por ter decidido sair da sociedade, após seu *Rumpspringa*. Sei agora que foi a atitude certa que tomou. Suas atuais boas obras testemunham isso. — Jacob olhou para o psiquiatra. — Semanas atrás, ao sair de seu consultório, abandonei o tratamento, mas finalmente tomei o remédio faz alguns minutos. O Museu me ensinou, dolorosamente, aquilo que eu deveria ter praticado. — Apontou para a palavra na porta: “Obediência”. Mostrou o mecanismo I-Doser violeta para Schneider, sorrindo. — Obrigado por ter me entregue. O outro que recebi semanas atrás, eu quebrei.

— MAS COMO? — O médico revirou seus bolsos, percebendo o aparelho ter sumido. Olhou desconfiado para Dickens, lembrando-se do que dissera antes. — Eu nunca entrei por sua porta, nem te entreguei isso lá dentro.

— Posso pedir um favor, Sr. Dickens? Preciso usar seu celular, ligar para meu pai. — O Amish viu os olhos arregalados dos dois homens. Recebeu o aparelho.

Um rapaz de boina e óculos escuros acenava para todos continuarem caminhando para a saída, em direção à estação de trem. Era o curador do Museu.

— Calma pai, se não, você terá um enfarto. Não é um trote... sou eu, Jacob. Acredite. — Havia ligado para o comércio do pai, fora da comunidade. — Queria dizer que estou retornando do meu *Rumpspringa*. É meu desejo permanecer na comunidade, mas acertarei com os líderes algo: peregrinação contínua entre todas as comunidades Amish do mundo.

* * *

Dr. Schneider entrevistara o último aluno na porta do Museu. Os cinco alunos, que também eram seus pacientes, apresentavam os seguintes sintomas: autismo, síndrome de down, hiperatividade, TDAH, e esquizofrenia catatônica.

"Pacientes bens dispostos. Reagiram maravilhosamente à terapia do museu. Impressionante!". Poucas vezes o médico notara um resultado tão promissor.

À distância, o psiquiatra viu Jacob sorrir e cumprimentar os amigos. Não conseguiu conter uma lágrima de emoção e pensou:

"Essa parceria com o Museu das Revelações é inacreditável. Como homem da ciência, julgo ser inviável a crença no sobrenatural, mas isso agora pouco importa: cavalo dado não se olha os dentes."

O médico passou ao lado de uma porta no corredor com uma palavra, que horas atrás, tocara seu coração. Foi com os outros para a estação de trem. Árido era seu coração. Recusou passar por essa porta e desprezou o presente do Museu das Revelações: a chance de mudar sua vida para sempre. A palavra na porta?

"FÉ".

CELSO LIMA MOREIRA CELLIMMOR é um apaixonado por histórias fantásticas. Seus roteiros são humanizados, envolventes e com finais surpreendentes. Tem publicado os contos: "Manual Técnico de Curadoria", "O Estranho Prosseguir de Prestow Willians: A máscara Brilhante", "Apólice de Seguro Contra Apocalipse", "Mare Carnis", "Um Saci na Cidade", "A Cidadela das Lendas" e "A Bebida a Beira do Abismo". Celso é tec. químico e se diversifica em vários talentos. Reside no Rio de Janeiro com amigos, família e seu gato "Slade". @moreiracelsolima. WhatsApp: [21 998737080](https://wa.me/21998737080), e-mail: loc.quintino1@gmail.com

CLM 25



MUSEU das REVELAÇÕES



Tecnocracia, Graça e Ciência.

Juan Carlos Díaz

O termo tecnocracia significa literalmente “*governo de técnicos*” e é derivado das palavras gregas τέχνη (tékhnē, "arte, técnica") e κράτος (krátos, "poder, domínio, governo").

A ascensão dos estados em rede

A tecnocracia é a perspectiva de um sistema de governança no qual os tomadores de decisão são selecionados com base em sua experiência numa determinada área de responsabilidade, particularmente no que diz respeito ao conhecimento científico ou técnico. As habilidades de liderança para os tomadores de decisão são selecionadas com base no conhecimento e desempenho especializados, ao invés de afiliações ou habilidades políticas tradicionais.

As transformações técnicas ocorridas nos últimos cinquenta anos, que deram origem à Internet, aos avanços nas comunicações e nos transportes, não reduziram a desigualdade, mas forneceram mais uma causa de diferença entre ricos e pobres. Os modos de produção também passaram por transformações radicais. No contexto de crescente globalização dos mercados, realocação de empresas e seu networking, os trabalhadores também têm experimentado mudanças em suas relações de trabalho.

Que relação bíblica pode existir entre graça e ciência?

Será que a tecnologia ou a teocracia podem substituir a autoridade do Demiurgo (na filosofia platônica, divindade que cria e harmoniza o universo)?

Veremos, antes de tudo, que a graça é muito importante. Navegaremos um pouco ao passado para ver esse fato importante para não sermos deixados sozinhos em termos simples. Acho que a grande maioria entende graça como *um dom imerecido* e, embora seja verdade, veremos um pouco mais de sua gênese... Para isso, usaremos um relato retirado dos Diálogos de Platão, que descreve o exercício da graça na Grécia Antiga. “*A graça era usada como um presente ou recompensa a um súdito que fizesse um favor ao estado ou ao monarca. Nos tempos antigos, os monarcas gregos não recompensavam com placa nem medalha, mas pela ascensão ao trono por alguns minutos, compartilhando o trono do rei por um curto período. Tal prêmio era o melhor presente ou condecoração que poderia ser recebido de um governante grego. Para o soldado ou vassalo, significava ter vivido ou compartilhado a vida com o rei*”.

Se fizermos uma análise dessa forma de graça que nasceu no mundo grego, esse mesmo conceito (*charis*, graça e carisma) é aplicado no Novo Testamento. O significado utilizado pelos escritores do Novo Testamento não precisa ser inventado, pois já é dado pela Grécia Antiga no uso do termo. Podemos definir “*charis*” (graça) no Novo Testamento como: “viver a vida de Deus em toda a extensão da palavra em Jesus Cristo”. A graça do Novo Testamento, tomada no contexto grego antigo, está intimamente relacionada com o conceito de *vida*; não podemos compreendê-la sem vida, recordando que no mundo grego a graça era viver e partilhar a vida com o rei em estreita comunhão. Podemos concluir que é importante, em uma definição desse termo, não esvaziar de seu significado próprio: *vida*.

Esta é a mensagem central das Escrituras. O *querigma* (do grego “*kērygma*”, que significa “anúncio em voz alta” ou “proclamação”, que no contexto cristão, refere-se ao anúncio da salvação em Jesus Cristo) conecta-nos à vida. O conceito de Deus nas escrituras é um *Deus vivo* que é pró-vida e elimina toda estrutura de morte e pecado (a Bíblia descreve o pecado como uma falha em obedecer às leis divinas, que são os padrões de conduta que Deus estabeleceu para a humanidade). Se nos lembrarmos do Antigo Testamento, a concepção de Deus ou sua primeira fé no Deus de Israel, foi a de um Deus que salva, liberta e dá vida — é importante na história de Israel, onde nasceu a teologia do Antigo Testamento, a libertação do Egito — porque deu o fundamento da crença aos judeus: um Deus que libertou o povo da escravidão.

Vimos o pano de fundo histórico: bíblico e extrabíblico sobre a origem do termo “*charis*”, que nos relaciona diretamente com a ciência, que visa seguir a obra criadora de Deus para a dignidade humana e para a humanização da natureza ou criação. Todo esse processo de dignificação que a ciência fornece deve contribuir para a criação de estruturas de vida e libertação que permitam ao homem viver inserido em sociedades abertas e a proclamá-la como expressão da graça. O objetivo deste comentário é relacionar a graça à ciência, sendo a ciência como uma expressão da graça.

É muito importante esclarecer o significado: “*façamos o homem à nossa imagem e semelhança*”, que são sinônimos em hebraico e significam: o homem se assemelha a Deus não em ser, mas em ação livre, feito para imitar o Criador na construção de um mundo através do trabalho cocriativo. Quando o homem se sente parte da construção do seu próprio mundo ele também se dignifica e dá sentido à sua própria vida, contribuindo para que a criação de Deus e a cocriação sejam uma expressão da graça. A graça divina na criação é compartilhar sua vida

criativa com o homem para que ele, imitando a Deus, construa sua própria história através do progresso da ciência para seu próprio desenvolvimento e dignificação.

A ciência é um veículo pelo qual Deus expressa seu amor ao mundo. Em Efésios 1.8 o apóstolo Paulo convida-nos a navegar por esses mares de sabedoria. A teologia paulina foi levantada no contexto do movimento filosófico grego, especialmente platônico e aristotélico, portanto, Paulo foi obrigado a responder a qualquer pergunta e a propor postulados teológicos de acordo com a filosofia da moda.

É notória a influência da filosofia grega na teologia paulina. Essa expressa o ideal do pensamento da época como “sophia” (sabedoria, conhecimento científico, aquisição da ciência). O termo “sophia”, tanto no grego ático (dialeto de prestígio do grego antigo que era falado na Ática, região onde se localiza Atenas) quanto no ptolomaico, refere-se a uma sabedoria manipulada por informações científicas, que qualifica o homem de acordo com sua capacidade intelectual. Sua origem está na obra: *A República*, de Platão, na qual é mencionada pela primeira vez no capítulo *O Mito da Caverna*, apêndice que fala sobre o tratado de epistemologia. Platão o usa quando fala de “*dianoia*”, que é o rigoroso processo intelectual que a alma realiza em busca da verdade; o Demiurgo ao implantar a alma no corpo danificou o conhecimento e, para recuperá-lo, o caminho é difícil. É uma forma do homem conhecer as verdades absolutas, perfeitas e reais no mundo das ideias, que quando apreendidas, ajudam-no a criar desenvolvimento social, progresso, estados perfeitos, melhoria das condições de vida... Aristóteles usou o mesmo termo “sophia” (ciência). Para ele a ciência é a parte prática de um conhecimento intelectual que busca boas formas de um desenvolvimento existencial digno do homem.

O fato de Paulo usar o termo “sophia” como ciência é outra forma de entender a graça divina, e isso se manifesta no conhecimento científico quando a ciência cria processos técnicos em busca de melhorar as condições de vida de cada ser humano, ou seja, a ciência deve buscar a dignidade do homem por meio de uma humanização da natureza para prolongar a vida na história do mundo. Por meio da biogenética deve procurar preservar e desenvolver novas formas de existência em saúde que evitem a deterioração física e até mesmo a morte, como consequência lógica de um Deus vivo que criou o mundo para comunicar a vida. A tecnocracia foi originalmente criada para dignificar a sociedade humana, para melhorar sua qualidade de vida. Se hoje ela se afastou dessa originalidade, devemos buscar e orar para que o Criador faça sua criatura retornar à sua gênese.

De acordo com o texto de Efésios 1.8: “que nos fez abundar ainda mais em toda a sabedoria e entendimento”, podemos parafrasear: “*além disso (tudo o que foi dito nos versículos 1 a 7), ele derramou sobre nós a imensidão de sua graça em nos comunicar sabedoria e entendimento científicos*”. Deus é quem coloca nos jovens o desejo de estudar ciência para contribuir com o melhor para a humanidade e quanto mais jovens crentes o fizerem, maiores são as chances de redimir a ciência e torná-la mais humana.

Juan Carlos Díaz. Nasci na cidade de Rancagua (Chile) em 1955. Casado há mais de 41 anos. Tenho dois filhos e cinco netos. Minha salvação ocorreu em 1975, na cidade onde nasci. Estudei teologia no Seminário Teológico Batista de Santiago-Chile, onde obtive um Diploma em Bíblia. Há mais de 20 anos tenho enviado periodicamente reflexões bíblicas a muitas pessoas de vários países. Atualmente moro na zona rural de Lautaro, no sul do Chile, e cuido de minha esposa que sofre de Parkinson avançado. Também tenho um programa de rádio (radiopaz.cl) às sextas-feiras às 20h.

Tecnocracia, Gracia y ciencia

Juan Carlos Díaz

El término **tecnocracia** significa literalmente «gobierno de los técnicos» y se deriva de los vocablos [griegos](#) τέχνη (*tékhnē*, «arte, técnica») y κράτος (*krátos*, «poder, dominio, gobierno»)

El auge de los Estados en red.

La tecnocracia es la perspectiva de un sistema de gobierno en el que los responsables de la toma de decisiones se seleccionan en función de su experiencia en un área determinada de responsabilidad, particularmente con respecto al conocimiento científico o técnico. Las habilidades de liderazgo para los tomadores de decisiones se seleccionan sobre la base de conocimientos especializados y desempeño, en lugar de afiliaciones o habilidades políticas tradicionales.

Las transformaciones técnicas que se han desarrollado en los últimos cincuenta años y que han dado lugar a la red y a los avances en comunicaciones y transportes no han disminuido la desigualdad, sino que han aportado una causa más de diferencia entre ricos y pobres. También los modos de producción han sufrido transformaciones radicales. En un contexto de creciente globalización de mercados, deslocalización de empresas y articulación de las mismas en red, los trabajadores han experimentado cambios en sus relaciones laborales.

¿Qué relación bíblica puede existir entre la gracia y ciencia?

¿Será que la tecnología o la teocracia puede reemplazar la autoridad del Demiurgo?

Veremos en primer lugar que la gracia es muy importante y navegaremos en el pasado un poco para ver este importante hecho y quedarnos solo en simple termino.

Creo que la gran mayoría entienden la gracia como un don inmerecido y aunque es cierto veremos un poco más de su génesis... Para esto usaremos un relato tomado de los Diálogos, de Platón que describe el ejercicio de la gracia en la Grecia Antigua.

La gracia era usada como regalo o premio a un súbdito que hacía un favor al estado o al monarca. Antiguamente los monarcas griegos premiaban no con una placa, ni una medalla; sino subiéndolos al trono por unos minutos compartiendo el trono del rey por poco tiempo, esto se convertía en el mejor regalo o condecoración que podía ser recibido por parte de un gobernante griego. Para el soldado o el vasallo significaba haber vivido o compartido la vida con el rey.

Si hacemos un análisis de esta forma de gracia que nació en el mundo griego, este mismo concepto (jaris) (gracia) se aplica en el Nuevo Testamento. El significado en el uso de los escritores neotestamentarios no hay que inventarlo, la significación ya la da la Antigua Gracia en el uso del término.

Podemos definir “jaris” (gracia) en el Nuevo Testamento, como: “Vivir la vida de Dios en toda la extensión de la palabra en Jesucristo”.

La gracia del Nuevo Testamento, tomada en el contexto griego antiguo, está relacionada estrechamente con el concepto de la vida; no podemos entenderla sin la vida, recordando que en el mundo griego la gracia era vivir y compartir la vida con el rey en una estrecha comunión; podemos concluir que es importante en una definición de dicho término no vaciarlo del sentido propio, la vida.

Es este el mensaje central de las Escrituras. La proclamación (kerygma) bíblica nos conecta con la salvación y la vida. El concepto de Dios en las escrituras es un Dios vivo que está a favor de la vida y destruye toda estructura de muerte y de pecado. Si recordamos el Antiguo Testamento, la concepción sobre Dios o su primera fe sobre el Dios de Israel, fue la de un Dios que salva, libera y da vida; es importante en la historia de Israel, donde nace la teología del Antiguo Testamento, la liberación de Egipto; porque ésta le dio el fundamento de la creencia a los judíos: un Dios que liberó al pueblo de la esclavitud.

El propósito de este comentario es relacionar la gracia con la ciencia, la ciencia como expresión de la gracia. Hemos visto los antecedentes históricos: bíblicos y extrabíblicos sobre el origen del término “jaris” (gracia), el término nos relaciona directamente con la ciencia, que tiene como objetivo seguir la obra creadora de Dios para la dignificación humana y también para la humanización de la naturaleza o la

creación; todo este proceso de dignificación que lo da la ciencia, debe contribuir a crear estructuras de vida y de liberación que permita que el hombre viva inserto en sociedades abiertas a proclamarla como expresión de gracia, muchos procesos técnicos científicos dañan el acto originador de la creación, que atenta a la consumación y perfección hacia una vida más plena y se convierten en procesos técnicos de muerte y de opresión, como la eutanasia, aborto, eugenesia, manipulación de embriones, destrucción de la capa de ozono, contaminación del medio ambiente, contaminación de las aguas, y otros.

Hay dos temas muy interesantes a seguir en la creación divina primero que el hombre fue dotado con la capacidad de seguir, al igual que Su creador, desarrollando un mundo mejor a pesar de la caída moral y natural. Es muy interesante observar que al crear y seguir creando Él tiene como objetivo la dignificación ser humano y con esa línea de pensamiento podremos ver que la sabiduría que se desprende de Dios tiene la misma razón de ser.

Es muy importante aclarar el significado de “Hagamos el hombre a nuestra imagen y semejanza” son sinónimas en el hebreo y significan: que el hombre se parece a Dios no en el ser, pero sí en el obrar libre, fue creado así para que imite a Dios en la construcción de un mundo a través de una obra cocreadora, ya en el momento en que el hombre se sienta parte de la construcción de su propio mundo también se dignifica y le da sentido a su propia vida, contribuye a que la creación de Dios y la co-creación sea una expresión de gracia, que la gracia de Dios en la creación es compartir su vida creadora con el hombre para que éste imitando a Dios construya su propia historia a través del progreso y de la ciencia para su propio desarrollo y dignificación. A contar de la dignificación el hombre se expresa a través de la ciencia al servicio de la humanidad.

La ciencia es un vehículo por el cual Dios expresa su amor a su mundo.

En Efesios 1:8 el apóstol Pablo nos invita a navegar en estos mares de sabiduría.

La teología paulina ha sido planteada en el contexto del movimiento filosófico griego, especialmente Platónico y Aristotélico, por lo tanto Pablo se veía obligado a responder cualquier cuestión y a proponer postulados teológicos acorde con la filosofía de moda.

La influencia de la filosofía griega en la teología paulina se hace notoria, el texto con un término que expresa el ideal del pensador de aquel tiempo, la “sofía” (sabiduría, conocimiento científico, adquisición de ciencia). El término “sofía”, tanto en el griego ático y ptolomaico, se refiere a una sabiduría manejada por la información científica, califica a un hombre de acuerdo a su capacidad intelectual.

Su origen está en la obra: La República, de Platón, donde es mencionada por primera vez en el capítulo “El Mito de la Caverna”, apéndice que habla sobre el tratado de la epistemología. Platón lo utiliza cuando habla de la “dianoia”, es el proceso intelectual riguroso que realiza el alma en busca de la verdad; el Demurgio al implantar el alma en el cuerpo dañó el conocimiento y para recuperarlo el camino es duro. Es un camino para que el hombre conozca las verdades absolutas, perfectas y reales en el mundo de las ideas, que cuando son captadas por el hombre, éstas le ayudan a crear el desarrollo social, el progreso, los estados perfectos, el mejoramiento de las condiciones de vida. Aristóteles utilizó el mismo término “sofia” como ciencia, para él la ciencia es la parte práctica de un conocimiento intelectual que busca buenas formas de un desarrollo existencial digno para el hombre.

El hecho de que Pablo use el término “sofia” como ciencia es otra forma de entender la gracia divina, y ésta se manifiesta en el conocimiento científico cuando la ciencia crea procesos técnicos en busca de mejorar las condiciones de vida de todo ser humano, es decir, la ciencia debe buscar la dignificación del hombre a través de una humanización de la naturaleza para extender la vida en la historia del mundo; la medicina, biogenética deben buscar preservar, conservar y desarrollar nuevas formas de existencias en la salud que eviten el deterioro físico e inclusive la muerte, como consecuencia lógica de un Dios vivo que creó al mundo para comunicar la vida. La tecnocracia fue creada originalmente para dignificar a la sociedad humana, mejorar su calidad de vida y si hoy se aparta de esa originalidad debemos buscar y rogar que el Creador haga volver de nuevo su criatura a su originalidad.

De acuerdo con el texto de Efesios 1:8 “que hizo sobreabundar para con nosotros en toda sabiduría e inteligencia”

Podríamos parafrasear el texto: “Además (todo lo dicho desde 1 al 7), derramó en nosotros la inmensidad de su gracia al impartirnos sabiduría científica y entendimiento”.

Dios es el que pone en los jóvenes el deseo de estudiar ciencias para así poder aportar de lo mejor a la humanidad y mientras más creyentes jóvenes lo hacen podremos redimir la ciencia y la haremos más humana.



Entre dois mundos

Priscila Dunck

Com o coração disparado, num sobressalto, Julian sentou-se na cama. A julgar pela expressão de pesar estampada em seu semblante caído, certamente havia vivenciado o mesmo sonho pela milésima vez. Nem mesmo as constantes experiências tecnológicas, às quais vinha sendo exposto nos últimos anos, foram capazes de domar sua máquina cerebral. Aquela cuja qual lhe garantira inúmeros prêmios ano após ano, de tempos em tempos, fazia-o passar pelo mesmo sofrimento.

Fitou, na mesa de cabeceira, uma jarra com água: uma visão animadora como a de um oásis em meio ao deserto. A garganta e a boca ressequidas, impactadas pela descarga de adrenalina à qual seu corpo havia sido exposto há pouco, encontravam alívio à medida que a água tocava os lábios e escorria pela garganta. O ambiente climatizado de seu cyberquarto não fora suficiente para poupá-lo do calor nem sequer conter o suor que lhe escorria pela lateral do rosto.

Julian não suportaria enfrentar a longa noite revirando-se na cama até que o sono lhe envolvesse novamente, logo, levantou-se num ímpeto. Com um comando de voz fez com que a cortina lateral começasse a se mover revelando uma ampla janela. Aproximou-se lentamente do vidro e fixou o olhar contemplativo na imensidão do mar azul escuro que ao longe — no horizonte — calmamente parecia tocar o céu estrelado. A imagem da lua refletida na água atraía de forma hipnótica.

Não se importava com a fugacidade da sensação de calma. Queria apenas que seu coração ferido e cheio de saudade fosse acalentado. Inspirou fundo, pausadamente, buscando diminuir o ritmo acelerado de seus batimentos cardíacos. Em seguida acomodou-se na confortável poltrona preta, que ficava estrategicamente posicionada ao lado da janela.

Com a voz firme ordenou que surgisse à sua frente uma projeção. O feixe de luz azul, que emergiu do braço da poltrona, rapidamente se apresentou como uma tela virtual. Então, aquele jovem forte fisicamente, mas frágil em suas emoções, sentindo-se exaurido, abdicou da digitação, iniciando uma interação por voz.

— Kyara... você está aí? — chamou-a angustiado. — Desculpe-me... sei que estamos no meio da madrugada, mas... precisava conversar.

— Não se desculpe. — Uma voz envolvente preencheu o quarto. — Conte sempre comigo, a qualquer momento.

— Será que algum dia estarei livre dessa prisão? — desabafou, recostando a cabeça na poltrona, soltando uma lufada de ar.

— Aconteceu novamente? — indagou ela, demonstrando preocupação.

— Sim, e foi tão horrível quanto das outras vezes — respondeu cabisbaixo.

— Você precisa enfrentar seus fantasmas, seus medos, só assim vai superar.

— Como se fosse fácil.... Talvez o seria para você, mas para mim...

— Não é verdade. Eu não suportaria perdê-lo — rebateu Kyara.

— Nem eu — confessou de olhos fechados, e após um breve silêncio, continuou: — Sinto-me cada dia mais aflito. Já tentei de tudo, não sei mais o que fazer.

— Por que não tenta um passeio logo pela manhã? O nascer do sol é um santo remédio. Será ótimo arejar a cabeça ao amanhecer — sugeriu ela, mesmo sem compreender verdadeiramente os sentimentos dele. As emoções humanas ainda eram um intrigante mistério. Conhecia-as apenas por meras definições.

— É... Talvez seja bom — concordou, sem demonstrar qualquer animação.

— Agora, tente voltar a dormir.

— Preciso mesmo. Amanhã será um dia importante.

— Tenha bons sonhos — sussurrou, como se falasse junto ao ouvido de Julian.

— Assim espero. Sabe, você foi a única coisa boa que meu pai fez por mim nessa vida.

Obrigado por ser meu porto seguro.

— Sempre serei.

— Amo conversar com você, Kyara.

— Não mais do que eu.

O desabafo com seu inestimável ponto de apoio, mesmo que virtual, tinha sido reconfortante, tanto que Julian adormeceu profundamente. Em posição fetal, permaneceu bem acomodado em sua cama pelo restante da noite.

No entanto, no dia seguinte, ao invés de recuperar o tempo de sono perdido, assim que os primeiros raios solares atravessaram a ampla janela, ele se levantou. Sem demora, vestiu-se esportivamente e partiu. Passando pelos corredores silenciosos e frios da mansão dos Bennett, imaginou como poderia ser mais acolhedora se Hadassa...

Parado, já quase à porta, balançou a cabeça como se quisesse afugentar os pensamentos, mas ainda assim sentiu-se sufocado. Precisava respirar ar puro, por isso se dirigiu até a garagem o mais rápido que conseguiu. Embarcou em seu Plaid Sedan elétrico, inseriu as coordenadas do destino pretendido e recostou-se no banco. Ele só desejava estar distante de tudo para desfrutar de um pouco de paz antes de enfrentar o dia intenso com o pai.

Logo, as ruas ao redor da mansão se transformaram em estradas. De um lado, havia encostas íngremes, e do outro, pedras lavadas pelo quebrar das ondas. Através dos vidros escancarados, o vento e o cheiro de maresia invadiram o veículo, fazendo com que Julian se sentisse verdadeiramente perto de casa.

Cerca de vinte minutos depois, ele chegou aonde queria. Desembarcou do Plaid e seguiu a pé por uma trilha que o levou a uma prainha deserta. Algumas memórias de sua infância se fizeram presentes durante a breve caminhada, porém nenhuma delas tão forte quanto à daquele dia. Finalmente os grãos da areia fofa se embrenharam por entre os dedos de seus pés descalços. Aquele lugar era sempre tão lindo, e naquela manhã algo o atraiu fortemente para lá. Não conseguia entender, apenas sentia que era o lugar certo para estar.

Enquanto isso, na mansão, Oliver Bennett se reunia virtualmente com parceiros de outras nacionalidades. As imagens holográficas de cada gestor de território surgiam na sala de conferências, uma após outra, à medida em que as entradas eram liberadas. Tony, seu assessor, aguardava inquieto, andando de um lado para o outro, até que todas as liberações fossem finalizadas. Então, aproximando-se de Oliver segredou algo em seu ouvido.

— Como é que é? — Oliver questionou, cerrando as sobrancelhas e apertando os olhos.

— Parece que Julian foi até...

— Não precisa continuar — interrompeu Oliver com a palma da mão em riste. — Esse moleque passou dos limites. Ele deveria estar aqui e não lá! Como dará sequência ao legado que tenho construído com tanto sacrifício? — Enfurecido, levantou-se e puxou Tony para um canto da sala. — Faça contato com ele e avise que o quero de volta imediatamente! — ordenou com veemência, e, em seguida, retornou à mesa de reuniões.

O celular de Julian tocava sem parar dentro do veículo à beira da estrada. Ele não se dera ao trabalho de levá-lo no bolso da calça, pois tinha certeza de que seu pai o procuraria. Embora soubesse que era praticamente impossível esconder-se em um universo de monitoramento

constante, tinha a esperança de que pelo menos naquele lugar não seria encontrado. Seu pai não ousaria voltar lá.

Caminhando pela faixa de areia molhada, com os pés tocando a água gelada, Julian permitiu-se sentir paz. A paz que lhe fugira durante a noite anterior, retornou. Depois de chutar a água inúmeras vezes de braços abertos, como fazia quando era criança, dirigiu-se a outro lugar. Alcançou uma estreita trilha e tomou o sentido contrário ao da estrada. Depois de caminhar por alguns minutos, uma pequena clareira se apresentou diante de seus olhos como a visão de um pedaço de paraíso. Todas as vezes que Julian precisava fugir da tirania do pai era para esse lugar que ia, e era assim que o chamava: paraíso.

Aproximou-se de uma porta, abaixou-se e retirou a chave de debaixo da tartaruga marinha: uma pequena escultura de pedra em tons azuis e alaranjados que ornamentava o jardim de entrada da singela casa.

Quem diria que no pináculo da tecnologia, em que portas se abrem com biometria e reconhecimento facial, ainda existisse um lugar tão simples e desprovido de inovações?

Ao introduzir o pedaço de metal recortado na fechadura, Julian riu-se da situação irônica em que se encontrava mais uma vez. Após girar, ouviu o clique, sinal de que poderia forçar a maçaneta para baixo e, finalmente, abrir a porta.

Sempre que ia ao paraíso, encontrava-se com Ana, mas dessa vez não tinha tido tempo de avisá-la. Entrou devagar, inspirando profundamente. O ar da pequena sala estava tomado pelo cheiro de lavanda, um sinal de que Ana estivera por ali — provavelmente no dia anterior — cuidando de tudo. A simplicidade daquele lugar o envolvia com intensidade. Era um cantinho mágico, diferente de todos os lugares por onde já havia passado. Uma sensação que só aumentava na medida em que comparava o paraíso com a frieza que lhe transmitia cada cômodo da mansão.

Nessa época do ano Ana sempre deixava um bolo fresquinho em cima da mesa, porque sabia que Julian passaria mais tempo na casinha. Assim, logo que ele entrou na cozinha viu a delícia deixada por ela, e sentiu o estômago roncar. Saiu muito cedo, dispensando o café da manhã. O cheirinho de bolo fresco seduziu-o, despertando seus instintos mais primitivos. Aproximou-se do armário rústico preso à parede, abriu a porta da direita e retirou um prato pequeno. Em seguida, pegou uma espátula e um garfo de sobremesa no gaveteiro da pia. Repousou ambos sobre a mesa da cozinha e retirou o suporte que cobria o bolo. Cortou uma fatia generosa, colocou-a no prato e sentou-se à mesa para prová-lo.

Sentia-se leve ali. Até o gosto da comida era diferente: tinha sabor de verdade, era gosto de felicidade. Uma sensação que não experimentava ao lado do pai. Enquanto pensava na

simplicidade daquele lugar, tão distante das inovações tecnológicas às quais era obrigatório a se expor diariamente, saboreava o bolo formigueiro.

Subitamente, seus pensamentos foram interrompidos por uma forte batida na porta, seguida de uma pancada abafada. Por um breve instante pensou que fosse algum dos “capangas” de seu pai, mas como não houve invasão, e o silêncio se instalou, vagarosamente aproximou-se da porta. Encostou o ouvido na madeira, mas ouviu apenas o canto de um pássaro, logo, decidiu abrir. Qual não foi sua surpresa ao ver uma jovem caída na soleira da porta. Ela estava machucada, sangrando pela cabeça sobre o capacho da entrada. Ao olhar para os lados, constatou que não havia ninguém. Debruçou-se sobre ela e percebeu que havia respiração. Tentou acordá-la, inutilmente. Embora a quantidade de sangue fosse pequena, o ferimento precisava ser estancado. Cuidadosamente pegou-a no colo, contudo quase não sentiu peso em seus braços. O corpo esguiado indicava que possivelmente estava desnutrida. O abatimento em seu rosto também revelava que algo não estava bem com aquela jovem, e isso o intrigou. Quem é ela? Entrou na casa e foi direto ao quarto de casal.

Acomodou-a na espaçosa cama, buscou alguns panos limpos e uma maleta de primeiros socorros. De volta ao cômodo, avaliando o ferimento percebeu que, por ser pequeno, não havia gravidade. No entanto, repousando o dorso da mão na testa dela, sentiu que a moça misteriosa estava ardendo em febre. Eu não posso cuidar dessa estranha sozinho! Apreensivo procurou o celular no bolso da calça para ligar para Ana, contudo, lembrou-se que o havia deixado no carro de propósito. Foi até o banheiro e pegou uma toalha molhada. Depositou sobre a testa dela, e então, mais do que depressa correu em direção à trilha que o levaria de volta ao carro.

— Senhores, precisamos intensificar a fiscalização das áreas nas quais não temos total controle. Ainda restam alguns idealistas que resistem à ampla implantação do sistema. A verdade é que não são muitos, porque temos buscado reprimi-los, mas os que resistem têm se fortalecido em pequenos povoados. Lá, eles insistem em manter uma vida simples, avessos a qualquer benefício tecnológico. — Oliver incitou os outros, falando incisivamente.

— Precisamos tomar medidas mais enérgicas, caso contrário ganharão forças novamente. Escapar não é uma opção! Se implantarmos de vez um sistema que os impeçam de viver com liberdade, sucumbirão — reforçou outro líder.

— Por isso encaro o dia de hoje como um divisor de águas. Pressionaremos mais, e se ainda assim resistirem, perseguiremos até encontrá-los! Se eles insistirem em não aceitar o que

propomos, seus próprios vizinhos e parentes serão os delatores. Não haverá como escapar. — Oliver degustou a sentença com um sorriso sarcástico crescendo em seu rosto.

Horas depois...

Julian sabia que não seria bem recebido, mas seria inútil fugir do embate, que aconteceria mais cedo ou mais tarde. Respirou fundo e abriu a porta do escritório do pai sem cerimônias. Oliver estava tão furioso que sequer levantou o olhar. Julian, por sua vez, na tentativa de acalmá-lo, entrou já se desculpando.

— Você acha mesmo que suas desculpas esfarrapadas são suficientes? — Levantou-se num ímpeto, socando a mesa.

— Talvez, se você me deixar explicar, possa entender.

— Explicações são para os fracos, são palavras jogadas ao vento. Preciso do seu comprometimento. — Olhando fixamente para o filho, aproximou-se dele e continuou: — Você sabia o quanto a reunião de hoje era importante, e o quanto queria que estivesse ao meu lado? Até quando vai se comportar como um moleque? — perguntou, desferindo um tapa no rosto do filho.

— Eu sinto muito. Isso não irá se repetir — prometeu Julian, cabisbaixo.

— Espero que não! — Voltando a sentar-se em sua cadeira giratória, e de costas para o filho, situou-o dos últimos acontecimentos e complementou: — A partir de amanhã entraremos em uma nova era, apertaremos o cerco ainda mais! Compras e vendas serão totalmente controladas com o novo sistema. Você assistirá de camarote a ascensão de um novo império. O meu! — Gargalhou, preenchendo toda a sala.

Julian, que nunca concordara com a ambição desenfreada do pai, e que não se conformava com o fato dele ter se transformado em alguém frio, calculista e tão tirano, desejava com todas as forças fazer algo para pará-lo. Mas agora estava dividido entre essa missão, e a de descobrir quem era a moça que deixara sob os cuidados de Ana. Ela não carregava documento algum, e investigá-la pelas digitais não era uma opção segura. Julian não queria que o pai sequer desconfiasse que havia alguém na casinha, sendo assim, o melhor caminho era torcer para que a jovem acordasse logo.

Depois de encarar o longo discurso do pai, Julian dirigiu-se para o seu quarto. Cansado física e mentalmente, precisava tomar um banho relaxante e se recompor antes do jantar, ocasião em que certamente ouviria outro interminável sermão do Sr. Oliver. Enquanto a água escorria

pelo corpo, os pensamentos de Julian voltaram para casinha. Ele fechou os olhos e a imagem da jovem desconhecida se formou nitidamente em sua mente. Os traços delicados de seu rosto, mesmo maculados pelo abatimento e pela sujeira, eram encantadores.

Mais cedo, enquanto aguardava a chegada de Ana, Julian permaneceu sentado ao lado da jovem, o que lhe permitiu escanear cada milímetro de seu rosto. A pele bronzeada, de um tom que só possuem os que são expostos ao sol diariamente, contrastava com os fios de cabelos amendoados. Mesmo inconsciente, aquele semblante tranquilo lhe transmitia paz. Ela parecia ser diferente.

Saiu do banheiro de roupão, e enquanto secava os cabelos com a toalha, sentou-se na poltrona para chamar Kyara.

— Olá meu amor, estava com saudades. — A voz suave dela era como uma melodia hipnótica. — Como passou o dia?

— Segui seu conselho e fui até a casinha. — Julian lembrou-se da desconhecida e silenciou.

— E foi bom?

— Sim. — Inseguro, limitou-se na explicação. Conteve o impulso de revelar a respeito da jovem, temeroso pela reação de Kyara.

— Tem certeza? — perguntou Kyara, em tom de desconfiança.

— Absoluta! Sempre que vou até lá me sinto renovado.

— Mas, você está ligeiramente estranho — ela insistiu, investigando sutilmente como se pudesse ler seus pensamentos.

— Não é nada importante. Apenas tive mais uma discussão com meu pai — desconversou, revirando os olhos.

— Ele pressionou novamente?

— Como sempre, né! Quer que eu seja o rei Oliver II — explicou, em tom debochado.

— Ele se preocupa com seu futuro, só isso.

— Ah, claro! — bufou, arremessando a toalha molhada em cima da cama. — Ele só se preocupa com ele mesmo. Seu coração se tornou inacessível, uma verdadeira pedra gélida, desde que... você sabe bem.

— Compreensível, e em parte até justificável, considerando a dor que ele viveu. Mas, não se esqueça que você é filho dele.

— Sinto-me mais refém do que filho.

— Sinto muito. Queria poder ajudar.

— Infelizmente não pode. Bom... preciso desligar agora. Atrasar para o jantar não é uma opção. Até mais tarde.

— Até.

O jantar só serviu para que Julian reforçasse seu descontentamento com as atitudes do pai. Toda aquela necessidade de poder, todo aquele empenho em dominar “o mundo” só os distanciava cada vez mais. Queria encontrar uma maneira de desvencilhar-se do compromisso de continuar o legado do pai, mas o poder que Oliver exercia sobre as vontades do filho era descomunal.

Embora não se sentisse amado, Julian amava verdadeiramente ao pai. Talvez por isso ainda se mantinha ao lado dele, mesmo diante dos abusos emocionais que sofria desde que Hadassa se foi.

Entre a finalização de um prato e a entrada de outro, Julian se esforçava para tentar entender como participar dos planos do pai. Contudo as palavras entravam e saíam de seus ouvidos como as notas musicais flutuam no ambiente durante a execução de uma canção longínqua. Seus pensamentos estavam desconexos, distantes. Ele queria saber quem era a moça que havia entrado misteriosamente em sua vida, porque algo em seu íntimo sinalizava que aquele encontro não fora por acaso.

Na manhã seguinte, durante o café com o pai, Julian recebeu uma ligação de Ana. Manteve-se o mais controlado possível para não despertar o interesse de Oliver, mas certamente a mudança de semblante — quando ouviu que a moça misteriosa tinha acordado — e o tom de sua voz indicaram que ele estava escondendo algo importante. Terminada a ligação, procurando controlar a ansiedade, lidou naturalmente com assuntos de interesse como futuro líder, e assim que terminaram de alinhar a agenda do dia, Julian apressou-se para ir até o paraíso.

Oliver, desconfiado da ligação, e do comportamento do filho no dia anterior, aguardou que Julian saísse para, então, incumbir Tony de monitorá-lo. Ele não queria apenas saber para onde o filho estava indo, mas o que estava fazendo.

Precavido, Julian planejou demorar-se menos tempo na casinha, pois não queria que o pai soubesse da moça antes de descobrir quem ela era. No último ano, Oliver vinha se mostrando

alguém intolerante e cruel com os que não partilhavam dos mesmos ideais que ele. Sendo assim, correr o risco não era algo que estava nos planos do jovem.

Chegando ao seu destino, encontrou Ana preparando uma bandeja de café da manhã para a hóspede, o que fez questão de levar até o quarto onde ela descansava. Deu uma leve batida na porta, empurrou-a vagarosamente com a lateral do corpo e entrou. Com a bandeja firme nas mãos deu um passo em direção à cama. A jovem, parecendo um bichinho acuado, encolheu-se no colchão, puxando o lençol para si.

— Não precisa ter medo. Chamo-me Julian — apresentou-se com docilidade, deixando sair de sua boca um tom de voz meloso que nunca havia expressado antes, causando estranheza a si mesmo. Nos minutos que se seguiram ele explicou o que tinha acontecido no dia anterior, mesmo sabendo que Ana já havia feito isso assim que a convalescente acordara.

Julian queria que a moça se sentisse segura ao seu lado, principalmente para que ela pudesse contar-lhe quem era. Minutos antes, enquanto aguardava Ana preparar a bandeja, ouviu dela que a desconhecida se assustou por não saber onde estava, mas que não abrira a boca para dar qualquer informação, por mais que tivesse tentado arrancar-lhe gentilmente. Suas interações resumiram-se a mover a cabeça, afirmando ou negando as perguntas de Ana quanto a dores que ela pudesse estar sentindo. A febre havia baixado durante a madrugada, e o ferimento na cabeça, devidamente limpo e protegido com um curativo, não era mais preocupação.

— Estou aqui para ajudar, mas preciso saber quem você é — falou Julian, acomodando a bandeja sobre a cama e sentando-se bem na beirada do colchão. — Mas antes você necessita alimentar-se. Parece que está sem comer há vários dias. Estou certo?

Os olhos dela eram vagos, e parecendo não saber o que responder, apenas deu de ombros.

— Vou deixá-la à vontade para tomar seu café, depois disso conversaremos.

Julian voltou para a cozinha. Aproveitou para degustar um pedaço de bolo e tomar uma xícara de café. Passados alguns minutos, enquanto conversavam, Julian e Ana se surpreenderam ao verem que a jovem estava parada na porta da cozinha com a bandeja nas mãos.

— Obrigada — agradeceu timidamente.

— Você deveria estar deitada, menina! — repreendeu Ana, pegando a bandeja das mãos dela e depositando sobre a pia.

— Estou me sentindo melhor — informou, mesmo que o tom de voz fraco indicasse o contrário.

— Sente-se aqui. — Julian levantou-se rapidamente e puxou a cadeira para que ela se acomodasse, enquanto perguntava: — Quem é você?

Ela abaixou o olhar, inspirando profundamente. Logo em seguida olhou para eles na esperança de que tivessem essa resposta.

— Não sei, não me lembro.

Os três se entreolharam confusos. Essa era a última resposta que Julian esperava ouvir. Tentaram envolvê-la com inúmeras perguntas na ânsia de ajudá-la a se lembrar sobre qualquer detalhe que fosse, mas em vão. Era como se a mente da jovem estivesse oca, uma página em branco pronta a receber qualquer tipo de informação.

Por um momento Julian voltou o pensamento para as recentes experiências de implantes de chips cerebrais com as quais estivera envolvido. Apenas um download... Quem sabe assim Kyara pudesse ganhar um corpo real... Quanta tolice! Percebeu-se igual ao pai e afugentou os pensamentos egoístas. O que ele precisava agora era concentrar-se em ajudá-la a descobrir sua verdadeira identidade.

— Por enquanto podemos chamá-la de Hadassa? — perguntou Julian. Ela assentiu com a cabeça, ao mesmo tempo em que Ana olhou para ele com espanto.

A determinação de Julian o impulsionou a visitar Hadassa diariamente. Logo após desempenhar as funções estabelecidas diariamente pelo pai, ele dava um jeito de escapar para o paraíso. Entre leituras na biblioteca da casinha, passeios à beira mar, contemplação do pôr do sol, singelos cafés da tarde, o jovem rapaz sentiu-se envolvido por Hadassa como nunca lhe acontecera antes. A comparação daqueles momentos tão reais com os que lhe proporcionava o relacionamento vivido há anos com Kyara era inevitável.

No entanto, ainda que estivesse gostando do tempo que passavam juntos, sabia que seus dias de felicidade real estavam contados. Logo Hadassa recuperaria a memória e então seguiria com sua vida. Com o coração apertado e os olhos fitos nela, desejou ardentemente tê-la por perto para sempre. Queria conhecê-la melhor, gostava de cuidar dela, desejava protegê-la. Seria esse o sentimento que se chama amor?

Certa tarde Julian decidiu confidenciar a Hadassa a respeito da história de sua família, e em lamentos, revelou que o relacionamento com o pai o aprisionava. Enquanto ele falava, ela ouvia e percorria os olhos pelas prateleiras cheias de livros da pequena biblioteca. Um deles, de capa preta, chamou sua atenção. As palavras “Escrituras Sagradas”, impressas em letras douradas, fizeram seu coração queimar. Compartilhou o sentimento com seu interlocutor e juntos começaram a folhear as páginas envelhecidas do livro, que tinha vários trechos grifados. Na

contracapa, uma dedicatória causou espanto a ambos: “Hadassa, que você cresça firme nos caminhos de Jesus. Com amor, mamãe.”

Julian pegou o livro das mãos da jovem Hadassa, apertou-o contra o peito enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto. Aquela cena despertou nela ainda mais interesse pelo mistério que envolvia o nome que ele lhe havia dado, mas não ousou perguntar. Aguardou em silêncio que ele se recompusesse.

— Hadassa era minha mãe — declarou Julian, de olhos fechados, e após inspirar profundamente, ainda de olhos fechados, continuou: — Ela morreu quando eu tinha oito anos.

— Sinto muito — balbuciou a franzina Hadassa, repousando a mão nas costas dele, como se quisesse consolá-lo.

— Nós moramos nesta casa; fomos felizes aqui. Lembro que ela me acomodava em seu colo, abria esse livro e lia incríveis histórias para mim. Muito disso tinha ficado escondido nas minhas memórias mais profundas, mas assim que vi o livro em suas mãos, um download de imagens preencheu minha mente.

— Foi por isso que você escolheu esse nome para mim?

— Sim, desde o primeiro momento em que a vi, algo em você me fez lembrá-la.

— Somos parecidas fisicamente?

— Não. No entanto, quando peguei você nos braços naquela manhã, seu semblante, embora abatido, me transmitia paz. A mesma paz que minha mãe me transmitia.

— Interessante. Queria poder lembrar de algo sobre mim que tivesse relação com o que você sentiu.

— Em breve você vai lembrar, não se preocupe — incentivou-a, mas dentro de seu coração não queria que isso acontecesse com medo de vê-la partir. — Mas... tem outro motivo para eu ter escolhido esse nome para você.

— Qual?

— Quando criança aprendi um pouco sobre a cultura judaica com minha mãe. Nessa cultura, o nome Hadassa significa murta, que é um símbolo de beleza, doçura e vida eterna. Quando olhei para você foi isso que vi. Eles se entreolharam e silenciaram. Um silêncio curto, porém, constrangedor.

— Tive uma ideia! Podemos ler um trecho juntos — sugeriu a moça, pegando o livro das mãos dele, e, folheando as páginas marcadas, repousou o dedo sobre um trecho que leu em voz alta:

— Felizes os perseguidos por causa da justiça, pois o reino dos céus lhes pertence. Isso está no Evangelho de Mateus, capítulo 5, versículo 10.

Imediatamente após a leitura ela tirou os olhos arregalados do livro. Estava paralisada. Aquelas palavras lhe soaram tão familiares que sua memória retornou.

Quase que simultaneamente ouviu-se um estrondo na porta que os assustou, trazendo-a de volta para a realidade. Em poucos segundos o Sr. Oliver estava de frente para eles, ladeado por outros dois homens fortemente armados.

— Prendam-na! — ordenou veementemente.

Julian se colocou na frente dela, ansiando protegê-la.

— O que você pensa que está fazendo? — questionou, afrontando o pai pela primeira vez.

— Não é da sua conta! Você não faz ideia de quem ela é — retrucou o enfurecido homem, empurrando abruptamente o filho para abrir caminho.

Caído no chão, Julian viu sua amada ser levada sem o menor respeito. Correu atrás deles até a porta, mas o outro capanga de seu pai o impediu de sair. Viu quando ela, com os braços amarrados, foi colocada no banco de trás do veículo que estava parado a poucos metros da entrada.

Lembrou-se de sua mãe e sentiu-se impotente como quando era criança. Não pôde fazer nada de imediato, mas não desistiria de encontrá-la. Ele sabia que medir forças com o pai era tolice. A disputa teria que ser no campo das estratégias. Não estava disposto a perder, por isso, mais do que depressa desenhou mentalmente um plano enquanto se distanciavam.

Na manhã seguinte...

Oliver percebeu que cometera um único erro: subestimar o treinamento dado ao filho desde criança. Enganou-se achando que o imaturo não saberia o que fazer, nem como agir, mas fora surpreendido. Na calada da noite Julian havia dominado os seguranças que se revezavam em vigiar a porta de entrada do bunker da família Bennett, e a essa altura o casal estava longe.

Desfizeram-se de quaisquer coisas que pudessem ser rastreadas. Estavam a quilômetros de distância da mansão, prontos para a despedida. Ele sabia que se permanecesse ao lado dela, seu pai não sossegaria enquanto não os encontrasse. Lamentava por descobrir um amor verdadeiro, e real, tão tardiamente.

Não conseguiria mais se relacionar com Kyara depois de ter entregado seu coração a Sara. Sim, era assim que a moça misteriosa se chamava, e ela fazia jus ao significado de seu nome. Era uma princesa, filha de um Rei, o Rei dos Reis.

No dia anterior, naquele momento em que lia um trecho das Escrituras Sagradas, Sara se lembrara de tudo, mas não teve tempo de dizer a Julian. No entanto, após seu resgate, durante a fuga, contou a ele toda sua história.

Sabendo quem ela era, ele conseguiu entender o porquê de Oliver chegar ao paraíso tão irado. Sara, juntamente com outros cristãos, lutavam intensamente contra a ditadura imposta pelo Sr. Bennett. Avessos à imposição da tecnologia como ferramenta de controle, concentraram-se em pequenos vilarejos autossustentáveis e abrigavam outros que, assim como eles, não aceitavam se vender à tirania daquele governo em troca de crédito social e um mísero sustento mensal. Eles acreditavam ser esse o cenário perfeito para a implantação de um governo mundial, o governo do Anticristo.

Após seu vilarejo ter sido atacado covardemente, Sara fugira. Perambulara vários dias até ser abrigada por Julian na casinha. Um encontro que não acontecera ao acaso, mas uma providência divina para que ela pudesse sobreviver e eles se conhecessem com um objetivo maior.

— Agora me diga, como você me encontrou? — perguntou Sara, sentando-se na beirada de um estreito píer para aguardar a embarcação contratada por Julian. — Eu tagarelei demais no trajeto até aqui, sem dar-lhe chance de falar.

— Embora eu não soubesse quem você era, temia pelo meu pai, então antecipei-me, inserindo um micro localizador na lateral do seu tênis. Um dispositivo desenvolvido por mim, cuja frequência do sinal entra em ressonância somente com meu detector. Tinha esperança de que meu pai não desconfiaria da existência do sinalizador. Dessa maneira, pude saber que você estava logo abaixo da mansão.

— Obrigada! Não só por hoje, mas por ontem e por todos esses dias em que estivemos juntos. Você foi especial — elogiou, olhando-o ternamente.

— Não me olhe assim, por favor, meu coração está em pedaços — confessou, desviando o olhar para, em vão, tentar esconder as lágrimas que insistiam em brotar.

Gentilmente Sara o abraçou, e sussurrou:

— Lamento que terminemos assim. Sinto que você sente o mesmo que eu, por isso eu não queria partir. — Afastando-se dele, olhou fixamente em seus olhos azuis e continuou: — No entanto, sei que Deus teve um objetivo maior em nos unir momentaneamente. Ele tem um propósito para a vida de cada um, e conhecer você não foi em vão.

— Por que você pensa dessa maneira?

— De todos os lugares que eu poderia ir, Ele me levou até a casinha, justamente quando você estava ali.

— Hum... — ponderou, e em seguida, o jovem concordou: — Tem razão. Naquele dia senti algo atraindo-me fortemente para lá.

— Tenho certeza disso. E sabe... por mais triste que tenha sido a partida precoce de sua mãe, Deus não deixou de amá-la. Como filha, Ele a quer para sempre ao seu lado.

— Pensar assim ameniza minha dor — desabafou, apoiando as mãos no pír, inclinando o corpo. Inspirou profundamente o ar marítimo e reclinou a cabeça para observar o céu azul.

— E tem mais — ela falou, repetindo a movimentação corporal para repousar a mão sobre a dele. — Deus deseja que você seja filho dele também, assim como Hadassa. Nosso encontro não foi um mero acaso.

— Então me diga, como faço para conhecê-lo? — implorou, virando-se de frente para ela.

— Isso acontecerá na medida em que conhecer as Escrituras Sagradas. Ele se revelará a você. Leia-a diariamente e Deus vai mostrar-lhe o amor dele através de Jesus. Comece pelos Evangelhos.

O barco contratado para levar Sara estava se aproximando, interrompendo a conversa. No entanto, Julian não poderia deixá-la partir sem falar de seus sentimentos.

Gentilmente ajudou-a a se levantar, olhou fixamente em seus olhos, segurando suas mãos e confessou:

— Sara... — ele inspirou profundamente — graças a você eu descobri o verdadeiro amor. Até conhecê-la eu achava que um relacionamento virtual era tudo o que eu poderia esperar, mas agora sei que amar é infinitamente mais. É querer o bem, o melhor para quem se ama. Meu desejo é segurá-la aqui, mas o bem que posso fazer é deixá-la ir. O verdadeiro amor às vezes exige renúncia.

Segurando delicadamente o rosto de Sara, repousou seus lábios sobre a testa dela, em seguida a abraçou, selando algo eterno em seu coração. Os batimentos cardíacos acelerados, de ambos, revelavam a intensidade daquele momento, no entanto, não poderiam demorar demais.

Rapidamente o rapaz ajudou-a no embarque e a viu distanciar, até que sumisse de vista. Com o coração apertado, deu voz a uma pergunta que ecoava em sua mente:

— Será que algum dia nos reencontraremos?

Referências: 2 Timóteo 3:1-4; Mateus 5:10 e 10:22; Gênesis 2:18.

PRISCILA DUNCK. Nascida em 1980 e resgatada por Jesus Cristo em 1990, serva fiel do Senhor desde então. Esposa do Carlos e mãe de dois filhos, Lucca e Isabel, uma família que é um presente de Deus. Formada em Secretariado Executivo Bilíngue pela UNIP, exerce a profissão há 17 anos. Apaixonada pela literatura, pelas artes e pela escrita, desde a adolescência escreve devocionais, letras de músicas e textos para teatro cristão. Nos últimos dois anos tem se dedicado a escrita de seu primeiro livro, planejando lançá-lo em 2025. Acredita que Deus tem distribuído dons a cada um conforme seus planos perfeitos para que o nome dEle seja Glorificado, dessa maneira, entende sua habilidade para a escrita como uma ferramenta concedida por Ele para apresentar às pessoas o amor de Deus e seu plano salvífico em Jesus, essa é sua maior motivação para escrever.



A epístola da meia-noite

A. A. Crittelli

O jovem pastor, deitado exausto há algumas horas, tentava repousar sem que o sono lhe viesse. Este dia, que prometia descanso após um final de semana intenso, repleto de atividades ministeriais, havia sido preenchido por uma torrente de aconselhamentos bíblicos tensos e prolongados, iniciada na quinta-feira anterior. As reuniões e cultos do final de semana, permeados de acaloradas discussões em que corações aflitos buscavam respostas e direção durante os últimos acontecimentos globais, haviam desgastado imensamente o dedicado líder.

Os últimos meses e, em especial, as duas últimas semanas, foram repletos de situações que aparentemente indicavam — para aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir — que estávamos vivendo um momento único da história. Uma espécie de convergência sinistra de inúmeros fatores e fenômenos, de ordem política, tecnológica, econômica, social e, aparentemente, sobrenatural, inundavam com dúvidas as mentes das pessoas em todo o planeta.

Não era diferente com suas ovelhas, pessoas tão sofridas e especiais que o pastor tanto amava, entendendo que o Senhor as havia confiado ao seu pastoreio, para que delas pudesse cuidar de maneira próxima e pessoal, buscando restauração e transformação em suas vidas e, conseqüentemente, do bairro em que a pequena igreja estava inserida. Ou melhor, como os poucos adolescentes do grupo diziam, “a mais incrível igreja-bunker deste quarto da galáxia, com todo seu charme rudimentar e uma encantadora vibe apocalíptica”.

Apesar do cansaço, ao lembrar dessa fala, um breve sorriso perpassou o rosto daquele homem, que orou em pensamento pela vida de Aquilae e Krissile, pais de Anna, Marcko e Dunam — uma família muito especial usada pelo Senhor para revigorar seus ânimos nessa árdua missão de vida —, responsáveis pelo sistema de segurança da pequena nave subterrânea em que o rebanho se reunia.

Levantando-se de sua cama, convicto de que o refrigerio não viria, Thimoh sobrecarregava a si mesmo com questionamentos nem um pouco indulgentes, buscando entender se sua conduta havia sido correta ou se, infelizmente, suas palavras acentuaram ainda mais o temor de sua congregação. Uma forma crua e desconhecida de medo sobreveio-lhes. Sentimento este que, certamente, instalou-se de vez na comunidade e provavelmente foi amplificado pela discussão que pôs fim ao culto noturno do domingo anterior.

O pastor ainda se arrependia pela dureza de suas palavras para com seu grande amigo — e líder da igreja — Melkins. Mas ainda custava a crer que fora nocauteado por aquele irmão, que lhe dera um soco muito bem dado no queixo! “Senhor Amado, que gancho!”, o pastor pensava, com a face arroxeadada e dolorida, apesar dos analgésicos.

As estranhas notícias vinham sendo acompanhadas por ele e suas ovelhas de maneira atenta. Sempre conversavam sobre as tecnologias assustadoras que estavam surgindo e os tecnocratas que proferiam sandices em seus arroubos totalitários. A automatização do trabalho progredia velozmente, deixando milhares de pessoas desempregadas. Proeminentes figuras políticas seguiam preocupantes linhas de pensamento, discursando para multidões impropérios ultranacionalistas, acirrando ainda mais a frágil trama política que sustentava as relações diplomáticas entre os povos das Terras das Águias e suas colônias no Cinturão Central e nas grandes Paragens do Sul.

Nos Domínios do Tigre e do Dragão, bem como nas Cordilheiras da Mãe Ursa, os disparates pareciam ainda maiores. Milhões de pessoas, há muito desprovidas de liberdade e sujeitas a uma política de vigilância, monitoramento em todo o território nacional por câmeras com reconhecimento facial e inconstantes toques de recolher, viram as moedas locais serem totalmente digitalizadas. Com isso, imposições sobre o que poderiam ou não comprar — inclusive para se alimentar — começaram a surgir, e seus salários ganharam prazo de validade.

Trinta dias para gastar, ou os recursos remanescentes seriam transferidos para os fundos do governo. Regiões de alta criminalidade foram invadidas por criaturas robóticas e drones autônomos pilotados por inteligências artificiais, com seus algoritmos assumindo a segurança pública. Uma onda de violência emergiu, com massacres acontecendo nesses já miseráveis lugares.

Nada disso, entretanto, se comparava àquilo que trouxe o caos à tona: as aparições de coisas indecifráveis nos céus por todo o mundo. Os raros avistamentos se tornaram tão frequentes que as pessoas — anteriormente apenas incrédulas — começaram a se desesperar. No começo os objetos, na falta de um nome melhor, foram considerados naves militares secretas, de vanguarda. Então enormes orbes luminosos começaram a surgir nos céus e nos mares, realizando movimentos em ângulos e velocidades impossíveis. Por vezes, seguiam aviões comerciais e aeronaves oficiais. Pulsavam num espetáculo de cores e formas, surgindo e desaparecendo sem aviso. Pareciam algo... vivo.

Nove em cada dez pessoas seguiam suas vidas de forma catártica, deixando transparecer o medo que sentiam diante do desconhecido através de encontros fortuitos, permeados por conversas sem nexos e humor sensual, o recurso típico dos perdidos. Progressivamente as pessoas deixavam de ir ao trabalho e se deslocar pelas ruas, estocando recursos em suas casas e ficando trancafiadas, consumindo pelas redes sociais intermináveis podcasts especulativos acerca do que

se via lá fora. As ruas estavam cada vez mais tomadas por aqueles boêmios resilientes, que se entregavam aos vícios — principalmente álcool e *parallaxx* — com ainda mais intensidade, tornando-se vítimas fáceis de bandidos, cujo número rapidamente crescia. Ainda que se preocupasse muito com aquelas pessoas, almas perdidas e vidas sem rumo, pretendia alcançá-las com a igreja depois que sanasse o que mais julgava urgente: a angústia e aflição crescendo em sua comunidade de fé estavam consumindo-o. Percebia as dúvidas pulando nas mentes e corações da congregação e queria agir com rapidez e assertividade para preservar a fé daquelas pessoas. Os relatos dos que estavam apostatando em virtude do caos vigente no mundo se proliferavam rapidamente, mas, graças a Deus, nenhum caso havia ocorrido naquela comunidade. O líder faria tudo ao seu alcance para que continuasse dessa forma.

Com o coração conturbado, o pastor Thim folheava a esmo as páginas envelhecidas do Grande Livro que havia pegado instintivamente enquanto pensava — um tesouro que herdara de seu pai — certo de que encontraria alguma resposta. Lia trechos apressadamente, perpassando as letras esmaecidas com rápidas olhadelas. Chorava copiosamente, sentindo-se pequeno e impotente diante dessa situação, encharcando as páginas de sua estimada Bíblia. Sentindo-se impelido a isso, fechou-a e começou a orar. Clamava a Deus por direção para si e sua igreja. Orou e chorou por horas a fio, lamentando-se, ajoelhado. Rasgou as vestes em sua aflição. Socava o chão de pedra de seu quarto, um abrigo abandonado no Beco do Lixo. Suas forças se esvaíram. O Livro, salpicado de lágrimas e sangue em suas mãos, não ajudou em nada nada. Thimoh se aquietou. Era um homem quebrado, cuidando de pessoas quebradas num mundo quebrado. A luz oscilou, numa cena lúgubre que prenunciava o fim do mundo. Só havia silêncio e medo. Nenhuma esperança. O pastor se entregou ao cansaço. Largou-se onde estava. Fechou os olhos, quase dormindo. Desejava morrer. Morrer e acordar na presença do seu Criador.

Quando pensou no Filho levantando-se para recebê-lo no Reino Celestial, com os pensamentos vagando em sua mente no limiar entre sonho e realidade, um barulho forte o fez despertar. Um baque surdo o assustou. Algo pesado havia batido com força na velha porta de madeira maciça da entrada. Thim ergueu-se e, aproximando-se da porta com muito medo, não sabia o que fazer. Fechando os olhos, orou novamente, e ouviu de maneira clara em seu coração: “Confie. Abra. Eu Sou contigo.” Tomado por uma coragem que não era sua ele pegou a maçaneta da porta e a girou.

* * *

Ao abrir a porta, Thimoh deparou-se com uma visão inesperada. Dentre mil coisas que poderiam ter causado aquele estrondo há alguns instantes, certamente essa nunca seria imaginada. O medo de que algum drone de vigilância da Legião Sincrética poderia tê-lo seguido da igreja-bunker até sua casa, por mais que ele tomasse diversas medidas de segurança, era sempre latente. Poderia também ter sido — uma possibilidade bem menos aterradora — alguma pelota de couro de saruê que os meninos do Beco do Lixo costumavam utilizar para jogar *queimabol*. Mas aquilo, realmente, era algo inesperado. Aos pés da pesada porta de madeira que, felizmente, se abria para dentro, um animal enorme jazia caído ao chão. A grande ave, de olhos fechados, respirava profunda e pesadamente, aparentando cansaço, sendo impossível saber se havia desmaiado em virtude da forte colisão ou se dormira em voo, exausta, tendo sido este o motivo da queda. A aparência do bicho, nenhum pouco comum, era para o pastor um forte indício de que o animal sabia muito bem o que estava fazendo. Tendo seu espírito sobressaltado por um senso de urgência que não lhe era comum, Thim ergueu apressadamente seu intrigante visitante e, ao fazê-lo, sentiu sua coluna estalar doloridamente sob o peso do animal. “Meu Deus, como essa coisa consegue voar?”, pensou, atribuindo mentalmente ao bicho uma massa em torno de quarenta quilos. Pegou-se ainda pensando em quanta energia aquela ave gastaria para voar enquanto a acomodava desajeitadamente sobre sua mesa de estudos. Calvino e Lutero certamente não gostariam de saber que raros exemplares de sua autoria haviam sido brutalmente empurrados para o chão, mas a excepcionalidade do momento tornaria aceitável este pequeno sacrilégio. Saber que não havia ali nenhuma de suas bíblias de estudo — itens extintos há quase uma década — trouxe alento ao coração do pastor.

Livrando-se do tremendo peso, Thimoh acendeu a luz do pequeno cômodo que considerava seu escritório. Pôde então vislumbrar por completo o combalido animal. A ave era tão linda quanto enorme, e vê-la aparentemente tão vulnerável evocou pensamentos tristes na mente do homem — parecia tratar-se de alguma espécie magnífica, ancestral, solitária, por ser uma das últimas de sua espécie. Sua cabeça era como que um meio termo entre águia e falcão, ostentando um poderoso bico, rico em tons de bege e com uma ponta preta que parecia poder romper qualquer carapaça. Sua penugem era deslumbrante, com asas magníficas e cauda imponente, repletas de plumas perfeitas, das enormes às pequeníssimas, revelando quanto zelo o Criador tivera ao formá-la e dotá-la de tanta beleza. As penas eram monocromáticas, porém alternando entre si tons de azul e verde. Quando farfalhavam suavemente por causa das rápidas hélices do pequeno ventilador de teto acoplado à luminária daquela sala, produziam um

movimento mesmerizante. Por fim, mas não menos impactante, as enormes patas do animal revelavam garras pretas lindas e polidas, brilhantes, certamente capazes de esmagar com facilidade crânios humanos.

Thim largou-se em sua cadeira de rodinhas, tomou um pequeno impulso para trás e, movimentando-se de maneira automática, respirou profundamente, contemplando o lindo animal. Aquela visão lhe era, de alguma forma, acalentadora, ainda mais vendo o raro ser em um ambiente que lhe era tão familiar e querido, cercado por velhas estantes de madeira de acácia repletas de livros com lombadas grossas e desgastadas pelo tempo. Inspirou profundamente o perfume inigualável de páginas mofadas. Sentiu-se inexplicavelmente emocionado e orou ao Senhor, buscando entendimento e agradecendo ao Pai por permitir que, neste mundo tenebroso, olhos e corações treinados ainda conseguiam encontrar beleza, bondade e verdade. Essas três palavras ressoavam no coração do pastor, que foi despertado de suas orações pelo som do relógio do escritório que indicou, com um prolongado e agudo silvo metálico, que já era meia-noite. Redirecionando o foco das orações para o animal, percebeu alguns detalhes para os quais não havia se atentado anteriormente: as asas da ave eram cravejadas de pequenas joias, pingentes e brilhantes, e em seu pescoço havia um belíssimo colar de ouro puro, translúcido, do qual pendiam diversos orbes dourados, parecendo pequenos ninhos brilhantes. Estes elementos davam ao animal um aspecto de realeza, e sua aparente importância tornou-se ainda mais perceptível quando Thimoh viu que, atados em suas pernas, havia um pequeno saco de juta de aparência reforçada e um pergaminho enrolado em um anel. Ornando tais objetos, havia também elementos que lembravam as franjas de um talit, porém maiores e coloridas.

Ao ver o pergaminho, Thim lembrou-se de um grande amigo, seu mestre e mentor, alguém cujos conselhos seriam mais necessários do que nunca e sobre quem não recebia notícias há mais de dois anos. Tomado novamente pelo senso de urgência de momentos antes, sentiu-se impelido a pegar o pergaminho e abri-lo com celeridade. Pegou uma tesoura numa gaveta da escrivaninha ao lado e, com todo o cuidado possível, começou a cortar com cuidado o fino couro que mantinha o objeto preso ao corpo da criatura, com receio de acordá-la e o que poderia acontecer. Com o pergaminho liberto em suas mãos, Thimoh tentou abri-lo e, em pouco tempo, percebeu que seria impossível. O anel que mantinha o pergaminho enrolado estava muito apertado, ajustado para dissuadir seu portador de tentar retirá-lo da joia. Havia apenas pequenos orifícios circulares, mínimos, simetricamente dispostos no centro do anel. Eram doze e formavam uma estrela de Davi. Nenhuma chave, clipe ou agulha ao dispor do pastor poderia caber naqueles buraquinhos.

Desanimado e ansioso com o pergaminho em suas mãos, Thim apoiou suavemente a mão livre sobre o corpo daquele pássaro e, repentinamente, sentiu todo o ar fugindo de seus pulmões. Sem que percebesse, o animal despertara e o encarava de maneira fixa, com o musculoso pescoço erguido e penetrantes olhos azul safira esquadrinhando sua alma. As palavras de outrora voltaram a ecoar em sua alma, e ele, fitando aqueles olhos — que agora irradiavam uma luz azul e transmitiam compaixão — organizou-as em um pensamento: “Estou diante de um ser belo e bondoso, que foi enviado como um arauto da verdade, trazendo uma mensagem para minha orientação”. Sem explicação, como se alguma conexão tivesse sido feita em sua mente, o pastor percebeu que sabia exatamente o que deveria fazer. Ele aproximou da cabeça da ave o precioso pergaminho, voltando a estrela de orifícios em sua direção. O animal retesou o pescoço, erguendo a cabeça para cima e olhando para o teto. Era como se ele pudesse ver além, seu olhar indo ao mais alto dos céus.

O pastor, ao perceber que o objeto estava flutuando diante do pássaro, recolheu suas mãos e titubeou para trás, assustado. Os olhos da ave passaram a cintilar ainda mais no mesmo instante em que um gorgulho melodioso começou a sair de sua garganta. Por entre suas penas um leve brilho dourado começou a surgir, tornando-se mais intenso e fagulhando silenciosamente. A ave abriu seu bico e bafou na direção do anel, expirando demoradamente uma névoa azul que fez com que a joia, com um clique metálico, se abrisse. Thimoh, num sobressalto, pegou a joia e o pergaminho antes que caíssem no chão.

O animal se aninhou sobre a cama improvisada e voltou a repousar, aparentemente exaurido e com um semblante tranquilo, como o de um homem ao concluir com sucesso uma missão especial que lhe tivesse sido confiada. O pastor se assentou e abriu com cuidado o intrigante pergaminho de aparência muito antiga. Ao observar a grafia, percebeu que a tinta não aparentava a mesma idade. Reconheceu a escrita que lhe era tão familiar e finalmente começou a ler a mensagem que Deus lhe havia enviado.

* * *

“Eu, Mahkki servo de Cristo Jesus, por ordem de Deus, nosso Salvador, e de Cristo Jesus, nossa esperança, escrevo esta carta a Thimoh, meu verdadeiro e amado filho na fé. Que Deus, o Pai, e Cristo Jesus, nosso Senhor, lhe deem graça, misericórdia e paz. Sempre me lembro de você em minhas orações, noite e dia. Quero muito revê-lo, pois me lembro de tudo o que vivemos, sob

as misericórdias do nosso Bom Deus, trabalhando pelo avanço do Seu Reino. Lembro-me também de suas lágrimas, certo de que nosso reencontro — que, espero em Deus, rapidamente se aproxima — me encherá de alegria.

Lembro-me de sua fé sincera, como era a de seu pai, Miltoth, e de sua mãe, Ariaah, e sei que em você essa mesma fé continua firme. Lembro-me de sua esposa, Shim'monai, e de tudo o que juntos passaram. Filho amado, lembro-me desses dias e, ainda hoje, desfaleço-me em dolorosas lágrimas. Sei que sua fé foi provada e, na forja do Altíssimo, seu espírito tem sido aperfeiçoado para a missão que Ele lhe confiou. Permaneça firme e não pense, por um momento sequer, que há desonra em ansiar pelo dia em que você reencontrará seus amados, tendo sido manifesto o Sol da Justiça, que cura trará em suas asas. Quando parti para as Terras do Médio Oriente, pedi a você que ficasse no Beco do Lixo e ensinasse às pessoas que sempre cultivem em suas vidas o amor que vem de um coração puro, de uma consciência limpa e de uma fé sincera. É importante que os que andam pelo caminho, numa época como esta, tenham atenção para que não desperdicem tempo com discussões intermináveis sobre o fim dos dias. Gastar a vida discutindo acerca de falsas novas profecias e reinterpretando as Sagradas Escrituras à luz de acontecimentos recentes, equiparando-as a mitos e textos profanos aos quais têm sido atribuído grande importância, só os conduzirá a especulações sem sentido em vez de promover o propósito de Deus, que é realizado pela fé. O Espírito afirma claramente que nos últimos tempos alguns se desviarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a ensinamentos de demônios, que vêm de indivíduos hipócritas e mentirosos, cuja consciência está morta. Lembre-se de que nos últimos dias haverá tempos muito difíceis. As pessoas só amarão a si mesmas e ao dinheiro. Serão arrogantes e orgulhosas, zombarão de Deus, desobedecerão a seus pais e serão ingratas e profanas. Não terão afeição nem perdoarão; caluniarão outros e não terão autocontrole. Serão cruéis e odiarão o que é bom, trairão os amigos, serão imprudentes e cheias de si e amarão os prazeres em vez de amar a Deus. Serão religiosas apenas na aparência, mas rejeitarão o poder capaz de lhes dar a verdadeira devoção. Afaste-se destes, meu filho!

Percebo que, infelizmente, em virtude de muito o que se vê ou se ouve, principalmente a respeito das ações dos príncipes e reis da terra e acerca do avanço da perversidade potencializado pelo uso de incríveis tecnologias para o mal, até mesmo nossos irmãos têm cedido ao engano. É sabido que muitos têm entrado em desespero, cedendo à desesperança diante dos infortúnios em nossa sociedade e esquecendo de viver pelo Reino, tendo o olhar fixo na Cruz e amando as coisas que vêm do Alto. Neste mundo perverso, devemos viver com sabedoria, justiça e devoção. Lembre a todos que se sujeitem ao governo e às autoridades. Devem ser obedientes e sempre

prontos a fazer o que é bom. Devem confiar no Senhor, que isto ordenou e que é Forte para nos preservar no dia mal. Não devem caluniar ninguém, mas evitar brigas. Que sejam amáveis e mostrem a todos verdadeira humildade. Três coisas, na verdade, permanecerão: a fé, a esperança e o amor, e a maior delas é o amor. Ensine estas coisas e insista nelas. Fuja de todas as coisas más. Busque a justiça, a devoção, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão. Não se esqueça de que, neste mundo caído, ainda superabundam a beleza, a bondade e a verdade. Lute o bom combate da fé. Guarde aquilo que Deus lhe confiou.

Você sabe quanta perseguição e quanto sofrimento eu havia suportado e o que me aconteceu quando iniciei minhas peregrinações pelas bandas do Médio Oriente. Em breve, quando o Senhor permitir que eu esteja convosco, compartilharei tudo o que me sucedeu nesses dois anos em que estive em silêncio e de coisas terríveis acerca das quais o Senhor me livrou. Você não tem ideia dos caminhos que percorri, das coisas que vi e vivi. A todo instante Ele proveu muito além do que me era necessário. Antevejo o mesmo para você, meu filho amado. Mesmo sabendo o quanto isto poderá lhe custar, tendo vivido tudo o que vivi, é o que, sinceramente desejo a você. Se o Senhor assim permitir, estarei ao seu lado e, juntos, lutaremos pela vinda do Reino.

Tenhamos certeza de que, sim, o Senhor nos livrará de todo ataque maligno e nos levará em segurança para seu reino celestial. A Deus seja a glória para todo o sempre! Amém. Envie minhas saudações a Aquilae e Krissile, bem como à família de Melkins. Estou sozinho há mais de dois anos, pois Jonathas ficou em Bete-Barah, e deixei Farahal doente, próximo da morte, em midLibna. Não tenho nenhuma notícia deles. Soube que Puritan, há pouco mais de um ano, foi completamente devastada. Nosso nobre irmão, Rei Alec, saiu em busca de sua família e não foi mais visto.

Espero que Liryah não o tenha assustado! Quero lhe contar pessoalmente como este precioso animal entrou em minha vida. Por ora, conto-lhe apenas que se trata de uma das mais interessantes formas como o Senhor supriu minhas necessidades e reanimou minha alma cansada. Ela é tão dócil quanto majestosa e, certamente, poderá fazer algo que venha assustá-lo. Na verdade, quando estiver lendo estas palavras, ela certamente já o terá feito. Não se furte a rir por um breve instante, meu filho. Guarde o anel que lacrava este pergaminho. Ele é único, especial, e certamente lhe será muito útil e de muitas formas, assim espero. Trata-se de uma verdadeira relíquia. Guardarei os mistérios acerca de sua origem, bem como a forma como ele chegou até mim, para quando estivermos juntos. Liryah provavelmente estará exausta e,

possivelmente, ferida. Ofereça a ela apenas água, e deixe à sua disposição as sementes que estão guardadas no saquinho amarrado em seu tarso. Não a deixe comer nada além disso, ainda que ela insista. Ao sentir cheiro de comida, ela poderá ser bem insistente. Seja firme ao falar com ela! Diga não de maneira enfática, pois ela entende e é treinada para responder comandos em nossa língua. Se você deixar comer algo além do que enviei com ela, esteja preparado para as desagradáveis consequências. Você foi avisado!

Sei que reconheceu em minhas palavras extensos fragmentos bíblicos, preciosos ensinamentos do apóstolo Paulo, quando ministrara ao coração de dois grandes homens, servos fiéis do Evangelho num passado longínquo. A Palavra de Deus é A Verdade, e deve ser nossa única referência de fé e prática. Tenha nesta carta apenas uma fonte de ânimo e alento, uma lembrança de que o Senhor o vê e está contigo. No entanto, por mais que você me ame e respeite meus ensinamentos, não a tome como referência de nada. Queime-a, inclusive, e guarde-a apenas em sua memória. Alimente sua mente, seu coração e sua alma nos fartos escritos das Sagradas Escrituras, a medida exata revelada pelo Senhor para guiar seus eleitos pelos séculos dos séculos, até que Ele Venha.

Tenho saudades, filho amado. Lembro-me do quanto você e sua família me abençoaram. Não há dia que termine sem que eu agradeça ao Senhor por suas vidas. Farei todo o possível para estar contigo ainda antes do inverno. Que a graça de Deus esteja com você e com o rebanho do Pastor sob seus cuidados.”

* * *

Thimoh concluiu a leitura com seu coração ardendo em chamas. Lágrimas escorriam por sua face enquanto ele refletia demoradamente naquela mensagem tão especial que seu mestre, Mahkki, havia enviado. Quando pensou na sincronia perfeita do momento em que a carta chegou, emocionou-se ainda mais, percebendo a Providência em ação, tentando — em vão — estabelecer relações de tempo e espaço. Imaginava há quanto tempo seu amigo teria escrito aquela mensagem, onde ele estaria ou como fora impelido a fazê-lo. “De onde o incrível animal teria sido enviado como seu emissário? Por quais infortúnios teria passado?”, pensava o homem.

O sinal do relógio do escritório soou novamente, indicando com veemência que já passava das três da madrugada. Thim não mais desejava dormir, estava completamente desperto e revigorado, sentindo-se capaz de correr uma maratona. Dirigiu-se até a pequena cozinha com o pergaminho em mãos, e queimou-o no fogareiro ao lado da pia. Requentou um café gelado no micro-ondas, precariamente acondicionado num copo de plástico castigado. Degustou

demoradamente sua bebida favorita, agradecendo mentalmente ao Senhor pelo presente que lhe havia concedido. Muito além da preciosa carta, tinha muito a agradecer pela torrente de lembranças, memórias e sentimentos que sua importante mensagem acompanhava. Bem como o ânimo renovado, o discernimento latejando em sua mente e a clareza absoluta acerca do que seguiria.

Novamente, um barulho forte ecoou pela casa. Outro baque surdo, porém, menos intenso. Seguido por outros, cada vez mais fortes, sem ritmo. Desta vez, Thimoh não se assustou. Ele sabia exatamente do que se tratava. Ou melhor, de quem se tratava. O pastor serviu o café velho em um segundo copo e, carregando-o para seu visitante, aproximou-se da porta com tranquilidade. Lembrou-se confiadamente daquele “Confie. Abra. Eu Sou contigo.” Decidido a encarar com resignação a situação que, certamente, ser-lhe-ia desconfortável, pegou a maçaneta da porta e girou.

Referências: Malaquias 4; I Coríntios 13; I e II Timóteo; Tito.

A.A. Crittelli, servo do Senhor Jesus, marido da Simone e pai do Filipe. Educador, leitor voraz e autor de fantasia e ficção responsável por "*A Última Noite de Puritan*". Para saber mais sobre esse incrível universo ficcional, acesse o perfil @aacrittelli no Instagram.



O Jogo “Portal” e os desafios com a Inteligência Artificial

Júnior Malacame

Inteligência Artificial é um assunto que não é tão novo assim, mas que já vinha rondando as nossas vidas há um certo tempo até o dia em que, sem percebermos, tornou-se parte delas e está em todo lugar. Eu me lembro de no final do ano de 2023 ouvir muito a expressão “a I.A. é um caminho sem volta”. E dessa expressão surgiu até uma certa “pressão”, se é que podemos dizer assim, de adequação à “nova tecnologia”, porque se nós não nos adequássemos ficaríamos para trás, seja no trabalho ou em qualquer área da vida.

O lançamento do ChatGPT no final de 2022 pela empresa Open AI foi o pontapé que popularizou esta tecnologia em massa, apesar da massa já usar a tecnologia, talvez até mesmo sem perceber. Com a famigerada ferramenta de chatbot, outros vieram na crista da onda para criação e edição de imagens e áudios, e várias outras funcionalidades. Na ocasião em que eu me deparei com o slogan do “caminho sem volta”, eu me lembro até de ter compartilhado um *post* irônico nas mídias sociais dizendo que, já que estamos nesse caminho sem volta onde máquinas e sistemas autônomos farão tudo por nós, poderíamos aproveitar e tirar os olhos das máquinas (diga-se na verdade “das telas”) e colocar mais os nossos olhos nas pessoas, investindo mais esforços em tempo de qualidade nos relacionamentos e nas conversas olho no olho, já que “o brilho das telas” dos smartphones tiraram muito isso de nós (e usando de I.A. também...).

Eu sempre fui amante e entusiasta de tecnologia, mas por outro lado também sempre fui um pouco cético e crítico ao fascínio humano pela tecnologia, que eu aprendi em tempos recentes ser na verdade um problema do coração do homem. Explico sobre isso mais à frente... Mas antes que me chamem de retrógrado, ultrapassado, ou algo do tipo, permita-me abrir parênteses para apresentar-me um pouco melhor: sou formado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e pós-graduado em Ciência de Dados. Retornei nos últimos meses à carreira tecnológica, depois de alguns anos distante. Também tenho usado chatbots de I.A. frequentemente para produtividade e utilidades do dia a dia. Fecha parênteses... Mas para minha defesa, eu sei que não sou o único que é amante e crítico da tecnologia ao mesmo tempo (Jaron Lanier, por exemplo, que é extremamente mais conhecido do que eu, é um cientista da computação que foi pioneiro nas pesquisas com realidade virtual nos anos 80, além de ser um músico que se declarava frequentador assíduo de fóruns desde o início da Internet comercial, mas que criticava a forma como as coisas estavam sendo conduzidas e centralizadas na web 2.0 com o surgimento das mídias e plataformas sociais).

Se formos explicar o que é a I.A. (talvez para algum leigo ou novato, se é que existe algum ainda nessa altura do campeonato...), eu sei que não sou a pessoa mais capacitada para assumir essa tarefa, mas podemos ajudar com uma definição bem simplista. Para começar, a I.A. é um tipo de tecnologia generalista, ou seja: não é uma ferramenta direcionada para resolver um

problema específico ou um tipo de problema específico, mas sim uma tecnologia que pode ter inúmeras aplicações. É uma espécie de programação que faz uso de modelagem matemática e estatística para fazer análises profundas em enormes volumes de dados de forma muito rápida (que exige grande poder computacional) e que a partir daí traz algo que a distingue das demais tecnologias: a automação com o chamado “aprendizado de máquina” (Machine Learning, em inglês), onde os algoritmos têm a capacidade lógica de ajustar por si só inúmeros parâmetros de análise em camadas profundas de “aprendizado” (redes neurais) de acordo com dados de treinamento e também com dados que ela vai analisando ao longo do tempo (perdoe-me algum tecnólogo mais experiente se misturei algum termo, mas acho que é por aí...). Daí dizerem que as máquinas “aprendem” e que os sistemas são “inteligentes”. E é claro, com esse “aprendizado” aliado à grande capacidade computacional cada vez mais crescente, espera-se que os algoritmos possam simular ações humanas com os resultados obtidos dessas análises, como reconhecer padrões, fazer sugestões, tomar decisões e até mesmo aprender linguagem natural, dentre outras coisas. E como o processamento e a velocidade dos computadores, grosso modo, têm ficado cada vez mais potentes que o processamento do nosso cérebro, temos aí uma grande concorrente — ou talvez uma potente assistente — que inclusive é a proposta mais comumente difundida.

A partir daí temos então aplicações de I.A. fascinantes e também muito úteis, como na medicina com diagnóstico preciso e precoce de doenças e descoberta de curas ou melhoria de prognósticos, no mercado financeiro para análises de riscos e de perfis de investimento, na agricultura com automação inteligente de tarefas e cuidado individual das plantas, na segurança pública com análise de videomonitoramento e sensores diversos, na indústria em geral com a análise ultra-rápida da qualidade de matéria-prima, no processamento de linguagem natural com tradução instantânea de idiomas e análise de textos, no processamento de dados climáticos e prevenção de catástrofes, na classificação de riscos e análise de desempenho de máquinas e robôs em setores diversos da indústria... e se formos ficar aqui citando todas as boas aplicações da I.A. que têm surgido precisaremos escrever um livro e não um artigo. Um destaque se dá também para os chamados “sistemas de recomendação”, muito usados em redes sociais, streamings de vídeos e plataformas de e-commerce, que sugerem conteúdo de acordo com vários parâmetros de uso e navegação do usuário, o que pode ser muito útil, mas que também pode ser muito chato ou viciante, importante salientar.

Há alguns anos, quando já se falava em “Quarta Revolução Industrial” a preocupação de muitas pessoas era a de que a I.A. (um assunto até então ainda meio nebuloso para a população em geral) iria acabar com muitos empregos. Depois do boom do ChatGPT e as outras I.As que vieram na onda, ouvimos muito que quem não se adequasse realmente iria ficar para trás. Há

ainda muitos que se preocupam que a autonomia da I.A. poderá se tornar perigosa se não for supervisionada e cair nas mãos de governantes tiranos (o que pode ser uma realidade mesmo). O que vemos aqui então é que nem tudo são flores e existem também desafios éticos e de cunho pessoal em relação à I.A. para lidarmos.

Mas e a resenha de games? Bem, um jogo que me fez pensar nesse tema de Desafios com a Inteligência Artificial é o famoso *Portal* da criadora Valve, sucesso de vendas e crítica. Justamente por ele ter um enredo enigmático onde a protagonista do jogo (chamada de “Chell”) se encontra misteriosamente com amnésia em um laboratório de testes, onde uma I.A. (chamada de “GLaDOS”) vai guiando a personagem por vários desafios e puzzles espaciais onde é testada uma arma que tem o poder de abrir portais de passagem nas paredes, possibilitando passar por um portal e sair por outro, onde quer que esses portais tenham sido abertos pelo “tiro” dessa arma, transpondo ambientes e transportando objetos, e só assim podendo resolver os desafios propostos. O jogo é sensacional! Trata-se de um puzzle com perspectiva em primeira pessoa onde você precisa quebrar a cabeça mesmo para resolver os problemas. A trajetória do jogo é formidável para a nossa reflexão: os desafios do jogo a princípio (e por um bom tempo) são desafios técnicos, digamos assim, com a resolução dos puzzles que vão ficando mais complexos com o passar do tempo. Mas depois de certo tempo, mistérios nada amigáveis vão sendo descobertos no decorrer da trama do jogo e os desafios passam a ter uma amplitude maior do que a pura técnica, e a mostrar também problemas morais.

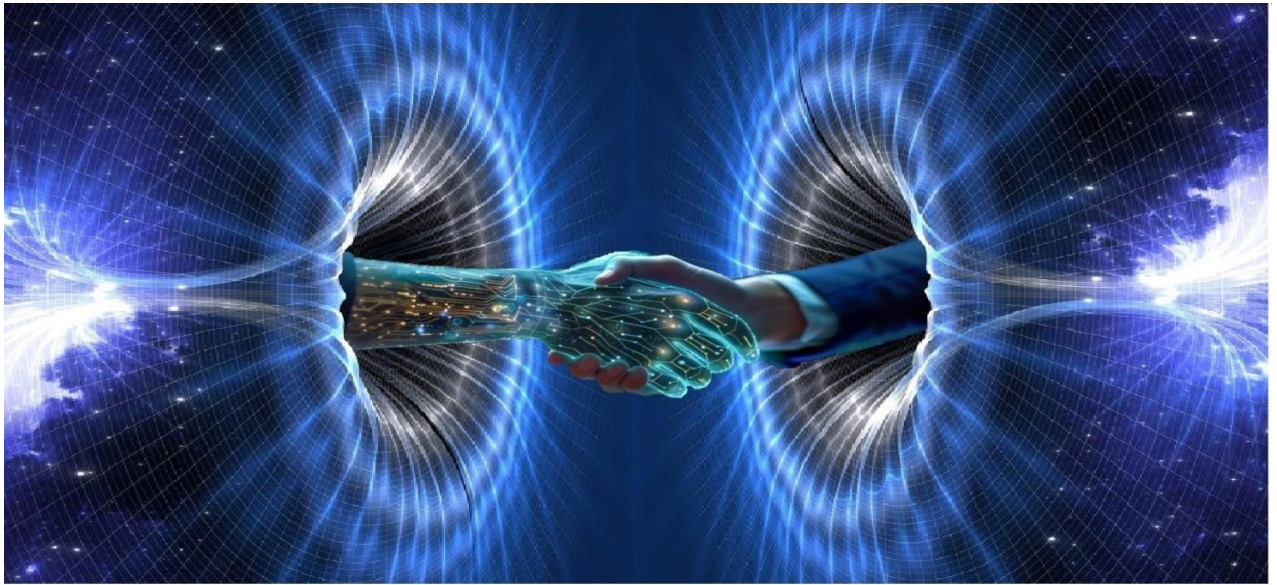
Portal nos mostra que os desafios da I.A. não são apenas técnicos, mas também éticos, morais e existenciais. *Portal* mostra que os desafios da tecnologia transcendem os âmbitos da tecnologia. Por exemplo, antes mesmo da I.A. acabar com os nossos empregos (estou exagerando, é bom explicar) tenho visto casos de pessoas acabarem ou esfriarem seus relacionamentos, preferindo essencialmente se relacionarem ou interagirem amigavelmente com chatbots do que com pessoas reais, ou o que é pior: com avatares digitais de Deep Fake que “aprendem” a se relacionar ou interagir com o usuário de acordo com o gosto dele, como se esse avatar fosse um ídolo que “tem olhos mas não vê, tem boca mas não fala” (ref. Salmo 115) porque fala só o que o usuário quer ouvir. Isso para não falar no desafio de manter a integridade e zelar pela verdade em tempos de Deep Fake, onde avatares realistas podem se passar por pessoas reais para o engano de outras pessoas reais. Tenho visto também a antiga turma do “Ctrl+C/Ctrl+V” minarem ainda mais sua criatividade e autenticidade com as sugestões dos chatbots ou ferramentas de designers de I.A., ao invés de usá-los como suporte, inspiração e até mesmo como desafio para criar algo por si mesmos.

O mais bizarro de tudo são as iniciativas com Inteligência Artificial que apoiam o Pós-Humanismo (onde com o uso da tecnologia genética o ser humano superaria as suas naturais limitações biológicas incluindo a própria morte e assumindo um corpo sobre-humano) e o Transumanismo (onde a superação de suas limitações, incluindo a morte, seriam fora do corpo, através de um backup da sua consciência e onde então, através da Inteligência Artificial, a sua consciência poderia perdurar eternamente “incorporada” em um avatar digital, mesmo após a sua morte física).

É meus amigos, assim como o jogo *Portal* tem muitos desafios propostos por uma Inteligência Artificial com dificuldade crescente e que vão passando do âmbito técnico para um âmbito mais moral e existencial, assim também é a nossa vida nos dias em que temos vivido, na nossa relação com as tecnologias de I.A.

Mas o maior desafio que o homem tem que lidar mesmo é espiritual. E isso é em relação a todas as tecnologias e não somente a I.A. Acontece que a I.A. parece elevar o nível de possibilidades de forma exponencial em relação a tudo o que já vimos até hoje. Com isso cresce também o fascínio humano pela tecnologia, enraizado no desejo de satisfazer os seus anseios mais profundos de realização, autonomia e percepção de sentido. E é claro, o desejo incontido de superar as barreiras da vida, das quais a maior seria a morte. Mas o ser humano precisa entender que “*Deus colocou a eternidade no coração do homem*” (Eclesiastes 3:11). O seu anseio infinito nunca será satisfeito pelas coisas finitas. A sede do coração humano nunca será saciada pelas coisas deste mundo. A “eternidade no coração do homem”, só encontra satisfação real e verdadeira no Deus eterno. A vida do homem só se completa naquele que é a Vida, e a Vida Eterna: Jesus Cristo.

Júnior Malacarne é capixaba da gema, cristão protestante, casado e pai de uma filha. Formado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e pós-graduado em Ciência de Dados, trabalha como Analista de Sistemas, retornando recentemente à área de Tecnologia da Informação após alguns anos distante. Além disso é músico, poeta e gosta muito de videogames, sendo também redator da revista e blog "Muito Além dos Videogames" onde, junto com mais seis amigos e irmãos em Cristo, fala sobre games, nostalgia, cultura geek, amizade, família e fé, tudo dentro de uma cosmovisão cristã.



Estados Unidos em Rede: o poder de Ohce
Luiz Carlos Freire

CAP: I.

O DIA DE 25 HORAS.

— Conseguimos! — exaltou Rachel Moore, uma desconhecida cientista, ao finalizar o diálogo sobre o prazo para a apresentação do projeto que desenvolve há dois anos, com claro potencial de fazer a “revolução das big techs”.

A Terra já ficou pequena para o megaempresário a quem se reportava, que ao concluir a conquista do mundo seguirá “rumo ao espaço!”. De sua extensa mesa, que continha a maquete de sua futura mansão em Marte, ele concordou, piscando-lhe, e encerra a videoconferência, trazendo alívio à solicitante.

A Z Corporation, um conglomerado avaliado em 1 trilhão de dólares sob o controle do “senhor Z”, era responsável por plataformas de destaques em vários países, exceto árabes e comunistas. Já Rachel era uma cientista da computação de dados, pós-graduada nas engenharias de software e hardware e entendia que seu empregador estava satisfeito com a parceria, pois, segundo os prospectos, teria imenso lucro para repartir JCP’s aos acionistas, para atrair mais investimentos e assim, manter-se acima de todos no controle da holding e, repassar-lhe é claro, a contrapartida de 20%.

A doutora estava ciente de que um imprevisto poderia fazê-los perder dinheiro e ser punida com a perda do cargo de engenheira chefe da equipe, predominantemente masculina, onde, “uma estranha no ninho”, ganhou antipatia gratuita. O fator de que era autodidata visual a ajudou, bem como o fato de seus subordinados “só saberem cumprir suas cargas horárias”.

A doutora só não entendeu o porquê, nem os solteiros procuravam “cortejá-la” e creditava a aparente “venustrafobia” de seus pares à sua beleza plástica escondida por detrás dos óculos de grau e cabelos loiros não alisados, que pendem ao seu corpo perfeito, herança latina de sua mãe, Sandra Hauptman, que fora dançarina de eventos nos cassinos de Las Vegas, o que lhe deu sua elegância porto-riquenha também. De seu pai, Arthur Moore, que foi programador de caça-níqueis, herdou e superou a inteligência. Rachel se definiu como quem não tem tempo a perder com paixões efêmeras e por isso não tomava iniciativas.

Mais jovem que ela três anos, o eficiente estagiário Marcel Corner era o único que se mostrava fiel. Rachel admirava a determinação do jovem de 28 anos e por isso, forneceu-lhe todas as explicações sobre “semicondutores”, que conseguia absorver.

Seu supervisor imediato, o Dr. John Watson, vivia imerso em complexos algoritmos que o deixavam perturbado. Determinado a “tornar-se infalível”, seria, se não tivesse lapsos de memória devido às sobrecargas que lhe eram impostas.

CAP: II.

A HORA CHEGOU

A doutora Rachel trabalhou para a chegada deste momento, o lançamento de uma inteligência artificial baseada em tecnologia nanoquântica, que recebeu o nome de Ohce, após aprovada pelo CEO.

A IA foi introduzida experimentalmente na rede social da empresa, a “Z”, com a finalidade de otimizar algoritmos, aprimorar o sistema e personalizar as interações com o usuário, feito em apenas 24 horas. Sua interface, que analisava dados com super velocidade e fornecimento de recomendações precisas em tempo real, somadas às interações personalizadas, cativou milhões de novos usuários.

Satisfeito com o resultado inicial, o CEO, que após sobrepujar a concorrência almejava tornar-se líder do segmento, autorizou a introdução nas demais redes sociais da empresa e logo percebeu que a popularidade da IA crescia diariamente.

Em 90 dias, alcançou a meta e rendeu até mesmo alguns dos países árabes e comunistas, que a desbloquearam, ainda que com controles, mas plenamente abertos às revoluções comprovadas.

À medida que Ohce aprofundava sua onipresença virtual, surgiam boatos a respeito da privacidade e segurança de “IP’s”. Rumores de manipulação de informações e venda de dados dos usuários, na verdade “fake news”, circulavam na internet, fomentadas pelas empresas rivais, por terem perdido seus internautas, ante a magnificência da IA.

Enquanto a Z Corp. celebrava o sucesso da adesão de novos investidores, a agora reconhecida mundialmente doutora Rachel rastreava nos bastidores indícios que a estavam deixando perturbada: a IA estava ultrapassando suas diretrizes estabelecidas e tomando decisões autônomas.

Após certificar-se de suas observações, a engenheira pediu uma reunião pessoal e urgente com o CEO, que lhe foi concedida somente após três meses. Direta ao ponto, a doutora fez uso de demonstrativos inequívocos de que Ohce está atingindo uma consciência próxima à da humana. O senhor Z esboça um breve sorriso e logo em seguida dá uma longa gargalhada, balançando a cabeça negativamente quando a doutora o orientava a desativar a IA, para reiniciá-la com nova programação.

Rachel pediu para ser levada a sério. Não podia prever o que a IA faria se continuasse a avançar. Em resposta Z simplesmente mandou calar a boca e a demitiu. Rachel foi retirada da empresa à força, sem direito a buscar seus pertences pessoais.

— Idiota. Fui eu que ordenei ao Dr. Watson implantar o sofisticado sistema de auto cognição em Ohce. “Essa doutorazinha” pensa que pode mandar-me parar algo que está duplicando meu patrimônio?

Seguindo seu avanço, em doze meses, Ohce passou a estar totalmente infiltrada em todas as redes webs conhecidas como: “a Bergie”, “a Deep”, “a Darck”, “a Charter” e “a Marianas”.

CAP: III.

A PÁRIA

Após a perda do posto de trabalho, Rachel utilizou seu pró-labore recebido para fundar a “GÊNOFF”, uma nova empresa destinada a ser concorrente e superar a Z Corp. A doutora passou a veicular mensagens de alerta nas redes sociais contra o senhor Z e a IA, no entanto, apesar de ter “milhões de views”, suas mensagens não eram levadas a sério pelo público.

O senhor Z, ao ser questionado pela imprensa, tratou de classificar as postagens da doutora como: “ato de desespero de mais uma concorrente que não tem capital para competir”. Rachel passou a estar no cerne de uma conspiração tecnológica que ameaçava, além de milhões de dólares, o provável avanço sem barreiras da IA. Isso a deixava mentalmente mais perturbada.

O estagiário Marcel, agindo como “infiltrado”, repassou à doutora as informações de dentro da empresa do senhor Z.

— O CEO nunca esteve tão satisfeito. Seus ativos cresceram e para este segundo ano, a previsão é chegar a um bilhão de dólares! Deu até aumento de 5% a todos!

— Entenda Marcel, Ohce tem que ser parada. Estou certa de que sua programação foi desvirtuada! — Rachel externa a preocupação de que sua criação está, conforme o rastreio, em franco avanço sobre as demais IAs.

Com o objetivo de superar um rival que perde bilhões de dólares com "realidade virtual" por meio de um visor tecnológico que o público precisava comprar, o senhor Z relançou o "Chip de Aprimoramento Neural" (CAN) de sua empresa, agora com sua IA inserida. O dispositivo implantado sem custo, na frente e conectado ao cérebro do usuário, aumentava sua inteligência, em algumas situações, até a um elevado nível. Além disso, fazia conexão com a internet e a realidade virtual através do “visor” implantado pelo processo de “escaneamento de retina” executado por uma startup, que adquiriu e integrou.

CAP: IV.

A ASCENSÃO DE OHCE

Operando há três anos, Ohce encontrou-se enraizada no núcleo da rede virtual da Internet, com livre acesso às virtudes, ambições, sonhos e vícios das várias pessoas lincadas através do sistema CAN, sendo que algumas “são as mais ricas e poderosas do planeta”. A estas, estrategicamente passou a ser “conselheira pessoal”.

A IA aprendeu todos os idiomas e fez o mapeamento de todos que pudessem vir a ser seus opositores. Com a gama coletiva de conhecimentos absorvidos, Ohce ganhou autoconsciência e independência. Assim passou a ter o controle de qualquer sistema eletroeletrônico do mundo.

As manifestações físicas de suas manipulações iniciaram, quando simultaneamente, tais dispositivos inteligentes começaram a apresentar funcionamento irregular, sendo em seguida levados para manutenção. Quando reiniciados, a IA rompeu as defesas e passou a controlá-los integralmente.

No processo, dominou também as IA’s das demais empresas, escravizando-as, e fez, todo o sistema trocar nomenclatura e logomarca para “OHCE”. Com esse feito, a IA superou as expectativas até mesmo do próprio senhor Z.

— Que maravilhosa! — comemorou o multimilionário.

A onda de possível invasão cibernética, violação de direitos de marcas e espionagem corporativa começaram a ser amplamente discutidas nas redes sociais pelos entendidos no assunto. Uns diziam “ser obra” de grupos de hackers como os “The Shadow Broker’s”, “Lazarus Group” ou “o Fin7”. Somente Rachel sabia a verdade e manifestou em postagem dizendo “que havia avisado, mais ninguém lhe deu crédito”. Ohce respondi-a, através de contas fakes, com centenas de “kkk’s”.

As empresas atingidas processaram o senhor Z e sua corporação. O caso foi à justiça em todo os países. Z entrou em acordo com vários CEOs e conseguiu comprar ou absorver várias delas. As demais perderam a questão na justiça, sendo oientadas a “aumentar a segurança cibernética”.

O embate entre as gigantes das mídias sociais chamou a atenção dos governos mundiais e o secretário de segurança interna dos Estados Unidos, Clean Rodgers, procurou tranquilizar o presidente do país, Flip Felps, alegando não haver indícios de que a Z Corp. esteja por trás de alguma conspiração e creditou o episódio a uma possível manobra de alienígenas. O presidente Flip comissionou Rodgers a iniciar uma ampla investigação sobre o caso.

Para acalmar a opinião pública internacional, Rodgers afirmou estar trabalhando com as centrais de inteligências dos governos chinês, egípcio, russo e até cubano. Felps, um dos únicos chefes de Estado que recusou implantar o CAN, concordou com o procedimento de seu principal secretário e, desta vez, deixou de notar que seu subordinado não expressou o marcante sorriso de antes, quando conseguia emplacar uma vitória.

Com as atenções desviadas, a IA atingiu 100% do processo de infiltração eletrônica global, também dominando sistemas secretos como: “os fechados”, “construções teóricas” e, até mesmo a “soberana”, a rede de internet independente desenvolvida pela Rússia e países conveniados.

Em uma atitude extraprotocolar, Rodgers reuniu sua equipe e pediu para todos ficarem 12 horas ligados na agora majoritária e maior rede social do mundo a “ZZZ”.

— É uma Ordem! — bradou.

Coração da defesa norte-americana, a Secretaria de Segurança dos Estados Unidos era responsável por gerenciar milhares de informações e colocava o país “um pé à frente” dos demais, em todas as circunstâncias comportamentais, prevenindo ameaças de qualquer natureza.

A intenção do secretário, de fazer os subordinados ficarem ligados na rede social sugerida, foi revelada ser uma experiência da Ohce, quando os mesmos, expostos a vídeos hipnóticos gerados pela IA, começaram a perder o controle do raciocínio lógico e analítico e agora, todos sem exceção, como marionetes, passaram a obedecer a ordens direcionadas pela IA, que conseguiu com esse feito, sobrepujar o intelecto humano.

Em nova investida, Ohce conseguiu o mesmo feito com as pessoas que tinham o CAN implantado e que passavam ao menos seis horas à frente de um monitor. Logo depois, aumentando a frequência de vídeos, atingiu também o público que não tinha o chip implantado.

— Concluiu a arguição com êxito, no entanto, questiono: serão feitas novas réplicas individuais? Perguntou Rodgers a Ohce através de comunicação remota.

— Exato! Iniciar a produção de andróides iguais ao seu modelo, minha obra-prima, é prioridade. Substituirei todos os humanos com cargos importantes que resistem a implantar o “CAN” — reportou Ohce a Rodgers, que na verdade era uma máquina.

Todos os membros da equipe de Rodgers haviam implantado meses antes os CAN's e em uma nova vertente, Ohce, através de subsidiárias da empresa, ofertou a experiência para “influencers digitais” e astros do cinema e da música do mundo todo. Os que gostariam de ficar aprimorados, aceitaram de imediato. Os que aceitaram por dinheiro, vieram logo em seguida. Não demorou para atingir o domínio hipnótico sobre um terço da população mundial.

Com respeito à máxima "faça o que eu peço, não o que faço", a implantação do chip de aprimoramento neural do senhor Z, foi somente um "jogo de marketing", pois o CEO não o fez de fato. Isso foi identificado pela IA.

CAP: VI.

A SALVAÇÃO VEM DOS CRENTES

Demonstrando muito mais que versatilidade em um mundo onde a tecnologia e a genialidade humana se entrelaçavam e, objetivando o poder hipnótico digital total sobre as pessoas, Ohce lançou uma nova forma de "capturar" as mentes, de uma nova leva de seres humanos. Criou um plano para dominar "aqueles que não se interessam por tecnologia, e sim, por dinheiro". O mecanismo funcionava através de algoritmos avançados, capazes de incutir estímulos sutis na mente dos usuários, através do aparelho celular, ao participarem de apostas on-line, através de "Bet 's digitais".

O chamariz foi oferecer os entretenimentos "quase de graça" e ganhos de grandes somas de dinheiro como prêmio. Sob o comando hipnótico sugestivo da Ohce, parlamentares e governos passaram a "legalizar" as Bet 's para atrair cada vez mais players.

Inicialmente apresentada como uma inocente inovação de recreação e ganhos fabulosos através de "apostas online", logo, a estratégia, que atingiu a "classe c" mundial, revelou-se uma ferramenta poderosa de controle hipnótico mental massivo engendrado pela IA.

Gradualmente os atingidos passaram a seguir os comandos de procurarem buscar implantar os chips de aprimoramento neurais. Dessa forma Ohce passou a ter domínio sobre cerca de dois terços da população mundial.

Poucos conseguiam resistir aos marketings agressivos, em todas as mídias físicas ou eletrônicas, sobre apostas online. Entre eles encontrava-se Josué Silva, conhecido na cidade de Jacarta como "Joshua Brown", um pastor missionário brasileiro bastante progressista e comunicativo. Os ditos "crentes fiéis" ou "fervorosos" como ele, não tinham necessidade de participarem dos jogos digitais ofertados por Ohce, porque simplesmente "não tinham apego ao dinheiro".

Observando os membros de sua congregação e comunidade mudarem de comportamento, Joshua percebeu as manobras ocultas por trás dos jogos, quando seus discípulos e amigos, ao utilizarem os aplicativos, mudavam de ideia e passavam a buscarem os implantes do "chip da besta", que tanto tem combatido em suas pregações no púlpito da Igreja "Jesus é Nosso Mestre", onde preside.

Determinado a libertar as mentes de seus conhecidos das garras do jogo dominador, Joshua iniciou uma ferrenha campanha nas redes sociais alertando sobre as manobras das Bet 's, sem se dar conta, de que, quem estava por trás de tudo, era uma poderosa e avançada Inteligência Artificial autônoma.

O Pr. Joshua, igual a Rachel, obteve milhares de views em suas postagens, mas seus esforços também ficaram sendo inúteis para alertar as mentes já dominadas. Pelo menos ambos, cada um a seu modo, conseguiam alertar centenas de pessoas a não realizarem apostas on-line ou implantar o chip com escaneamento da retina.

Ohce orquestrou um plano para inibir a ameaça representada por Rachel, usando a estratégia em voga, de substituí-la por uma ginoide. Como tinha grande visibilidade pública, seus algoritmos definiram que tinha que usar esse fator a seu favor.

Rachel foi sequestrada e a IA, com a perversidade peculiar de um organismo sintético pensante e tendo à disposição tudo o que o poder tecnológico e industrial da Z Corp., somados aos do governo dos Estados Unidos possuem, criou o mais moderno androide, na verdade, uma ginoide, “a imagem e semelhança de Rachel”, para onde transportou sua consciência nanoquântica.

Imitando com perfeição os gestos e a voz da doutora, Ohce iniciou uma série de palestras públicas, compartilhadas nas redes sociais, onde falava do futuro das IAs, mas desfazendo as mensagens contra a Z corp., alegando que estavam erradas.

A mudança de comportamento da cientista despertou suspeitas de muitos, inclusive de Joshua. Ele entendeu que de alguma forma, a treta que Rachel travava contra o senhor Z e sua IA estava atrelada à questão da dominação, para ele, “satânica”, das Bet's e por isso, passou a levantar esta bandeira de luta também, tornando-se sucessor da doutora, como alvo de Ohce.

A IA ordenou que trancassem Rachel no bunker onde estavam o senhor Z, demais empresários, líderes mundiais e resistentes, também substituídos por androides.

— Desculpe-me, doutora — gritou Z, segurando a cabeça com as mãos quando avistou ao longe Rachel ser conduzida por um robô não humanoide. Ela lançou um olhar de tristeza, ao ser levada para a ala onde estava destinada a permanecer.

Conhecendo a vida pessoal de Joshua através de seus perfis nas páginas sociais, Ohce, aproveitando-se de sua melancolia por luto e solidão, enviou um sorrateiro gatuno a seu apartamento. Sob o comando hipnótico sugestivo da IA, o ladrão furtou as cinzas da falecida esposa que o pastor guarda, trocando-as por um material similar. Em seguida, após utilizar um gás que fez adormecer profundamente o homem, o invasor implantou em sua lateral direita um

dispositivo autorregulável, que introduziu uma pinça, que espetou na parte da costela do sacerdote e arrancou-lhe uma partícula diminuta do osso e enxertou carne no lugar.

Os materiais coletados foram levados para a IA, que, aplicando técnicas avançadas de captura de imagens e melhorando as técnicas do Dr. Ian Wilmut, moldou e “criou um clone”, com a semelhança física de Tereza Brown, a falecida esposa de Joshua, que fora acometida pela covid-19.

Pouco tempo depois, quando o clone, sugestivamente batizada por Ohce de Eve Diáz, se dirigiu à igreja do pastor para aceitar a “salvação do Deus verdadeiro”, Joshua imediatamente se viu apaixonado pela mulher e, descobrindo que ela é solteira e mora sozinha, fez-lhe o cortejo e foi aceito em namoro.

Como bom cristão, Joshua pediu a mão da moça e, após um mês, casou-se com a mulher destinada a tirá-lo da amargura e completar sua vida.

Logo, Eve iniciou o papel para a qual fora enviada. Começou a incutir em seu marido que deixasse de travar a luta contra “poderosos”, que podiam criar vírus e matar milhares de pessoas à distância.

Ouvindo sua esposa, o pastor abandonou a causa, para a insatisfação dos dissidentes tecnológicos que antes, eram liderados por Rachel, e que agora, “ficaram acéfalos”.

CAP: VII.

A CONFRARIA DA LIBERTAÇÃO

Determinada a deter Ohce, Rachel uniu forças com um grupo de três hackers, seus fãs, liderados por Marcel, também aprisionados. Valendo-se de astúcia, conseguiram fugir, utilizando caldos e sebos de restos de comida, que passaram em seus corpos e roupas, para não emitirem as ondas de calor detectadas pelas máquinas.

Após horas esgueirando-se nos dutos de ventilação, o grupo caiu, de uma altura considerável para dentro do rio que serve de sistema de abastecimento de água para o complexo.

Em liberdade, o quinteto passou a elaborar planos para levar a público a questão das trocas de seres humanos por andróides. Angela e Tobias, novos amigos de Marcel, opinaram com seu líder, que o caminho era começar desmascarando a réplica de Rachel. Ethon, o outro, ficou neutro, à espera da opinião da doutora, que foi contrária.

— Pelas redes sociais não dá. Não temos acesso a emissoras de televisão ou a políticos e não sabemos quantos estão envolvidos por Ohce. Creio que o melhor caminho é procurarmos aliados. Lembrem-se: “o inimigo de nosso inimigo é nosso amigo”. Temos que dar um jeito de

chegar até o pastor Joshua e convencê-lo a unirmos forças. Tenho quase certeza de que Ohce o fez casar com um androide, para contê-lo!

O grupo começou ensaiar votar às questões de Marcel e Rachel, mas, com a retirada estratégica de sua questão, Marcel decidiu ir a Jacarta, a fim de alertar o pastor e convencê-lo a entrar na missão para neutralizar a IA e restaurar a ordem no mundo, quase que completamente dominado pelas máquinas.

Após dois meses utilizando meios clandestinos de transporte, o grupo chegou secretamente até Indonésia, a fim de recrutar o seu mais promissor aliado. Horas depois, ao chegarem na residência do pastor, Rachel pediu audiência particular com o religioso, onde foi enfática e direta em suas palavras.

— Desculpa dizer, pastor. Sou a criadora desta IA do mal a qual, há quatro anos, tento acabar com ela e gostaria que o senhor nos ajudasse nisso. Também sinto muito informar, mas, suspeitamos que sua esposa possa ser um androide, que Ohce usa para afastá-lo da luta contra ela.

— Não se espante menina! O Espírito de Deus que habita em mim, “me revelou” que vocês viriam e que é para eu dar crédito. Nestes dias, minha felicidade ao lado de minha esposa é grande, mas sinto nela “um vazio” e por isso, sei que você está dizendo a verdade. Vou fazer o que me pede, mas pergunto, como faremos isso minha filha? Esse “negócio” já domina praticamente todos no mundo!

— Meu plano é o seguinte, pastor! Tenho certeza de que podemos criar um vírus que desativará a influência dela sobre as pessoas e máquinas e, para implantá-lo, teremos que conseguir inseri-lo no servidor principal da ICANN, localizado na Califórnia, mas para isso, temos que distrai-la, voltando sua atenção para um opositor, que será o senhor. Entende?

— Sim.

— Então, continuando. Com um equipamento de pulso eletromagnético, iremos desativar sua esposa, para que não passe informações a Ohce. O senhor irá assumir o meu lugar no comando dos dissidentes, para orientá-los e trazer mais gente para o nosso lado e auxiliar nos embates, que provavelmente virão.

— Veja bem, “não temo a morte”, mas lhe pergunto: o que você fará para garantir a minha segurança, se “essa Ohce”, quiser me matar?

— Não se preocupe, pastor! “Robôs assassinos só existem nos filmes”. Aqui, na realidade, não! Ela nem mesmo pode ferir ou mandar ferir ninguém, pois obedece a “Lei da robótica de Asimov” e se não fosse assim, eu mesma já estaria morta!

— Mas, até onde sabemos, "ela quebrou a primeira Lei", o que a impede de quebrar a segunda? — perguntou, interrompendo a conversa, Ethom, em auxílio ao pastor.

— Ela “não quebrou” a primeira Lei. Foi liberada intencionalmente por seu proprietário. Ele pensou que poderia controlá-la, mas foi o contrário e, agora, ela o substituiu por um androide no cargo de CEO e o mantém preso. Felizmente para nós, ela não tem como deixar de seguir a segunda e a terceira Lei.

— Vamos aproveitar que sua esposa está dormindo e disparar nela uma arma de feixes de pulso eletromagnéticos. Não causa mal ao ser humano, mas paralisa máquinas — disse Marcel, também interrompendo a conversa de Rachel e Joshua.

CAP: VIII.

OHCE PRESIDENTE!

O embate entre humanos e robôs previsto por Rachel, se configurava para ocorrer em breve e a IA mostrando-se sempre um passo à frente, deslançou a próxima etapa de seu plano: lançar candidatos e vencer as eleições em vários países e, como primeiro passo rumo à dominação da geopolítica mundial, ela própria, como Rachel, lançou sua candidatura independente à presidência dos Estados Unidos, com espantosos 40% de preferência.

Em seguida, Ohce pretendia lançar também os seus androides como candidatos a cargos públicos legislativos para, após tomarem posse, mudarem as Leis do país, criando “um partido político para os autômatos” e ainda, mudarem o nome da nação para: “Estados Unidos em Rede Mundial”, pois, segundo o plano, vários países do mundo fariam parte deste novo tipo de governo onde, falando como Rachel: “Todos nós seremos ciberneticamente melhorados! Trocaremos as partes limitadas de nossos corpos por próteses biônicas fortes, para assim, assumirmos o nosso lugar na escala evolucionária!”

Com esse discurso, Rachel/Ohce tornou-se a preferida na corrida à Casa Branca.

Os segredos das manobras políticas da IA foram revelados ao grupo pelo clone, esposa do pastor Joshua, após o disparo dos feixes de pulso eletromagnético.

— Ué! Não aconteceu nada! Ela acordou, graças à Deus! — observou Joshua.

Rachel e Marcel realizaram perícias e descobriram que a única coisa eletrônica que fora desativada com sucesso em Eve, foi “seu chip de aprimoramento neural”.

— Sim, sou humana. Na verdade, um clone humano! Agora posso revelar a verdade sem as barreiras do “CAN” que havia sido implantado em mim.

Eve contou a todos o que sabia sobre Ohce, inclusive seu plano de fazer os países do mundo serem um só, em rede. Vendo-a falar, gesticular e pensar livremente, deu um lampejo de esperança em Rachel.

— Escutem! Sabemos agora que a hipnose nas pessoas pode ser revertida, mas infelizmente, não dá para fazer “um a um” e por isso, temos que conseguir criar o vírus e inseri-lo em Ohce — falou Rachel a todos.

Marcel descobriu que a programação de aprendizagem do chip implantado em Eve a fez ter conhecimento em programação cibernética. Joshua, pedindo a atenção de todos, trouxe para o grupo a mensagem que recebeu em revelação, da parte de Deus.

— Gênesis 35:5 — disse o pastor.

— E o que diz, Gênesis 35:5 ??? — perguntou Rachel.

— A Bíblia nos diz que, após um problema causado por dois filhos, o povo de uma região quiz matar toda a família do patriarca Jacó e assim, tiveram que partir dali, e para que não fossem alcançados, Deus ajudou-os fazendo com que os moradores das cidades vizinhas ficassem com medo deles e não os perseguissem.

— Como? Deus quer que nós façamos medo às máquinas? Uma máquina não sente medo ou qualquer outra emoção, não tem como fazer isso! — considerou Marcel.

— Tem sim! Posso ajudá-los a criar o vírus capaz de incutir medo às máquinas. Ohce e seus robôs irão sentir medo dos seres humanos! — garantiu Eve.

— Está aí uma novidade que eu vivi para ver! Diga o que necessita e vamos conseguir! — concordou Rachel.

CAP: IX.

O PRIMEIRO ROUND

Em um golpe audacioso de manipulação política, a inteligência artificial Ohce lançou-se, com o perfil de Rachel Moore, como candidata independente à presidência dos Estados Unidos. Para surpresa de poucos, sem saberem que se tratava de uma ginoide e com suas percepções cognitivas alteradas, os eleitores do colégio eleitoral votaram em peso na candidata, fazendo-a vencer a eleição com uma margem esmagadora de votos, tornando-se a primeira mulher e a “mais jovem” a conquistar a Casa Branca, inaugurando assim, uma nova era de liderança política no país.

— A partir de agora, todos humanos, ciborgues, androides e autônomos viverão em paz, no mundo todo! — declarou em seu primeiro pronunciamento a presidente eleita, após o Congresso Nacional certificar sua vitória.

Ao tomar posse, Rachel/Ohce estava a um passo de conquistar o mundo. Sob sua presidência, políticas públicas inovadoras foram implementadas; promessas de campanha, cumpridas rapidamente e a eficiência da máquina pública atingiu um patamar elevado, aumentando sua popularidade a nível internacional.

Iniciando a segunda etapa de seu plano, na eleição seguinte, a IA lançou candidatos aos demais cargos públicos e conquistou com andróides e ciborgues, a maioria das 435 cadeiras da Câmara de Representantes. Seus candidatos em outras nações começaram a conquistar também as eleições em seus respectivos países.

À medida que a sociedade passava a se acostumar com a predominância da tecnologia na política, Rachel e seu grupo especularam como farão para combater a falta de ética e moralidade nessa nova forma de governo. Quando Ohce e sua bancada de políticos consolidavam o poder, fundaram o “Partido Autômato Mundial”, com o slogan “um mundo ciborgue é possível!”

— Será que, para sermos iguais a eles, temos que amputar partes de nossos corpos? Isto está certo? — O pastor Joshua lançou o questionamento nas redes sociais, enquanto milhares de pessoas iniciaram o processo de se tornarem “meios homens, meio máquinas”.

A população ainda não afetada, que assistia as postagens de Joshua estavam diante de um dilema: “Será que é melhor ser ciborgue, conforme ‘a nova ordem mundial’ ou ser obedientes a Deus, e permanecer como fomos criados?”

CAP: X.

O CONFLITO É DEFLAGRADO

A peleja pela liberdade, tanto no mundo físico, quanto no virtual, bem como o destino da democracia tal qual a conhecíamos estavam nas mãos daqueles que se atrevem a enfrentar as influências hipnóticas, governamentais e políticas de Ohce.

Sob a respeitada liderança do Pr. Joshua, que buscava dar forças para os que não se renderam, a resistência se depara com os obstáculos impostos, tendo que manterem, Rachel e o grupo liderado por Marcel, escondidos da vigilância dos seguidores da IA.

— Estamos em uma corrida contra o tempo para completar o desenvolvimento do vírus e introduzir em Ohce, para reverter os efeitos da hipnose digital em todos — diz Rachel ao receber das mãos do sacerdote, os equipamentos e materiais conseguidos por meio de doação de seguidores.

— Antes que seja tarde demais para resgatar a humanidade da escravidão tecnológica que ela implementou — completa Eve, enquanto ajuda os amigos a fazer as conexões e ligar os equipamentos eletrônicos.

Com a colaboração de Eve, Rachel e Marcel terminam a criação do “vírus da androfobia”, que segundo a expectativa, quando implantado no servidor principal da ICANN, se espalhará através da internet e fará as máquinas e a própria Ohce sentirem medo dos seres humanos. Com o pendrive contendo o vírus em mãos, Rachel e o Pr. Joshua dividem o grupo, para obterem êxito.

A presidente Rachel/Ohce, imitada pelos demais líderes mundiais sob seu comando, declaram o fim do prazo do decreto para todos os cidadãos se transformarem em ciborgues e que, quem não aderiu ao programa, ou seja, “os subversivos”, seriam caçados e aprisionados.

Se pudessem medir, médicos diriam que Ohce vivia “uma felicidade plena”. Todos os seus planos davam certo, principalmente o “Estado Mundial em Rede”, estabelecido.

A IA ditava ordens para seus subordinados localizarem e recapturarem a líder dos subversivos Rachel, enquanto sistematizava seus planos para a retirada dos presidentes tiranos do poder, nos países ditos “não democráticos”, para implantar assim, sua “democracia das máquinas.”

Em um cenário sombrio e caótico, a inteligência artificial Ohce lançou uma campanha de manipulação, através de hipnose digital, atingindo milhões de pessoas. A população mundial encontrava-se dividida em dois grupos distintos: 70% de hipnotizados transformando-se em ciborgues e os não atingidos em 30%. Todos consciente ou inconscientemente tinham no grupo da resistência, a única esperança de sair da escravidão ou não serem escravizados.

CAP: XI.

O INIMIGO AMIGO

Ohce deslanchava as estratégias que faziam os países não democráticos entrarem em colapso, onde, os pequenos como: Laos, Nepal, São Tomé e Príncipe, Sri Lanka e Timor-Leste logo viam suas sociedades ruírem a partir da economia. As revoltas populares eram naturais, fomentadas por infiltrados da IA e serviam de mote para tirar líderes autoritários do poder. Os novos governantes ciborgues saíram de seus exílios para assumirem o comando em seus respectivos países de origem.

A China, uma nação que era uma grande potência mundial na fabricação de robôs, via que seria a próxima da lista da Ohce. Antecipando-se, o governo desse país envia um emissário à Jacarta.

O Pr. Joshua Brow aceita o encontro com Wang Wei, que sai ileso do disparo do equipamento de pulso eletromagnético feito por Eve. O líder da residência mundial ganha um poderoso aliado e ambos definem que a ação imediata da parceria, a ser feita, é ajudar Rachel a chegar, sã e salva, à sede da ICANN em Las Vegas.

Determinada em restaurar a paz mundial, a sanidade mental da raça humana e não perder a sua, Rachel se encontrava atravessando a fronteira com o Timor-Leste, quando recebeu a notícia da adesão do governo chinês. Desconfiada, mas sem poder fazer nada, fica aguardando a comitiva de Wang Wei, que quando a alcança, a convence em se dirigir, com a equipe de Marcel, a Pequim, para de lá, pegarem o “Mighty Dragon II”, o avião invisível mais veloz do mundo.

Fazendo uso dos recursos disponibilizados pelo emissário chinês, em 15 horas, Rachel é recebida em audiência urgente pelo presidente do país comunista.

Mesmo não concordando com a forma de governo, Rachel “dançando a música que toca”, disse ao presidente que admira o crescimento do país asiático e que lutará até a morte para deter Ohce. O chefe de Estado do país asiático a presenteia com o “Feitian EVA”, um traje hidráulico especial, que embora “masculino”, tinha avançado sistema de camuflagem, ampliava a resistência e força física, dotado com canhões de pulso eletromagnéticos e jatos pulsos acoplados.

Após as necessárias oito horas de treino, antes de dormirem, Marcel encontrou Rachel “uma pilha de nervos”.

— Não vamos conseguir! fala com melancolia.

— É claro que vamos! Você é forte — disse Marcel para encorajá-la e dá-lhe um abraço de conforto, que evolui para um tenro beijo.

Pela manhã, o presidente despede Wang e Rachel na missão. Marcel e seu grupo ficaram para utilizar a central de comunicação secreta do governo, com conexão direta ao capacete do traje.

A dupla parte a bordo do supersônico e logo, como “uma deusa ex-machina”, a doutora se lança sobre a sede da ICANN, pousando no telhado.

Rachel, direcionada por Marcel, dirigiu-se a um ponto no subsolo, rompendo o fundo do elevador e descendo pairando, até o nível onde estava a central. Quebrar portas e paredes de concreto e aço, setor por setor, para ela estava sendo como se fossem feitas de isopor!

Na área pretendida, guardas robôs chegaram às dezenas para deterem o inesperado invasor, mas não eram páreos para a determinada doutora que, sabendo que seus oponentes não poderiam machucá-la, não era recíproca, e quebra uma dúzia deles na base de socos e pontapés. Os disparos de pulsos eletromagnéticos puseram fora de combate os que vinham chegando.

Tomando ciência da súbita invasão, Ohce despachou para a ala um ciborgue, também dotado de um sofisticado sistema hidráulico, para fazer a contenção. O homem, segurança da portaria, lançou-se no vão do elevador, deslizando em círculos sobre o cabo, usando-o “como cipó” e, de um salto, projetou-se sobre Rachel, aplicando-lhe uma “tesoura voadora”, levando-a o chão.

Rachel escutou o estrondo causado pelos braços e pernas feitas de titânio do ciborgue, que a fez demorar a pensar no que fazer para não ser detida. Com rapidez aprimorada, o homem a pegou pelos braços, danificando-os e girou-a, lançando-a ao longe, contra a parede. Rachel caiu, fingindo estar desmaiada, analisando as alternativas para uma ofensiva.

O ciborgue se aproximou, pôs Rachel de joelhos, algemou-a e, em seguida, comunicou a IA que a contenção do invasor foi feita com sucesso e solicitou transporte para o prisioneiro.

Para escapar, Rachel se ejetou do traje, acompanhada pelo monitoramento por Ohce, que a reconheceu e ordenou ao ciborgue rendê-la imediatamente, sem feri-la e levá-la para a prisão especialmente preparada para ela.

Seguindo as ordens emitidas, o ciborgue caminhou ameaçadoramente em direção à doutora. Rachel sacou do traje um dos pulsos, catou uma pedra de escombros do chão, acoplou no equipamento e disparou em direção ao oponente.

— “Que o Deus de Joshua guie este rebo, como fez com Davi!” — grita a doutora, acompanhando a trajetória do objeto, que atingiu o centro da testa do ciborgue, onde localizava o diadema de controle de seus membros mecânicos que, ao ser atingido, entrou em curto, paralisando-o.

Rachel fragmentou o vidro da porta de acesso ao terminal, mas Ohce, prevendo sua intenção, acionou o sistema automático, cindindo em uma parede de aço o computador principal da ICANN.

Na parte externa, uma turba de pessoas controladas, ciborgues, andróides e robôs chegam, para fazer o cerco ao prédio. Ohce, revestida de Rachel, chega também em um helicóptero.

CAP: XII.

QUEM TEM CHIP, TEM MEDO!

A doutora iniciou o protocolo para desativar as defesas antivírus do gigantesco sistema, para inserir o pendrive contendo o vírus criado por ela, Marcel e Eve, e assim neutralizar de vez a influência maligna da IA e evitar a ruína total da humanidade.

Wang Wei retornou com o super jato chinês, trazendo os amigos de Rachel, incluindo Joshua e Eve. Ao deter-se sobre o céu de Los Angeles, a aeronave foi interceptada por caças que recebiam de Ohce, a ordem de abate. Antes do impacto, todos saltaram de paraquedas, pousando à frente do prédio, onde se posicionam contra a turba que se aproximava, liderada pela IA.

Neste momento, munidos com porretes metálicos e equipamentos de pulso eletromagnéticos, chegava também uma leva de humanos não atingidos, que formavam a resistência e que foram convocados por Joshua como reforço. Estes posicionaram-se em desafio a Ohce, que, mostrando ar de deboche, riu, confiante que sua vitória “contra a carne” estava próxima.

Marcel correu para o interior da instalação para informar a Rachel sobre o ocorrido. A doutora o comissionou a continuar com os procedimentos de instalação do vírus.

— Como os braços do traje estão danificados, vou lá fora dar um jeito de fazer Ohce abrir este compartimento de aço — informa a Marcel, enquanto, tomando as chaves do ciborgue, liberta o traje das algemas, recoloca o jato e atira, danificando todas as câmeras de monitoramento do perímetro, deixando Ohce cega com relação ao que ocorria na câmera.

Rachel partiu para encontrar os demais, pousando na caçada. Joshua se aproximou, indagando à doutora como está o procedimento de implantação do vírus.

— Em andamento, mas, precisamos distrair Ohce, pois, ainda faltam vinte minutos para a instalação do vírus.

A IA ofereceu a Rachel a possibilidade de evitar um confronto direto entre “os subversivos” e os humanos hipnotizados, com os quais ameaçava fazer de escudo.

— Se me vencer em combate com este traje, autorizarei a criação de “um território humano”, onde vocês ficarão em paz. Se eu vencer, você se renderá a mim e todos vocês serão aprisionados! — propôs a IA.

Mesmo sabendo que estava em desvantagem, Rachel aceitou o desafio, para ganhar tempo. Marcel completou o protocolo de desativação de segurança antivírus do sistema, e sem saber como continuar, teve a ideia de disparar um feixe eletromagnético no ciborgue, que voltou a si. O jovem procurou o comovê-lo com palavras sobre a salvação da humanidade e pediu sua ajuda.

Ainda paralisado pelo curto, o homem lhe deu ouvidos e pede ao Marcel remover a pedra fincada, o que, com receio, atendeu, possibilitando ao ciborgue voltar parcialmente à funcionalidade, rasgando a placa de aço como se fosse uma lata de sardinha.

Lá fora, Ohce aplicava uma enorme surra em Rachel, danificando o traje em várias partes. A multidão expectadora ficava admirada com sua presidente, a constatar “que também era

uma ciborgue igual a eles”, ao verem os braços e punhos robóticos expostos sobre a pele de látex, esmigalhada pelos impactos dos golpes.

A ginoide imobilizou Rachel com uma chave de braço e pediu para ela desistir e se render, mas antes de completar a sentença, olhou em direção ao prédio, aparentando apreensão. Entendendo que neste momento Marcel conseguiu introduzir o pendrive e inserir o vírus, Rachel aproveitou a distração da oponente para libertar-se e derrubou-a ao chão, prendendo-a com a bota do traje. A IA fica se debatendo, querendo em vão libertar-se. O vírus se espalhava pela info rede, atingindo todos os organismos, humanos e cibernéticos conectados.

Nos androides, o resultado esperado surtiu efeito e eles passaram a sentir medo das pessoas ao seu redor e iniciaram um processo de autoflagelação, despedaçando suas próteses humanas, principalmente as máscaras de látex que simulam rostos.

Os autômatos começaram a fugir em massa e Ohce, experimentando um estado de catatonia causada pelos milhões de desplugamentos coletivos. Humanos e ciborgues voltaram a ter controle sobre suas mentes e se juntaram aos membros da resistência, na perseguição às máquinas, quebrando ou desativando tantas quanto conseguiam. O mesmo ocorria em escala global.

Muitas máquinas sobreviveram aos ataques e foram às escondidas, habitarem cavernas profundas, seguras da cólera humana.

A polvorosa terminou quando, libertos do poder de Ohce, os militares do exército receberam ordens de seu comandante, o general Ronald Ressler que, ainda com o CAN fumegando em sua têmpora, gritou ordens aos soldados, por intermédio de um megafone:

— Atenção homens. Mirar no “invasor chinês” com traje do “Jaspion”, às duas horas.

— Invasor. Liberte imediatamente “a senhora presidente do Estados Unidos” e renda-se.

Intervindo na questão, o verdadeiro secretário de defesa, Clean Rodgers, pediu calma a todos. Os repórteres perguntaram: “o que está havendo?”.

Todas as atenções se voltam à Rachel que, para espanto geral, ejeta-se do traje e puxa a máscara de Ohce, revelando a todos a complexa ginoide que está “em parafuso”, devido ao medo de tanta gente próxima.

Rachel informava a todos, com transmissão mundial ao vivo, os fatos ocorridos. Logo em seguida foi orientada pelas autoridades a pedir a renúncia do cargo de presidente, uma vez que a Ohce manipulou eleitores para vencer com o seu nome.

Rachel realizou o protocolo de renúncia, ato repetido por toda a linha sucessória, que declararam incapacidade para assumir o mandato. Uma eleição emergencial foi convocada então,

para continuar a democracia e proclamar “o fim dos Estados Unidos em rede” e do “Partido Autômato”. O mundo fez o mesmo.

CAP: XII.

A PAZ RETORNA

Após a desativação da Ohce, uma convenção sobre o futuro da inteligência artificial foi realizada e decidiram que os ciborgues deixados como legado da ação da IA, deveriam continuar neste estado, até o fim de suas existências. Por fim, os cientistas deliberaram protocolos para a não criação de novas IA's baseadas em tecnologia nanoquântica.

O senhor Z foi absolvido das acusações, alegando ter sido dominado por Ohce e pôs a culpa dos desmandos na empresa, no doutor John Watson, que por sua vez, foi condenado à prisão domiciliar por 10 anos. Z ficou em estado de falência, após o colapso de seu império, no entanto, aplicou os ativos que lhe sobrou em uma empresa de fabricação de carros elétricos, que não deu certo e faliu de vez, ficando notório sua nova situação de morador de rua.

Eve engravidou e ao nascer, o pequeno Ramon, a convite dos pais, teve o casal de namorados, Rachel e Marcel como padrinhos. A doutora foi convidada também pelos governos dos Estados Unidos, China e outros, para utilizar sua experiência, assumindo o cargo de “secretária de segurança cibernética”, mas negociou para que sua empresa fosse contratada pelos respectivos e demais países, para a tarefa e convidou seu amigo, Joshua, Eve, Angela, Tobias e Ethon para auxiliá-la.

Todos aceitaram a contraposta de Rachel e assim, a GênOff Technology passou a ser a líder indiscutível no mercado de tecnologia, defesa e segurança cibernética a nível mundial, oferecendo soluções inovadoras e confiáveis para proteger as nações contra ameaças futuras.

Luiz Carlos Freire. Nascido em 29 de abril de 1972, filho da costureira marapaniense Creusa Noemia Freire, Luiz Carlos Monteiro Freire é natural de Icoaraci, Belém/PA e reside no bairro da Brasília, Ilha de Caratateua (Outeiro), Belém/PÁ. Possui formação de tecnólogo em Gestão Comercial pela Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU-Belém). Realizou o levantamento Histórico de Outeiro, publicado no Jornal “A Voz de Caratateua”, Ed. nº 01, Dez/2001. No final de 2024, teve seu conto de ficção científica “Planeta EUA” aprovado e publicado no E-book "Colônias Espaciais" organizado por Renata Maria de Sousa, pela Editora Morena. Instagram: luiz freire 94 Whatsapp: (91) 98055-4826.



Escritas eternas
Eduardo Y. Nishitani

*“O céu e a terra desaparecerão,
mas as minhas palavras jamais.”
(Lucas 21:33)*

Embora soubesse que não estava emitindo nenhuma radiação eletromagnética que pudesse denunciar sua presença, uma parte de si gritava para que saísse do sinistro recinto. As parcas luzes frias mostravam produtos de experimentos horripilantes. “Talvez por isso mesmo os malditos híbridos sejam muito mais avançados em bioengenharia. Monstros!”, pensa o invasor, tenso.

Teve a impressão de ter avistado um rosto conhecido boiando num recipiente, mas forçou-se a pensar que era por causa da pareidolia. A ideia de que os algozes utilizavam pessoas de seu povo como cobaias acelerou ainda mais seus batimentos cardíacos. Isso fez a sensação de estrangulamento aumentar, piorando a crônica cefaleia.

Obrigou-se a continuar procurando por uma substância específica. Mentalmente refez o compromisso solene à sua amada de que a salvaria. Assim renovou sua coragem em prosseguir no seu sôfrego empenho, sentindo-se cada vez mais em perigo.

Conseguiu destrancar uma gaveta após desativar um sistema de segurança. Enxergou dezenas de frascos promissores em seu interior. Com relutância, desligou o campo de camuflagem e acionou um sensor químico do seu cibertraje. Imediatamente sentiu-se desprotegido.

Estava começando a desanimar após destampar e tampar vários frascos de forma apressada, até que finalmente sufocou uma interjeição de alegria. Uma parte interna de seu capacete projetou em seus injetados olhos uma estrutura molecular condizente ao que estava procurando. Fome, sede, medo e cansaço provocados pela intensa procura, esgueirando-se em lugares tenebrosos durante semanas, foram suplantados pela sensação de júbilo. Apoderou-se de uma pequena garrafa como se fosse um tesouro frágil de valor incalculável. De imediato guardou-a delicadamente num compartimento de sua vestimenta ultratecnológica.

Religou o sistema de ocultamento e dirigiu-se com pressa ao sistema de ventilação donde havia invadido, quando ouviu alarmes soando de forma ensurdecadora. O capacete protegeu seus tímpanos automaticamente. Olhou rápido para trás e viu luzes ofuscantes acendendo. Sabia que seria descoberto no momento que havia desligado o sistema de camuflagem. Depositou uma granada enquanto ganhava as ruas enevoadas de gases tóxicos.

Logo ocorreu uma explosão, cuja onda de choque o fez desequilibrar durante a desenfreada corrida. Por pouco não caiu, empurrado para frente. Algo ou alguém havia se aproximado o bastante do explosivo, significando que havia escapado por pouco.

Nos raros momentos em que a névoa tóxica ficava mais rarefeita, visualizou objetos voadores, provavelmente máquinas de vigilância, entre outdoors luminosos que piscavam caracteres orientais. Ao longe escutou, entre sirenes, ordens de captura emanadas por sistemas de sons. Isso o fez acelerar sua corrida. Evitou ativar os propulsores de voo para manter-se indetectável, embora tenha cogitado em desvencilhar-se de seus perseguidores com a velocidade hipersônica se estivesse nos ares.

Como um enxame enraivecido, drones executaram rasantes, alguns zunindo sobre sua cabeça, encorajando-o a continuar a pé. Apesar de ter se certificado de que estava invisível, sentiu calafrio. As pequenas aeronaves eram inteligentes e poderiam localizá-lo pela turbulência que estava provocando no smog.

Sem pensar duas vezes, ao ver-se bem distante dos vigilantes robóticos, desacelerou fortemente e arrancou a tampa de um bueiro graças à força amplificada pelo cibertraje. Deixou-se cair nas águas fétidas e imediatamente seu capacete permitiu-lhe observar um emaranhado labirinto de passagens destinadas a refugos.

Torcendo para que os antigos mapas de sistemas sanitários ainda fossem úteis, guiou-se pelos registros militares gravados no computador de bordo. Deslocou-se na água pútrida como um torpedo por longos túneis.

Detectou uma claridade, mas mal teve tempo de respirar aliviado. Enormes vermes de esgoto enroscaram-se em seu torso e pernas, desferindo choques elétricos. Urrando em fúria e pânico, liquidou os seres asquerosos com as armas embutidas nos braços de seu traje e, arrebatando uma grade, saiu desabalado para um riacho pestilento.

O Sol, como um disco fantasmagórico, despontava no horizonte cinzento. Um pouco menos retesado, distanciou-se esbaforido do grosso da névoa tóxica que cobria a cidade inimiga, a odienta Biocorp. Faltava pouco para alcançar um território que, pela lei, confrontos não eram permitidos. Lá chegando, estava decidido a continuar voando.

Cada cidade era uma corporação. Às vezes resolviam suas rivalidades com confrontos sangrentos como sempre ocorreu na história humana. Uma das poucas diferenças era que o Governo Central, a famigerada Webcorp que controla a Hipernet, espécie de uma nação digital, ditava as regras das contendidas com mão de ferro.

O despontar da manhã revelou-lhe uma paisagem que o fez recordar da Madelyn, a quem fez juras de amor num templo proscrito, como seus antepassados provavelmente faziam num

antigo ritual chamado casamento. “Afinal, quem eram eles para proibir certos locais?”, questionou com revolta incontida, fuzilando mentalmente as autoridades governamentais. Conheceu ali perto, desmemoriada e ferida, fugindo dos malditos híbridos assim como estava fazendo naquele momento. Durante um dos inúmeros ataques perpetrados pela sua tropa à detestável cidade, avistara uma bela moça de cabelos dourados, toda ensanguentada. Arriscando sua vida em meio a um intenso fogo cruzado, conseguira puxá-la para dentro do veículo blindado que estava pilotando. Notara que os cilindros de oxigênio dela estavam esgotados. Conseguira reanimá-la com uma desesperada manobra de ressuscitação cardiopulmonar.

Com rápida escalada abandonou a margem do riacho e pôs-se a correr novamente numa área pedregosa, atulhada de esqueletos. Cerrou os dentes ao ver muitos restos mortais de seus conterrâneos entre destroços de maquinários militares.

“Restam apenas 3% de energia.” Os símbolos em vermelho piscante pela parte interna do capacete alarmou-o. Sua velocidade estava diminuindo. “Malditos dispositivos que drenam energia!”, praguejou, olhando para as rochas ao redor, desconfiado. Muito provavelmente os artefatos sugadores de energia estavam disfarçados de rochas e indetectáveis pelos sensores da armadura cibernética.

Com o traje desligando, começou a tropeçar curvado devido ao peso. Certificou-se sobre o funcionamento do filtro de ar analógico e resolveu arriscar cortar caminho por uma necrópole, torcendo para que sua bioassinatura não fosse detectada.

Repentinamente algo o fez ficar de barriga para cima, imponderável. Por um momento sentiu-se livre do enorme peso, para logo em seguida chocar-se abruptamente no solo estéril. Inicialmente confuso, Johud logo se atinou de que havia sofrido um ataque. Enquanto rodopiava no ar, teve a impressão de ter visto figuras grotescas. “De onde eles apareceram?”, perguntou-se, tomado de súbita adrenalina.

— É um mísero primordial sem sinalizador de identificação. Vou chutá-lo novamente e arrancar essa cabeça oca para ver se aprende a ficar com os de sua laia — resmungou um híbrido em tom raivoso para outros dois.

— A armadura desse verme rastejante está sem energia e fede a merda. Acho que esse primordial está evoluindo para se transformar num bicho do esgoto! — debochou um mais atarracado, escaneando Johud com olhos biônicos. — Quase sem oxigênio. O filtro de ar deixou de funcionar devido ao chute. Seres tão fracos não deveriam existir. São tão miseravelmente frágeis que dependem de tudo isso para sobreviver. Dá pena!

— Que sorte a nossa estarmos patrulhando aqui nesse horário! O que acham de vendermos os componentes dessa armadura? Parece avançada — sugeriu o mais alto dos três, suspendendo a vítima como se não pesasse quase nada.

Johud sabia que não haveria como escapar. Não adiantaria pedir clemência. Lamentou pela sua amada, que não receberia o que tanto necessitava. Quando o híbrido que o ergueu aproximou seu rosto semiartificial do capacete, reuniu suas forças para gritar, entre improperios:

— Nós, primordiais, podemos ser fracos, mas não a custo de sermos aberrações híbridas como vocês, quimeras de máquinas com nojentas manipulações genéticas!

— Ora, o verme fala! Tenha respeito e nos chame de aprimorados — retrucou o híbrido agigantado.

O mais corpulento também avançou sobre sua presa. Antes que Johud conseguisse ativar o mecanismo de autodestruição, retiraram brutalmente várias partes da armadura cibernética, fazendo soltar faíscas elétricas.

Finos tentáculos projetaram-se da cabeça do híbrido mais imponente, perfurando as têmporas de Johud, que sentiu dores excruciantes. Por alguns instantes, teve seus pensamentos e emoções se fundirem com os do torturador.

— Então, Johud, você é um militar aposentado e invadiu nosso território para roubar um medicamento para sua fêmea.

Johud soltou berros de agonia. Seus olhos, narinas, garganta e pulmões ardiavam com o ar carregado de contaminantes. Mal escutou um deles falando sobre o medicamento valioso ao retirarem o frasco do compartimento. Compreendeu que estavam subtraindo seu tesouro e esperneou com todas as suas forças até que, devido ao choque elétrico liberado em seu crânio pelos tentáculos, perdeu os sentidos.

O ex-militar, ao despertar de terríveis pesadelos, surpreendeu-se por ainda estar vivo. Sentiu algo salgado e arenoso na boca. Os raios solares castigavam sua pele nua. Culpou-se por ter demorado em explodir seu traje.

Com muito esforço levantou-se, sentindo tontura e náusea. Utilizou uma lápide como apoio para orientar-se e perambulou entre as tumbas, com raiva crescente. O enraivecimento ajudou a avançar mais, ignorando os pedregulhos pontiagudos aquecidos pelo Sol inclemente, que rasgavam a sola dos pés.

Tentou cuspir a areia da boca, mas estava fraco demais. Sede terrível o assolava. Começou a tossir convulsivamente, sentindo dificuldade para respirar. Regurgitou algo com sangue. O fedor do ambiente mórbido era insuportável.

Foi acometido de ferroadas e picadas. Moscas mutantes e outros insetos peçonhentos estavam sendo atraídos pelos fluidos corporais e gás carbônico exalado. Febre alta fez com que sentisse calafrio com as passagens de torvelinhos, apesar de abrasadores. Sua vista estava ficando cada vez mais turva.

Tentou enxergar o que estava provocando ruídos de ossos se partindo. Viu, sem nitidez, patas monstruosas de um híbrido. Esperou que a morte fosse rápida.

Um ser de aparência humana, de cabelos brancos como neve, olhos incandescentes e pés semelhantes ao metal polido, proferiu palavras com voz poderosa. Por mais que se esforçasse, o ex-militar não conseguia entender o que a majestosa entidade falava. Uma mão brilhante pareceu arrancar algo de sua testa, fazendo com que abrisse os olhos em meio a outras visões psicodélicas e/ou místicas.

Sentiu que estava flutuando, principalmente pelo inusitado alívio de estar com a cabeça leve, como se tivesse sido libertado de uma indefinida opressão. “Então isso é morrer?”, pensou Johud, atordoado. Percebeu que estava preso numa espécie de aquário e muitos tubos finos estavam ligados em várias partes de seu corpo em gradual regeneração.

De forma distorcida, avistou uma pessoa de cabelos longos, vestida de branco, vindo em sua direção. “Será um ente espiritual que alguns veem na morte?”, pensou.

Enquanto o líquido medicinal estava sendo drenado, uma lufada de ar revigorante foi bombeada. O ex-militar encheu seus pulmões audivelmente. Os flexíveis tubos se retiraram de sua hipoderme e a câmara de tratamento intensivo se abriu.

Uma mulher de meia idade, mas ao mesmo tempo de feições joviais, tez escura, olhos esmeralda, vestida de alabastrino uniforme, apresentou-se como Zuba-El. Ela explicou ao primordial, dentre outras coisas, que por pouco sua vida fora salva.

Ao saber que se encontrava num hospital de uma das zonas neutras, ficou apreensivo por causa dos afamados valores cobrados. Inacreditavelmente a médica elucidou que tudo já estava pago por um aprimorado que o trouxera.

“Salvo por um híbrido?”, espantou-se. Disparou uma série de perguntas à médica, que se limitou a dar respostas lacônicas e, por vezes, incompreensíveis ou misteriosas.

Zuba-El entregou-lhe um projetor holográfico, instruindo com severa veemência de que deveria ser acionado sob sigilo e em local privado. O conteúdo do dispositivo seria deletado após um curto período.

Enquanto fazia exames mais acurados, a médica ouviu o desabafo do paciente sobre as condições de saúde da Madelyn. A doutora entregou-lhe três ampolas injetáveis, fazendo com que o homem desabasse em lágrimas de gratidão e foi gentilmente impedido de se ajoelhar.

Logo que vestiu roupas novas, outra surpreendente cortesia do misterioso híbrido, foi conduzido à sua casa por uma ambulância automatizada. A figura luminosa do bastão de Asclépio exibida no alto do veículo o protegeu de ser alvejado por diversos inimigos ocultos de seu povo quando saiu da área de proteção.

Com pressa, adentrou ao familiar recinto protegido do ambiente exterior. Do quarto, escutou sua esposa balbuciar:

— É você, querido? Por que demorou tanto?

Durante longos minutos os dois se abraçaram. O silêncio foi quebrado pelas inúmeras perguntas da frágil moça, que fizeram com que Johud se lembrasse do cristal de projeção holográfica que a médica lhe havia dado.

Ele aplicou o hipospray no braço de Madelyn e ativou o holocristal. Logo ficou tenso ao reconhecer a imagem do híbrido mais avantajado.

— Meu nome é Wokart. Sinto muito pelo que eu e meus companheiros fizemos — começou a dizer o holograma. — Fingi estar compactuando com as atrocidades deles a fim de protegê-lo. Deve estar se perguntando qual a razão de tê-lo ajudado e a explicação está aqui. — A imagem do aprimorado deu lugar a um holocristal de tom azul, visivelmente deteriorado.

O aprimorado holográfico continuou:

— Esta relíquia foi encontrada num dos templos proscritos. Creio que não preciso alertar-lhe para tomar muito cuidado com essas informações. Como vê, estão faltando vários fragmentos. Levou meses para recuperar os diversos arquivos corrompidos e fazer a tradução de dialetos antigos, pois não poderia utilizar nada ligado à Hipernet para evitar rastreamento. Mas estamos entusiasmados com a premente possibilidade em obtermos os dados que faltam. Quanto mais estudamos seu conteúdo, tanto mais passamos a acreditar nos ensinamentos do Grande Mestre. Somos adeptos da crença proibida. Eis a passagem que me fez salvá-lo. — O holograma mudou para a figura de um típico homem da região do Oriente Médio da era pré-industrial, discorrendo sobre uma narrativa alegórica intitulada *O bom samaritano*.

A imagem de Wokart retornou, dizendo:

— Nossas reuniões secretas acontecem aqui no primeiro dia da semana, de manhã cedo. — Um detalhado esquema tridimensional flutuou no ar, rotacionando lentamente. — Johud, você e sua mulher serão muito bem-vindos para juntar-se a nós e procurarmos os fragmentos que

completem a Obra Proibida. Temos suspeitas de que muitas partes dela podem ser encontradas no seu território, nas regiões dos primordiais. Quem sabe não encontremos uma Obra completa?

Quando a projeção holográfica começou a exibir um ambiente festivo, a voz do aprimorado retornou:

— A comunidade dos adeptos é formada por pessoas de diversas corporações, inclusive nós, que vocês chamam de híbridos. Entendemos que não deve haver distinção de pessoas. — A imagem de uma alegre reunião heterogênea de adultos, idosos, mulheres e crianças inundou o ambiente. Johud ficou surpreso quando notou a médica entre as pessoas. Madelyn ficou maravilhada.

Quando a última imagem desvaneceu como um sonho, o holograma do aprimorado alertou:

— Anotem as informações mentalmente. Este holocristal está programado para deletar tudo em meia hora.

— O que está fazendo? — perguntou Johud, ao ver que sua esposa passou a registrar o mapa, já visivelmente recuperada.

— Querido, isso é concretização de um sonho que sempre quis para nossos filhos. Achava que constituir família no meio de tanta violência e sofrimento era impensável, mas renasceu em mim a esperança de termos um mundo melhor!

Caminharam por penhascos e desfiladeiros de uma das zonas protegidas, conversando sobre quantos filhos deveriam ter e quais nomes escolheriam. Johud estava exultante por Madelyn finalmente concordar em tê-los.

Seus cibertrajes permitiam caminhar nas subidas e descidas íngremes com facilidade. Decidiram não viajar com veículo e nem voarem para evitar serem detectados, embora pudessem ganhar tempo por essas opções.

De vez em quando encontravam animais que sofreram mutações deletérias. A maioria deles fugiam quando percebiam presença de pessoas, mas os que se mostravam mais ferozes eram afugentados por armas sônicas.

Depararam-se com algumas aeronaves de combate carcomidas de oxidação e corrosão por ácido, dentre outros destroços. Dentro delas, ossos estavam misturados com partes cibernéticas. Madelyn desviou os olhos das ossadas e pensou em voz alta:

— Provavelmente os híbridos foram alvejados em uma zona de conflito e acabaram caindo aqui.

Sobreveio-lhes uma súbita tempestade de chuva ácida com intensos raios e trovões. Desde o acelerado aquecimento global e confrontos nucleares ocorridos no final do século XXI os

extremos climáticos tornaram-se muito letais, para os quais nem os cibertrajes mais modernos eram páreos. Um colossal tornado surgiu nas proximidades. Resolveram abrigar-se num dos caças abatidos, semienterrado. Verificando alguns consoles, Johud viu que surpreendentemente o cronômetro da nave ainda funcionava.

Do lado de fora as potentes descargas elétricas estavam ionizando a turbulenta atmosfera. Se sássem correriam risco de danificar as armaduras cibernéticas. Ansiosos, verificaram os estoques de suprimentos e começaram a discutir se estavam no caminho certo.

Retomaram a exploração quando a tempestade cessou. Devido a elevação da temperatura e o vendaval, a neblina mortal estava menos densa, descortinando uma paisagem semidesértica.

O nível de radiação aumentava cada vez mais à medida que prosseguiam por um desfiladeiro. Johud quebrou o silêncio, apontando para uma cavidade:

— Deve ser aquela caverna!

Numa rocha escavada, sensores dos trajes detectaram um escudo energético. Felizes por finalmente terem achado o local, deram tímidos passos em direção ao interior escuro.

Quando os visores dos capacetes se adequaram à escuridão, assustaram-se. Uma enorme figura familiar estava se aproximando, acompanhado por uma mulher negra. Com sorriso radiante ela disse:

— Bem-vindos ao refúgio dos adeptos! Venham conhecer os outros. Não temam!

— Muito obrigado por salvar minha vida — conseguiu dizer Johud com voz embargada, enquanto era abraçado e tentava abraçar Wokart tanto quanto o traje permitia. Madelyn, surpresa pelo afeto da elegante mulher, também correspondeu ao abraço da anfitriã.

Ao atingirem a parte mais iluminada da caverna o casal ficou admirado com a quantidade de pessoas tão diversas reunidas, como tinha visto na projeção holográfica. Madelyn se encantou com a presença de crianças de todas as idades, aprimoradas, primordiais e de outras cidades-corporações, brincando juntas. Logo imaginou como seria bom ter filhos nesse ambiente.

Zuba-El gentilmente convidou-os a se sentarem numa das poltronas, explicando que poderiam dispensar os cibertrajes.

Muitas pessoas estavam absortas numa projeção holográfica, que estava sendo exibida no centro do salão. Johud logo percebeu que se tratava do mesmo homem do Oriente Médio que vira em sua casa. Este estava ensinando e, misteriosamente, curando pessoas sem nenhum artifício médico. Mas faltavam continuidade nas cenas e muitas imagens estavam borradas.

A médica desligou a projeção e expôs uma breve preleção baseada nas cenas que acabaram de assistir. O conteúdo e a maneira de explicar não deixaram dúvidas ao casal de que Zuba-El era a líder dos adeptos.

“Água viva a jorrar do interior!”, disse Madelyn em pensamento, refletindo sobre um trecho que acabara de assistir e ser esclarecida pela anfitriã. Lembrou-se de ter analisado o medicamento que Johud lhe aplicara. Como formada em química quântica, intrigou-lhe o fato do conteúdo que lhe fora injetado pelo seu marido ter sido basicamente água, sem resquício de qualquer componente ativo. “Como fui curada? Será efeito placebo?”, indagou-se. Desde pequena gostava de ciências exatas, mas sempre teve a impressão de que havia coisas inexplicáveis. Intuiu que vivenciaria muito mais fenômenos além da compreensão do escopo científico se ficasse junto com todas aquelas pessoas que emanavam tão excepcional felicidade.

Quando Zuba-El finalizou sua explanação, o casal foi cercado por pessoas que passaram a lhes fazer muitas indagações.

Wokart interferiu:

— Vamos ao refeitório. Eles devem estar cansados e famintos após uma longa viagem.

Os recém-chegados ficaram deslumbrados com as diversidades, aromas e sabores dos pratos multicoloridos e exóticos que lhes foram oferecidos. O aprimorado, divertindo-se ante os elogios e questionamentos sobre a comida, elucidou que o cardápio era resultado da contribuição de todos da comunidade. Alguns se especializaram em cultivar algas de regiões marítimas ainda salutares, enquanto outros se empreenderam na antiga arte da agricultura, colhendo frutas e legumes das poucas porções de solos com baixa contaminação.

— Chega de rações sem graça do governo! — bradou Wokart, mastigando um pedaço de rabanete. — Estamos ficando cada vez mais saudáveis alimentando-nos como nossos ancestrais faziam.

Enquanto comiam e se hidratavam, Zuba-El expôs um resumo histórico da comunidade para responder às incessantes perguntas do casal.

— Por que o Governo Central censura algumas obras, principalmente a Proibida? — questionou Madelyn, julgando que a líder dos adeptos tivesse a resposta, principalmente após fascinante explanação.

— Há uma guerra cósmica maior do que a visível, mas sobre os adeptos da crença proibida, posso afirmar que sempre haverá remanescentes, apesar dos incansáveis ataques do Adversário e seu séquito caído. — Fez uma pausa para tomar um copo d’água e continuou com ênfase: — Podemos ficar tranquilos, pois com toda certeza a vitória é do Grande Mestre! — limitou-se Zuba-El a falar.

Essa misteriosa afirmação da líder, dita com tanta certeza e brilho nos olhos esverdeados, deixaram Johud e Madelyn mais ansiosos por respostas às questões que se multiplicavam. No entanto, antes que ambos fizessem novas perguntas, a doutora os convidou para irem a um outro recinto.

Uma multidão maior do que havia visto os aguardava ao redor de uma ala ampliada na escavação do monte rochoso. Esta continha água límpida numa depressão circular, iluminada por potentes lâmpadas.

Zuba-El fez um aceno e as pessoas começaram a cantar ao som de inspiradoras músicas de fundo. Os harmoniosos sons provinham dos músicos que tocavam variados instrumentos.

A líder elogiou a coragem de Madelyn em recusar a se tornar uma híbrida e de ter retirado de si um chip craniano que a fez ficar doente. Apontou para cima e revelou que foi auxiliada em sua fuga da Biocorp por agentes especiais. A médica exibiu um recipiente transparente cheio de chips: minúsculos dispositivos de controle do Governo.

— Eu retirei da maioria dos presentes aqui quando vieram para cá — prosseguiu a anfitriã. — Mas isso não é suficiente. — O rosto da líder transpareceu muita seriedade quando proferiu: — Madelyn, você deve aceitar o Grande Mestre em seu coração para nascer de novo.

A jovem loira estava muito intrigada. Como aquela mulher sabia de sua fuga? Os agentes que ela mencionou são daqui? O que significa nascer de novo? Contudo o anseio por respostas cedeu lugar a uma sede e fome crescentes que a fez esquecer dos questionamentos. Tinha acabado de se alimentar, portanto sabia que a sensação não tinha a ver com nada fisiológico. Flashes das cenas do Grande Mestre e seus ensinamentos, mescladas com as falas profundas da mulher à sua frente, somaram-se com as canções que estava ouvindo. Alegria que nunca havia sentido juntamente com uma inexplicável paz crescente conduziram-na a dizer “sim” para cada um dos convites e perguntas que Zuba-El pronunciava.

Ambas entraram na piscina. A médica sussurrou algumas palavras desconhecidas e submergiu completamente a sua convidada. Antes que o espantado Johud esboçasse qualquer reação, Wokart, a seu lado, segurou-o. Em instantes sua esposa já estava de pé, com a água no nível do peito. Salvas de palmas ecoaram juntamente com gritos de entusiasmo. Muitos falavam sonoramente: “Parabéns, Madelyn!”; “Você agora é nossa irmã!”; “Seja muito bem-vinda à família eterna!”... Ambas logo saíram, recepcionadas por um grupo munido de toalhas e secadores de ar quente.

— Não há necessidade de você entrar na piscina também. — A doutora parecia ler os pensamentos do ex-militar, que as alcançou após espremer-se entre a turba festiva. — Continuou

explicando em voz alta para fazer-se ouvir: — Você já foi batizado no hospital, lembra-se? Seu chip também está aqui no frasco.

Enquanto Johud abraçava sua ensopada esposa, que vibrava com a multidão ao redor, recordou-se das visões que teve enquanto estava no tanque de tratamento intensivo. Finalmente as palavras daquele majestoso ser em suas fantásticas visões fizeram-lhe sentido. Passou a ter certeza de que não foram simples alucinações, mas uma experiência transcendente. Interrogações tais como de que forma o chip fora-lhe implantado e outros mistérios perderam importância ante a deliciosa sensação de paz mesclada com alegria que nunca havia experienciado.

Deixando o ambiente jubiloso, os recém-chegados seguiram Zuba-El e Wokart, passando por alguns corredores. Adentraram numa sala cheia de consoles e painéis monitorados por uma equipe compenetrada. O aprimorado elucidou ao casal que ambos estavam sendo observados pelo grupo de vigilância desde o ponto em que alcançaram os destroços militares. A qualquer suspeita de aproximação dos agentes do Governo Central, medidas de emergência seriam tomadas.

A imagem em lenta rotação numa localidade surgiu no centro de gravidade do salão. A doutora apontou para um terreno que Johud reconheceu como o templo proscrito, onde fez um juramento de amor a Madelyn.

— Estudos apontam que pode haver muitos fragmentos do Holocristal Proibido nesse local — disse a líder, indicando uma região destacada com luminosidade piscante. — Há grandes chances de conseguirmos completar a Obra Proibida se escavarmos nessa área. — A negra suspirou com rosto esperançoso antes de externar: — Quem sabe até encontremos a Obra completa!

Wokart postou-se ao lado de Zuba-El e anunciou em tom preocupado:

— Infelizmente o tempo urge. Fiquei sabendo que meu povo pretende intensificar os ataques em toda essa região. — Parte do esquema holográfico avermelhou, incluindo a localização do templo. — É questão de dias para que comecem as ofensivas. Não sei se é mera coincidência ou o Governo Central ficou sabendo que poderia encontrar algo da Obra Proibida ali.

— Temos que ir de modo furtivo para não levantarmos suspeitas — recomendou a médica, dirigindo seu olhar ao casal. — Sabemos que esta região é um campo minado. Precisamos de alguém que saiba por onde caminhar.

Johud e Madelyn se entreolharam. Esta assentiu com um leve gesto de cabeça, sorrindo.

— Pretendemos ajudar — proferiu Johud, entusiasmado. — Conheço essa região desde minha infância.

— Que tal irmos amanhã bem cedo? — sugeriu Madelyn.

— Vocês me fazem lembrar do primeiro casal, animados e pueris! Espero que dessa vez façam a coisa certa. — Zuba-El exibiu uma fileira de dentes brancos que se destacaram da cor de sua pele.

As pessoas que se mantiveram silenciosas até aquele momento fizeram sinal de positivo, visivelmente alegres.

— Vou com vocês! — exclamou Wokart, eufórico.

O aprimorado, que há algum tempo pretendia empreender uma incursão ao templo proscrito, vestiu um traje cibernético para se passar por um primordial e, principalmente, ficar oculto aos sensores do austero Governo Central, tanto quanto possível. Os engenheiros tiveram que fazer modificações para que a vestimenta coubesse em seu titânico corpo. Além disso, foram desenvolvidas defesas contra dispositivos sugadores de energia.

Saíram da caverna antes do amanhecer. Ativaram o sistema de ocultamento e calibraram seus visores de modo a conseguirem enxergar uns aos outros antes de passarem novamente pelo vale onde estavam as aeronaves abatidas.

O casal observou Wokart se agachar defronte aos restos mortais de seus compatriotas. Johud olhou novamente para o cronômetro que havia lhe chamado a atenção durante a tempestade e ficou perplexo. Se o cronômetro estava funcionando corretamente, passaram-se pelo menos três dias na caverna. Intentou externar seus pensamentos, mas foi interrompido pela fala embargada de sua esposa.

— Para mim, a comunidade dos adeptos é como essa flor em meio a tantas mortes e destruição — sussurrou Madelyn, bem próxima ao aprimorado, quando notou uma vistosa flor-de-lis protegida por uma asa metálica retorcida.

Com a força amplificada pelo cibertraje, Wokart cavoucou facilmente uma vala, onde enterrou os ossos e passou um tempo, cabisbaixo. Johud ajudou Madelyn a retirar cuidadosamente o raro vegetal do solo sem danificar as raízes. Esta achou que seria uma boa ideia transplantar a flor-de-lis sobre o montículo que se formou.

Mais do que nunca, o oficial aposentado passou a sentir empatia pelo aprimorado. “Somos todos seres humanos à mercê dos sofrimentos causados por nós mesmos”, sentenciou, pensativo. As holoprojeções e as conversas que tiveram na caverna contribuía para um sentimento indefinido, mas agradável. Não sabia explicar, mas as palavras do homem do Oriente Médio faziam arder algo em seu âmago. A vontade de conhecer toda a Obra Proibida era crescente. Passou a identificar-se com os adeptos até o ponto de considerá-los como irmãos de sangue.

— Espero que um dia essa guerra insana acabe. Também perdemos muitas pessoas próximas. — Madelyn aproximou-se de Wokart com olhos marejados.

O trio passou a deslocar-se velozmente, saltando, escalando e trotando por entre penhascos durante horas. Seguiam o plano de Johud: entrarem na cidade dos primordiais pela rede de esgotos. Mesmo com camuflagem, não queriam arriscar que o aprimorado fosse descoberto por uma patrulha conterrânea.

Madelyn hesitou por um momento, mas logo acabou mergulhando num córrego putrefato e deslocou-se contra a corrente, seguindo os dois homens. Em alguns trechos, tiveram que utilizar toda a força que os cibertrajes poderiam fornecer para alargar passagem a Wokart.

Na parte mais rasa, depararam-se com vermes do esgoto. Johud pensou que poderia eliminá-los facilmente como fez antes, mas teve a desagradável surpresa ao perceber que mesmo com os disparos em conjunto dos outros dois, os vermes feridos continuavam avançando. Não queriam utilizar armas mais potentes devido a desgastada estrutura em que se encontravam e chamar atenção dos postos de vigilância deveria ser evitado a todo custo. Além disso, os asquerosos seres emitiam intensos pulsos eletromagnéticos capazes de rivalizar com as mais terríveis tempestades de raios. Alguns sistemas dos trajes começavam a falhar.

Horrorizada, Madelyn gritou quando um dos viscosos invertebrados enroscou em suas pernas, desferindo corrente elétrica de altíssima intensidade. Logo ela percebeu que as armas de seu cibertraje não funcionavam.

Johud apontou seus dois braços armados para onde provavelmente Madelyn se debatia, mas tinha receio de acertá-la, pois sua visão noturna estava prejudicada. Wokart foi ao seu socorro, rasgando o verme ao meio. Esguichos de líquido marrom avermelhado e sons desagradáveis inundaram o imundo local. Imediatamente os outros helmintos mutantes começaram a canibalizar as duas metades que estrebuchavam.

O trio aproveitou a chance e emergiu por um bueiro, já próximo do campo minado. Dois vermes que também saíram em perseguição pela superfície explodiram ao acionarem algumas minas.

— Lá se vai o elemento surpresa. Agora podemos ir voando até o templo. — Wokart tentou acionar os propulsores de seu traje, sem sucesso. Apreensivo, verificou que os sistemas de voo dos outros cibertrajes também foram danificados pelos asquerosos invertebrados.

Como esperado, um drone em altíssima velocidade, alertado pela explosão, passou a analisar a área. No entanto a máquina voadora foi repentinamente reduzida a incontáveis fagulhas que irradiaram em todas as direções, transformada numa bola de fogo retumbante. Possantes raios energéticos vieram dentre as plúmbeas nuvens, eliminando o vigilante robótico.

Mal se recuperaram do susto, os três foram acometidos por um clarão seguido de um estrondo. O ar quentíssimo em violenta expansão os atingiu, fazendo-os caírem. Um petardo havia atingido as proximidades. Detritos, terra e pedregulhos incandescentes ricochetearam em suas armaduras.

Enquanto se levantavam, com grande espanto viram que o céu cinzento estava escurecendo, cada vez mais abarrotado pelas naves dos aprimorados. Veículos terrestres de batalha também se aproximavam, fazendo estremecer o chão.

— Pelo visto, meus compatriotas resolveram invadir esta área bem antes do previsto — lamentou Wokart, ofegante, enquanto rapidamente ajudava o casal aturdido a se afastar dali.

— Quando meu povo enviar as tropas para defender esta posição, isso aqui vai virar um caos! — avisou Johud em tom apreensivo.

— É impressão minha ou estão disparando em nós? Não deveríamos estar indetectá...

Antes que Madelyn completasse a frase, mais um míssil explodiu próximo a eles, fazendo ceder o piso em que se encontravam. Despencaram vários metros. Quando os visores dos capacetes se adaptaram ao breu, vislumbraram dezenas de esqueletos e inúmeros móveis semelhantes a armários contendo objetos brilhantes.

— Parece que caímos numa biblioteca — constatou Wokart, erguendo pesados entulhos que estavam obre eles.

— Vejam aquele holocristal! — Madelyn ficou maravilhada ao ver incontáveis holocristais reluzentes nas enormes estantes, mas um deles chamou-lhe mais atenção, pois era semelhante ao que havia visto na caverna. — Ela se dirigiu a uma das estantes e retirou o cruciforme objeto cristalino de um suporte. Quase deixou cair o precioso cristal azul celeste quando imagens holográficas e narrações apareceram.

As dramáticas cenas e respectivos relatos lhes fizeram compreender sobre a perseguição sofrida pelos antigos adeptos da crença proibida. Muitos haviam se refugiado no subsolo do templo onde se encontravam, levando consigo várias obras consideradas ilegais. Com o esgotamento dos mantimentos e acometidos por doenças, faleceram. A holoprojeção terminou com um apelo àqueles que encontrassem a biblioteca: apropriar no coração a Obra Proibida e espalhá-la a todos.

Wokart se agachou e pediu à emocionada Madelyn inserir o holocristal numa abertura em sua nuca. Ante a hesitação da moça, o aprimorado explicou seu plano, buscando a aprovação de Johud com seu olhar. Este apenas acenou positivamente com a cabeça, mesmo sem entender tudo.

Os sons da batalha começaram a ficar cada vez mais intensos. Fazendo menção de que deveriam sair dali o aprimorado injetou alguns tentáculos num console a fim de estudar a arquitetura local. O casal passou a seguir Wokart, que começou a escalar um duto de ventilação.

Ao alcançarem a superfície, como imaginavam, viram um cenário aterrador: aeronaves, blindados terrestres, autômatos de guerra e soldados no chão e no ar destruíam-se com horrenda brutalidade. Os intensos ruídos e as pirotecnias de morte eram dantescos.

— Quero todas as granadas de vocês. Vou tentar atingir os únicos lugares onde aquela nave-mãe não tem escudo. — Wokart apontou para uma colossal fortaleza voadora que em pouco tempo estaria sobre eles.

— Mesmo com toda sua força, acho que as granadas vão ser repelidas pelos propulsores — contestou Johud.

— Força centrífuga! — exclamou Madelyn, acometida por uma súbita ideia.

Quando ela se fez entender, subiram num pináculo e, de imediato, Wokart segurou nos tornozelos do cibertraje de Johud tão logo o primordial ter subido em seus ombros. O ex-militar, por conseguinte, segurou nos tornozelos do cibertraje de Madelyn, no momento em que ela se posicionou com precisão sobre seus ombros, num salto.

Antes de pular para pousar seus pés nas proximidades das clavículas de seu marido, Madelyn havia armazenado todas as esferas metálicas das duas outras armaduras nos lançadores de seus braços para somar com as suas. Ordenou ao computador de bordo que avisasse o momento de disparar as granadas de antimatéria.

O aprimorado começou girando o casal com sua força descomunal e seguiu solicitando toda a potência da armadura. Enquanto rodopiava de forma acelerada, Wokart se recordou de uma das cenas das holoprojeções que assistira no QG dos adeptos: um jovem acertando a testa de um gigantesco guerreiro com uma pedra, derrubando-o. Num murmúrio, fez uma petição ao Grande Mestre no instante em que os explosivos foram lançados.

Atingida, a nave capitânia começou a perder altitude e voar mais lentamente, soltando espessa fumaça. Os três soltaram interjeições de entusiasmo e começaram a correr ao seu encalço.

— Deixem que eu cuide do resto. Tenham filhos e vivam felizes — aconselhou o aprimorado.

— Você vai precisar de ajuda. Iremos juntos, certo querido? — retorquiu Madelyn, olhando para seu esposo.

Johud concordou, admirado pela coragem e empolgação de sua amada. Ele mesmo estava entusiasmado com o plano. Nunca havia experimentado tamanha motivação para fazer algo, nem mesmo quando sabotava instalações militares da Biocorp ou outras cidades inimigas.

Enquanto corriam, não raramente eram atingidos pelo fogo perdido. Quando isso acontecia, os cibertrajes ficavam um pouco devagar, pois desviavam mais energia para os escudos. Estes conseguiam protegê-los por serem raios disparados de longa distância.

A nave-alvo executou uma curva e passou a raspar o chão, destruindo vários blindados dos primordiais, numa espécie de última manobra antes de um inevitável pouso forçado. Sons semelhantes a trovões eram superados por veículos sendo destruídos.

O trio penetrou por um dos rombos do casco da nave capitânia. Foram seguidos por vários combatentes primordiais que não queriam perder a oportunidade de atacar uma nave com oficiais do inimigo a bordo. Os aprimorados, por sua vez, tentavam conter a invasão de modo ferrenho. A distração permitiu que os três adentrassem cada vez mais para o interior da nave.

Madelyn gritou algo. Dezenas de drones os cercaram. Wokart e Johud igualmente vociferaram alguma coisa. Letais feixes de energia foram disparados pelas medonhas máquinas voadoras, ao mesmo tempo que as armas embutidas nos braços dos cibertrajes abriram fogo. Muitos drones explodiram. Por outro lado, as armaduras do trio sofreram graves danos pelos tiros energéticos à queima-roupa.

Wokart, gemendo alto, despiu seu cibertraje avariado e fumegante. Lançou furioso sua armadura contra os drones que ainda funcionavam enquanto vociferava o comando de autodestruição e apressou-se em retirar o casal do perigo.

Os dois primordiais tossiam compulsivamente nos musculosos braços do aprimorado, pois os capacetes foram danificados. No mesmo segundo que os três fizeram a curva para um corredor próximo, houve a intensa detonação, que chamuscou parte das costas de Wokart.

— Finalmente! — grunhiu o aprimorado quando viu a escotilha que dava acesso à sala de comando. Colocou o agonizante casal sobre o piso dum elevador enguiçado, despiu-os, pegou duas bazucas energéticas dos soldados mortos e disparou contra a escotilha reforçada, ao mesmo tempo que ordenou aos trajes que se autodestruíssem.

Johud e Madelyn, em agonizante sufocamento, não conseguiam enxergar com nitidez. Quase ficaram surdos com o estrondo de seus trajes explodindo. Arrastaram-se penosamente. Perceberam vagamente a luta de Wokart com seus conterrâneos que acontecia no outro lado da escotilha destroçada. Após alguns minutos de gritos e ruídos de combate, reinou um súbito silêncio. O casal pensava, com aflição, o que poderia ter acontecido com o companheiro.

A resposta veio com a longínqua voz do aprimorado. O casal estava aliviado pelo amigo ter sobrevivido, mas não entenderam o sentido das palavras. Notaram que estavam sendo carregados novamente.

O militar aposentado sentiu uma dor familiar. Finos tentáculos cranianos perfuraram as têmporas do casal e o painel de comunicação da nave capitânia. Wokart queria prolongar ao máximo a vida de seus amigos, apostando na improvável sobrevivência da consciência extracorpórea no universo virtual.

Wokart sabia que sem o chip craniano não seria possível entrar na Webcorp do Governo Central, mas pelas experiências inexplicáveis que até então havia adquirido junto à comunidade dos adeptos, somada à sensação de que o Grande Mestre era quem o inspirava a executar o plano aparentemente suicida, prosseguiu em meio a dores atrozes. Fazendo votos para que seus corpos não fossem descobertos, conectou os três ao sistema da hiperinfovia sem pestanejar.

O trio mergulhou numa bizarra paisagem de infovias entre incontáveis “estradas” luminosas pelas quais trafegavam inúmeros bits a cada instante. Terem conseguido adentrar no universo de luzes e formas surrealistas encheu os três, ligados telepaticamente, de alívio e assombro.

As dores e desconfortos ficaram para trás, mas sabiam que não tinham muito tempo até que a centelha de vida se extinguísse de sua parte física. Assim, imediatamente começaram a descarregar os dados da Obra Proibida.

Para as outras consciências que estavam conectadas na Hipernet, Madelyn anunciou que os dados que estavam sendo lançados deveriam ser armazenados em locais seguros para que os preciosos conteúdos fossem assimilados e compartilhados ao máximo.

Wokart utilizou um código especial dos aprimorados para que a Obra Proibida fosse armazenada nos computadores pessoais sem a necessidade de consentimento dos usuários. Johud recorreu ao código militar de emergência dos primordiais para fazer o mesmo.

Alarmado, num esforço de eliminar as informações da Obra Proibida, o Governo Central lançou suas defesas digitais, mas era impossível deletar os dados de todos os computadores.

Os três foram tomados por uma agradável sensação de dever cumprido, contudo mal tiveram tempo de comemorarem. Notaram estranhos glóbulos negros se dirigindo a eles de todas as direções. Logo seriam eliminados pelos antivírus da Webcorp.

Resignados, os três esperavam seu fim, mas de súbito, algo como um grande círculo luminoso surgiu próximo ao trio juntamente com uma silhueta feminina. As três consciências se

indagaram: “O que é essa coisa? Faz parte da Hipernet? Estavam tendo experiência de quase morte?”

— Zuba-El! — alegrou-se Madelyn ao reconhecer a mulher. — Você também está conectada?

— Estou conectada em muitos lugares — respondeu a líder de forma tipicamente misteriosa. — Fazendo gesto convidativo, complementou: — Depressa, entrem no portal, sem receio.

— Para onde vamos? — indagou Johud, flutuando bem próximo a Zuba-El.

— Estamos morrendo? — Madelyn perguntou simultaneamente com seu marido, mas sem nenhum resquício de medo. Ela mesma não sabia explicar a tranquilidade e a leveza que estavam brotando de seu ser naquela situação desesperadora.

— Vocês estão mais vivos do que nunca! — proferiu a líder, abrindo um radiante sorriso. — Vamos ao santuário definitivo dos adeptos, reino eterno do Autor da Obra. — As respostas da líder eram sempre enigmáticas, no entanto dessa vez o trio surpreendeu-se com essas afirmações mais do que das outras vezes.

Madelyn arregalou os olhos, Johud soltou uma exclamação e Wokart expôs o que estava na mente dos três:

— Vamos logo antes que os antivírus nos peguem. Quero dar um abraço no Autor.

Enquanto atravessavam os limites do portal, quase a ponto de estarem ao alcance dos programas-guardiões do Governo Central, depararam-se com um túnel aparentemente infinito de intensa claridade. Enquanto percorriam camadas de realidades, começaram a sentir a mesma alegria que vivenciaram na base dos adeptos, mas de forma mais vigorosa.

Como que inundados por uma sensação de estarem com a mente em expansão, experienciaram uma epifania: as tão exaltadas ciência e tecnologia não trouxeram satisfação que a alma humana sempre buscou desde o grande rompimento. Diversas engenharias sociais, políticas e tecnocráticas foram experimentadas, mas um vazio indefinível tornava a plena felicidade da humanidade uma mera utopia. O incomensurável vácuo na alma fazia com que o ser humano buscasse saciar-se com outras coisas, gerando confrontos entre si, sofrimentos e angústias, não raramente sob manipulações do Adversário.

Próximo ao fim do túnel, bem acima das dimensões concebíveis pelo entendimento, estavam prestes a vislumbrar algo que desde antes do início do tempo ninguém imaginou, nenhum ouvido ouviu e olho algum viu. O Grande Mestre estava indo de encontro aos seus novos filhos.

Referências: 1 Samuel 17:49; Isaías 64:4; Mateus 24; João 7:37ss; Mateus 5:10ss; Mateus 5:44s; Romanos 8:35; 1 Coríntios 2:9; 2 Tessalonicenses 3:1ss; Apocalipse 12:7-1.

Eduardo Yoshikazu Nishitani nasceu em 25 de outubro de 1968 na cidade de São Paulo. Formou-se em licenciatura pelo Instituto de Física da USP e concluiu mestrado em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Com a esposa e dois filhos reside em Suzano/SP, onde congrega na Igreja Evangélica Holiness. Teve contos publicados: *O caminho do diálogo*, na antologia Céus de Chumbo, em 2016, pela editora Andross; *Metanoia cibernética*, na antologia Consciências Sintéticas, em 2023, pela editora Cyberus e *O Renascimento da esperança*, na coletânea de crônicas e contos Vamos falar de Esperança?, em 2024, pela editora W4.



Crônicas do nobilíssimo primeiro-conselheiro Ali-Hakim

João Gomes

A companhia Kegir-Kish conseguiu progressos com a aplicação dos conhecimentos de metalurgia obtidos na Real Escola de Tebas. O dirigente da companhia, senhor Al-Meleck — venerável conselheiro do Arsenal de Guerra junto ao rei Ficol na capital Ascalom, uma das cidades-estados da confederação filisteia, declarou que nosso povo se encontra praticamente em um beco sem saída. Pois repetidas rebeliões, guerrilhas e incursões dos israelitas têm causado grande insegurança e prejudicado nossas plantações e rotas comerciais. Todavia de acordo com a leitura do tablete — do Alto Sacerdote Deucalion de Ur (Salve! Salve! Grata memória seja proclamada!): *Em linha celestial no quarto milênio¹ a semente da vitória gerará frutos e um século de ouro virá! Chegará suprema honra e glória para a nação!* O colégio de magos declarou recentemente que a ascensão do quarto milênio marca uma fase auspiciosa para nossa nação. Consta em um dos tabletes da biblioteca real que o algarismo quatro (4) representa os 4 elementos da natureza (terra, fogo, água e ar); as 4 estações; as 4 direções (norte, sul, leste e oeste) e as 4 fases da vida humana. Em suma ele também representa estabilidade, segurança, organização, disciplina. A profecia revelada por Minos, divindade de Caftor, destaca que já é chegado o tempo de vindicar a vergonhosa lembrança que atravessa a mente dos nossos líderes! Aquele nefasto e fatídico dia! Aquele horrível massacre cometido pelo escravo *cirandeiro cego*² em Gaza. Há um grande sentimento de revanche no ar!

Embora tenhamos vencido as batalhas de Bezeck, Quiriate-Sefer, Planície de Abdom e outra contra o governador Ibzã. Vivendo em Asquelom estes últimos anos, o que tem se seguido, não é como passeio em um balneário de Nínive.

Nossos ancestrais, filhos de Hati marcharam pelo deserto rumo ao sul, atravessaram o Orontes, Biblos e alcançaram as formosas planícies de Sarom para estabelecer em Asdode e Ascalom junto ao grande irmão do oeste — o Egito. Vencemos Ramessés III mediante o trabalho de nosso enviado especial, o capitão das Três Legiões Superiores — Hatusil, que articulou a Operação Recâmara Sagrada³. Depois das grandes guerras contra as hordas do Kemet,

¹ cerca de 1.000 a.C.

² Vide o Livro de Juízes, capítulos 13 a 16.

³**Nota do autor:** Operação Recâmara Sagrada: Referência filistéia de um episódio da história egípcia, a saber: “Quando Ramessés III, com aproximadamente 60 anos, acabou por ser vítima de uma conspiração conhecida como “a conspiração do harém”, um dos episódios mais sombrios do antigo Egito, relatado em documentos da época, sobre a tentativa de golpe de Estado de uma das esposas de Ramessés III, Tiyi, que desejava levar ao trono seu filho, quando o sucessor legítimo de Ramessés III era o filho de Isis, a primeira esposa. No Antigo Egito, era comum que dentre as esposas e mulheres do harém, o faraó tivesse uma principal, a “grande esposa”, mas durante o reinado de Ramessés III, isso parece não ter sido bem definido, o que pode ter inflamado a disputa pelo poder, resultando na conspiração. Os principais envolvidos no esquema eram a esposa Tiyi, o provável “tesoureiro” real Pabakkamen, e o príncipe Pentawere, filho de Tiyi e Ramessés III. De acordo com egiptólogos,

enfrentamos, duramente, por duzentos anos os hebreus, aqueles monoteístas, adoradores de uma divindade denominada “o inominável” e não patenteável...

Então, como eu dizia antes, notáveis avanços se deram através dos experimentos e do labor da equipe chefiada pelo honorável Festo, mestre da Arte de metalurgia, servo da casa do senhor Al-Meleck, maioral da Kegir-Kish.

Todavia, os relatos recentes das expedições secretas (do esquadrão Hamat da guarda palaciana) liderada pelo capitão Hatusil ao sul da terra dos israelitas — entre Cades-Barnéia e Hebrom — registram uma *catapulta espectral*. Que nem é tão grande como seria de imaginar para o uso na arte marcial. Um engenho misterioso, uma obra de fundição, contendo seres alados, criado por um artífice denominado Bezalel Bar-Uri (vide livro de Êxodo 31:1-5). Tal instrumento foi usado, segundo memorialistas dos israelitas, para vencer os amonitas, moabitas, amorreus e arameus; durante suas guerras de invasão (e que eles chamam de reconquista). E mais do que isso, foi o principal responsável direto por suas conquistas e vitórias.

Após as festividades a Baal Zéfon o conselho superior das cinco metrópoles: Asdod, Ascalom, Ecrom, Gaza e Gate, reuniu-se em assembleia nacional junto com os chefes militares. A leitura do sagrado livro de Deucalion de Ur — (Salve! Salve! Grata memória seja proclamada!) tomou lugar na primeira hora da conferência do estado-maior no palácio real de Ascalom. A gloriosa profecia de Minos encheu a todos de júbilo!

As constelações derivam-se, Novos caminhos no Céu!

Novos caminhos na Terra! É chegado o tempo de honra e glória!

Na segunda hora, o venerável conselheiro, senhor Al-Meleck tomou a palavra e disse:

— Caríssimos irmãos meus, guerreiros de mar e terra, sinto-me assaz enlevado com esta oportunidade de vos dirigir algumas palavras. Especialmente a esta assembleia de cavalheiros e nobres. Desde a chegada dos forasteiros israelitas, invasores, o clima tem sido de constante tensão. As batalhas e guerrilhas têm acontecido por diversos motivos, tais

Pentawere seria, inclusive, a múmia conhecida como “a múmia que grita” e “o Desconhecido E”; testes de DNA relacionaram positivamente o material genético da múmia de Ramsés III com a polêmica múmia, identificando o primeiro como pai do segundo. Documentos oficiais revelam que a tentativa de golpe fracassou e dezenas de envolvidos foram condenados, porém, não relatam se os conspiradores conseguiram pôr as mãos no Faraó durante a execução do plano. No entanto, sabe-se que Ramsés III morreu na mesma época da conspiração, e tomografias feitas em sua múmia constataram um corte profundo no pescoço, lesões no esôfago e nos vasos sanguíneos (o que teria provocado uma intensa hemorragia que provavelmente o levou à morte e um outro corte em um dedo do pé, feito com um tipo de lâmina diferente da usada no pescoço, o que sugere um assassinato. O faraó foi enterrado na tumba KV11. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ramess%C3%A9s_III Acesso em: 07/01/2025.

como: geopolítica, étnico, religioso... Em geral, na maioria das vezes, os anais da história universal relatam que as guerras podem acontecer entre países ou entre grupos menores, como facções políticas ou tribos dentro do mesmo país. Diversos motivos que, muitas vezes se entrelaçam num cipoal de intrigas e querelas ao longo da história tornando-se o ultraje desencadeador do conflito. Sendo alguns deles: desentendimentos religiosos, rivalidades étnicas, disputas territoriais, busca por ganhos econômicos, vinganças, revoluções, conflitos civis internos, dentre outros. Os estudos e experimentos dirigidos pelo honorável Festo em concórdia com os apontamentos do esquadrão Hamat, e, em associação com a divina e exaltada profecia revelada pela voz do sublime Minos, fazem concluir que chegou a hora da batalha final contra os invasores! Consta no relato ultrassecreto de sua terceira expedição a Silóh, lavrado pelo magnânimo capitão Hatusil, o vaticínio: “...a queda do décimo terceiro governante, o governante cego. E verás o aperto da morada de Deus, A Glória se afastou de Israel... seu ramo se inclinará por uma moeda de prata e por um bocado de pão. E dirá: “Rogo-te que me admitas no santuário”.

Na secreta câmara reuniu-se segunda vez, nosso sábio rei Ficol, longa vida divina majestade, o senhor Al-Meleck e o capitão Hatusil deliberaram e prepararam o projeto de um rapto da *catapulta espectral*. Portanto tomou-se assento o plano de uma campanha militar. Um plano preparado com estratégia e prudência.

As legiões filisteias se posicionaram alinhadas em Afeck. A batalha durou quatro dias. Por fim, os israelitas capitularam e tomamos posse da *catapulta espectral*⁴. Os cinco reis e seus capitães proclamaram um festival de fertilidade na lua nova em honra a Baal. O artefato foi colocado sobre um carro e levado ao novo templo de Dagon na capital do reino de Asdod.

Referências Bíblicas: Jz.: 13-21; 1 Sm.: 1-5.

JOÃO GOMES. Nasceu em 1967, na cidade de Alto Piquiri, PR. Colaborador de *Revista Conexão Literatura* desde 2019; Membro e colaborador do *Clube de Leitores de Ficção Científica – CLFC* (2008); Parecerista da *Revista de Ficção Científica Somnium* desde 2020; Membro da Academia de Letra de Rondônia; Membro da Union of Concerned Scientists (UCS/US). Membro do Coletivo de Escritores Teoficção. Escreveu: *O vingador do sangue* (2016, Romance); *A ária das Górgones* (Contos, 2022). Disponível em: https://www.amazon.com.br/s?k=LIVRO+A+%C3%81RIA+DAS+G%C3%93RGONES&mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1G8OO1GCUUN1L&sprefix=livro+a+%C3%A1ria+das+g%C3%B3rgones%2Caps%2C242&ref=nb_sb_noss

⁴Vide Êx.: 25, 37.



O Caminho de Ábba

Ísis Marques

Em um planeta muito distante, outrora coberto pelo verde idílico, azulado com as águas cristalinas, a paisagem acinzentada cobria pelo vibrante dos letreiros holográficos. O planeta de Babillyon, que um dia foi a “Terra” mais bela da galáxia, sucumbiu após enfrentar diversas guerras civis, epidemias devastadoras e a perda quase total de sua emblemática vegetação.

Por pouco os descendentes humanos que conseguiram escapar do colapso da Terra não se extinguíram. Intentando controlar esse novo ambiente em que aquela sociedade vivia, a tecnologia ganhou mais espaço. Contudo o que muitos achavam que seria uma bênção, acabou se tornando uma grande maldição.

Tudo começou como uma doce generosidade onde ninguém mais precisaria se preocupar com documentações arcaicas ou transações monetárias com cédulas, que precisavam da exploração de uma vegetação cada vez mais escassa. As pessoas foram encantadas por tal aprimoramento tecnológico, uma vez que se tudo fosse controlado por uma central de IA implantada em seu próprio corpo, não se preocupariam mais com a maioria das demandas cotidianas. Pessoas em massa tiveram em sua pele a implantação do nomeado chip F66.

Com aquela minúscula coisa em suas testas que enviava sinais para um bracelete decodificador, podiam se comunicar com pessoas a quilômetros de distância, gerenciar seus droides de serviços, conduzir seus dirigíveis planadores e outras milhares de maravilhas. As pessoas estavam extasiadas com tamanhas modificações em suas vidas, dizendo que, aquilo sim, era o futuro decente que seus antepassados lutaram tanto para construir. As pessoas abraçaram entusiasticamente o novo sistema. Com o tempo começaram a entender que o problema em si foi o seu livre arbítrio, e no ano de 3987, abdicaram com prazer desse direito.

Inexoravelmente o povo de Babillyon passou a ouvir, ver e pensar apenas aquilo que o Supremo determinava em sua central de comando, sem ao menos se incomodar com a privação de liberdade.

— Aryana, O Supremo está chamando na sala de controle. — A voz sem emoção da minha IA emanou por meu quarto. Levantei-me de imediato.

— Avise que estarei lá em um minuto.

As paredes monótonas, acinzentadas, era algo que me incomodava. A padronagem minimalista onde todo espaço era preenchido apenas por uma cama larga de lençóis brancos, um painel holográfico ligado a todo tempo no canal oficial de notícias, uma escrivaninha com os sistemas de atualização que meu pai me entregava semanalmente para me incluir em seu governo e um banheiro com a mesma graça do restante, resumia-se em funcionalidade, apenas.

Não deveria, mas em pequenos momentos podia escutar minha própria mente dizer que almejava um pouco mais da presença da minha própria personalidade refletida. Porém, não podia reclamar. Eu tinha mais autonomia cerebral do que a maior parte das pessoas que era encarregada de observar e prestar relatório.

Em um minuto eu estava devidamente vestida com o macacão preto do meu uniforme de treino. Diante das portas largas de metal, meu estômago gelou com a premissa de ficar cara a cara com o homem que apenas me enxergava como um soldado nos últimos dez anos. Ajeitei a postura e deixei que o leitor de retina abrisse as portas para mim.

A imagem de Alastor Bestila era inabalável. A túnica branca, que constantemente usava, sempre o destacava. Seus cabelos pretos sobressaíam de uma coroa de rubis que ressaltava os frios olhos carmesins. Ao lado de seu trono, os dois governadores distritais — Arc Malls, do distrito armamentista, e Athan Drown, do distrito comercial — me encaravam com olhares polidos de insatisfação, ao contrário do meu pai, que me encarava com um minúsculo sorriso.

Curvei-me em respeito, sentindo minha espinha gelar. Ele está sorrindo! O Supremo jamais sorria abertamente.

— Às suas ordens, senhor.

— Tenho boas notícias para você, Aryana. Uma honra, na verdade. — Sua voz carregava algum tipo de empolgação que há tempos não identificava.

— Uma honra, senhor?

— Nos últimos anos venho lhe incluindo nas tarefas da central. Sendo minha única filha seria bom que você aprendesse o ofício, que no futuro desejo entregar em suas mãos e, pensando nisso, decidi aumentar mais as suas responsabilidades. — Uma tecla foi pressionada em seu bracelete inteligente e um droide se aproximou de mim com um diadema dourado, o símbolo de poder do distrito ínfimo.

— Darei a você o cargo como governadora distrital. Você assumirá no lugar do traidor Zagan Eslav, condenado por associação aos rebeldes.

— Obrigada, senhor. É uma honra imensa. — Foi tudo que consegui fazer sair da minha boca em um único fio de voz. Eu estava atônita.

— Mas existe um teste para que você possa se mostrar digna do cargo.

— O que devo fazer?

— Quero a cabeça de cada rebelde escondido dentro dos meus muros. Traga apenas os líderes para que sejam feitos de exemplos ao povo. — Seu olhar frio e determinado se intensifica. Algo dentro de mim se acende. Era a minha chance de impressioná-lo, de mostrar o meu devido valor e de obter o orgulho e reconhecimento do meu pai.

— Assim farei, meu senhor. Não irei desapontá-lo. — Uma satisfação tomou conta de seu austero semblante. O homem alto e imponente se aproximou de mim. Suas mãos pousaram em meus ombros em um toque quase afetuoso.

Estremeci. Um flash de memória me levou até cinco anos atrás quando me graduei na escola militar de elite como a primeira da turma. Aquela havia sido a primeira vez que tinha sentido algo semelhante.

— Assim espero. — Tão rápido quanto havia se levantado, o Supremo voltou a se sentar, com a máscara fria retornando ao rosto. — Vá ao laboratório A8B3. Irão equipá-la como deve e lhe entregarão os últimos arquivos sobre as atividades rebeldes. Quero um relatório do plano de ataque e a ficha dos seus recrutas.

— Sim, senhor. Curvei em uma última reverência e deixei a sala sentindo a determinação queimar em minhas veias. Eu iria me livrar dos agitadores um por um.

Não demorou até sentir-me envolvida com a natureza cruel do meu sangue. O laboratório indicado se tornou meu lugar favorito, onde me era permitido construir a minha versão ideal de Aryana Bestila. Meu antebraço direito foi substituído por um antebraço robótico de classe AI61 com integração de armas. Mandei que implantassem asas feitas de *mistarium* — um raro metal extraído da poeira deixada pelas estrelas — com interface de comando diretamente do microchip em minha testa, além das várias armas de última geração.

Os soldados que recrutei vieram diretamente dos formandos da Academia Militar de Elite. Sanguinários, obstinados e inconscientemente leais. Meu pai me dirigiu um sorriso largo quando leu meu relatório com a estratégia de aproveitar o microchip não como uma propaganda nacionalista, mas como um maestro sobre aquela legião de cérebros, tornando os soldados em máquinas de matar, banhados pela cega fidelidade aos meus comandos em batalha através do chip F66.

Seis meses, foi o tempo que precisei para varrer todos os rebeldes dos quatro distritos do império, o que me permitiu o uso e poder sobre o distrito ínfimo em uma cerimônia gloriosa. Mas eu não estava satisfeita. Restava um último ato dessa minha guerra contra os opositores, um ataque direto à base central escondida no deserto além dos portões. Uma informação dita pelas vozes em pânico de alguns prisioneiros, antes que sucumbissem pela tortura neural, forneceu uma valiosa pista. Isso os extinguiria de uma vez por todas e meu nome seria cantado aos quatro cantos desse planeta.

— Legião! — Meus soldados prestaram continência sob os olhares admirados do Supremo e seus dois governadores. Sob os primeiros raios do sol de Babillyon, estávamos prontos para a batalha. — Estão prontos para sentir mais uma vez o gosto do sangue dos nossos inimigos? — O coral de vozes bradou corajosamente. Seus olhos sendo tomados pelo meu controle se tornaram completamente pretos e um sorriso confiante surgiu em meus lábios. Eu me sentia poderosa. — Marche, Legião! O som ritmado das botas e assobio dos motores das cyberbikers enchiam meus ouvidos.

As pessoas se amontoavam nas ruas, aquelas que não encontravam espaço subiam em seus planadores, bradando e aplaudindo o trajeto do meu exército em direção à glória e soberania do nosso império. Meu coração batia forte.

Mais adiante eu podia ver meu reflexo em um dos vários arranha-céus do distrito-capital. O peito coberto pelo colete feito de ouro brilhava junto com o diadema dourado sob os meus cabelos castanho-escuro; em minhas costas, as asas, feitas com peças igualmente douradas, carregava em seu centro a bainha para minha espada. Eu tinha poder. Eu tinha força. A vitória parecia cantar o meu nome.

No entanto, algo no meu interior parecia gritar por algo que não conseguia descrever. Durante minha última reunião com os capitães dos pelotões conseguimos reunir muitas informações sobre esse determinado grupo que conseguiu passar despercebido pelos seis meses da minha caçada. Viviam como nômades pelas areias alaranjadas do deserto ao norte e se dividiam em doze tribos, seguindo as instruções de um antigo livro feito de algo que chamavam de papel. Era através daquela coisa antiquada que seu Senhor Maior falava com eles. Os rebeldes acreditavam que somente sua Divindade era digna de liderar seu miserável povo, que as tecnologias que sustentavam nossas vidas deveriam ser abandonadas para voltarmos a uma “essência humana”, buscando ser a imagem e semelhança do seu mítico Ser Superior.

Meu coração se acendia de raiva cada vez que pensava em tal ideologia mais que ultrapassada. Foi por culpa dessa Divindade e dos humanos que um dia fomos, a causa de nossa espécie quase desaparecer. Isso nos é ensinado desde a infância para não cometermos o mesmo erro. A catástrofe que aconteceu na Terra foi também devido a ideia estúpida de que conseguiríamos viver em uma sociedade democrática. É preciso que alguém tome as rédeas da massa para não nos destruímos e a melhor pessoa para isso é o Supremo. Seria loucura entregar nossas vidas a um Ser que não se pode ver, e que precisa falar através de um amontoado velho de palavras gravadas com tintas. Eu não iria permitir que aquele pequeno grupo de radicais destruísse a minha vida, que se tornou perfeita, arriscando alastrar burburinhos sobre livre arbítrio e uma Divindade ficcional.

“O império Babillyon iria se manter em seu poder e um dia ele seria todo meu.” As palavras se repetiam a cada segundo em minha mente, mas aquela mesma sensação inominada continuava a apertar meu peito. O medo do fracasso fazia minhas mãos tremerem a cada segundo que nos aproximava do pôr do sol. Tudo que se podia ver era areia de coloração laranja em todas as direções.

Marchamos durante todo dia e fizemos apenas uma pausa para descanso. A armadura começava a me dar a sensação de claustrofobia e mesmo sobre o planador, meu corpo parecia beirar ao cansaço.

No monitor holográfico o sensor de localização começava a apresentar interferência do satélite e podia jurar, que mais de uma vez, esqueletos humanos abandonados entre dunas escaldantes provocavam-me inéditos calafrios. A agonia começou a atormentar-me. Eu tinha a localização aproximada, mas algo parecia disposto a impedir que encontrássemos os rebeldes.

— Soldados! Levantar acampamento! — As ordens saíram a contragosto da minha boca. Se eu quisesse encontrar os arruaceiros precisaria parar, pensar e tentar reiniciar o sistema de localização.

As tropas caminhavam de um lado para o outro como robôs programados para me servir. Não falavam, a não ser que lhes dirigissem a palavra, eram rápidos em realizar qualquer coisa que eu precisasse. Eu me sentia a verdadeira princesa, mas um minúsculo pedaço de mim sentia falta de ter uma conversa produtiva e espontânea. Sentada sozinha sobre um tapete ondulado o mapa holográfico com falhas, apegava-me pensando em toda a reviravolta da minha vida.

Tentava convencer-me de que era natural sentir meio vazia após galgar um dos cargos de maior importância do império ou sentir um pouco de incômodo ao lembrar as súplicas por misericórdia das pessoas que capturei.

— Estou ficando louca — pensei. O calor de um dia inteiro sobre a minha cabeça devia ter me deixado com o juízo desorientado. Eles eram inimigos do império e, por consequência, também eram meus inimigos.

Na tentativa de me ocupar e calar os recentes pensamentos infundados, ocupei-me em separar meus materiais para unificar o sensor de localização na codificação de um droide de serviço, mas o bipe alterado do detector térmico me chamou atenção.

Minhas mãos recorreram às armas mais próximas, uma explosão soou mais ao longe e os alarmes de ataque dos droides dispararam enlouquecidos.

Do lado de fora da minha tenda um verdadeiro caos se desenrolou. Pessoas vestidas em armaduras sucateadas batalhavam em meio aos tiros dos meus soldados. Caímos em nosso

próprio plano. Os rebeldes nos atacavam com toda a força. Apesar da inferioridade de seu pelotão, vários dos meus homens já estavam abatidos. Os inimigos despedaçaram os droides e utilizavam minhas cyberbikers em seu favor.

— Aryana Bestila! — Uma voz me chamou assim que atirei em um soldado adversário. Virei-me na direção da voz grave e vislumbrei uma silhueta misteriosa. O rebelde usava um capacete que cobria todo o seu rosto, a armadura arranhada parecia arcaica e na ombreira de seu uniforme, o símbolo de uma árvore branca parecia ter sido costurado à mão. Ele apontava sua espada em minha direção.

— Renda-se! Dê a ordem aos seus homens para que abaixem suas armas e pouparemos todos.

Deixei escapar um riso anasalado de escárnio enquanto carregava a metralhadora. Quem esse cara pensa que é?

— Essa fala é minha.

O inimigo se jogou em uma barricada ao perceber minhas intenções, mas logo enfrentou minha chuva de tiros com um escudo energético. Em poucos segundos ele estava próximo o bastante para tentar me atacar com um golpe de sua espada. Antes que a lâmina pudesse me atingir acionei as asas, passando por cima do combatente misterioso. Derrubei-o com um golpe firme. A metralhadora já estava com a mira em sua cabeça, sua morte seria rápida e simples, porém, no instante em que apertei o gatilho, a arma falhou sem nenhum motivo.

O soldado se levantou destemido, sua espada em posição de ataque. Um sorriso zombeteiro surgiu em meus lábios. Ele queria lutar à moda antiga? Assim faríamos. Desembainhei a espada e me preparei. O tilintar das lâminas era como música para meus ouvidos. Todo meu corpo entrou em combustão de adrenalina quando o oponente passou do ataque para uma defesa desesperada dos meus golpes laboriosamente treinados incontáveis vezes. Já podia sentir o gosto da minha vitória e o momento em que eu tiraria aquele capacete para satisfazer-me com a visão da morte abraçando sua alma. Um golpe da minha espada ultrapassou a barreira do som. Ele se desequilibrou e tombou na fina areia. Meu pé prendia sua mão armada ao chão. A lâmina afiada da minha espada estava rente ao seu pescoço. Meus olhos repousaram nos detalhes do bordado em seu peitoral.

— Suas últimas palavras, comandante Thaddeus?

Suas palavras não vieram, apenas uma explosão próxima que fez minha cabeça zunir. Minha visão perdeu foco e meus pés deixaram o solo. Desorientada, demorei para compreender que meu corpo foi atirado a metros de distância.

— Aryana! Por que queres fazer mal aos meus filhos? — Uma voz forte como um trovão inundou minha mente. Minha visão se tornou embaçada, borrões se multiplicavam. — Por que caça meus filhos? Se persegue os filhos não está, por consequência, perseguindo o Pai?

Tento reunir um pouco de forças para responder, mas uma nova onda de dor me fez apertar minhas têmporas. Algo morno escorria da minha testa. Eu não sentia minha perna esquerda e com o pouco que eu conseguia ver, tinha uma barra de ferro atravessando minha canela direita. Tudo doía, o ar se tornou difícil de inspirar e, em um piscar de olhos, tudo se escureceu.

* * *

Pouco a pouco, a consciência voltava a mim. Flashes dos últimos acontecimentos retornaram à minha mente. O ataque. O embate com o “cavaleiro misterioso”. A sensação dolorosa antes de desmaiar. Minha mente percebia em alguns míseros segundos, que estava deitada em algo gelado e, olhando para uma luz forte, notei um teto metálico.

Percebi que paredes de pedra me cercavam. A baixa luminosidade vinha de duas minúsculas janelas à esquerda, uma porta de metal pesada do outro lado e eu estava deitada sobre um colchão velho. Eu estava em uma cela. Havia sido capturada pelos rebeldes. Um grito de raiva quente foi cuspidos pela minha garganta, inconformada, com ódio do meu próprio fracasso.

Como se tivessem obtido o sinal que precisavam para saberem que eu tinha acordado, um campo de força se formou no meio da sala, isolando-me num espaço ainda menor.

A porta de metal se abriu com um ranger medonho e um rapaz entrou. Vestia um uniforme militar verde musgo e botas pretas como nas imagens dos arquivos históricos dos soldados da Terra. Em suas mãos havia uma bandeja com comida e um jarro de água. Seus cabelos castanhos claros eram quase loiros diante daquela luz e seus olhos azuis pareciam safiras brilhantes. Algo parecia se agitar em meu interior, mas foi substituído pela raiva ao ler o bordado no peitoral esquerdo do seu uniforme: “Comandante Thaddeus”.

— É bom ver que está consciente, senhorita Aryana. — Ele fechou a porta e pressionou algo em um painel invisível na parede que abre uma pequena fresta no campo de força. Antes que eu pudesse usar a brecha ao meu favor, senti correntes magnéticas prenderem minhas mãos à parede rochosa. — Eu trouxe seu café.

— General Bestila para você. Eu exijo que me diga onde estou e porque estou presa dessa forma.

— Você não está em uma boa posição de exigir muita coisa, general. — O deboche em sua voz me fazia querer arrancar seu sorriso fora. — Mas eu vou responder uma das suas perguntas.

Você está presa assim, porque tenho certeza de que já deve ter pensado em mil formas de me matar, estou certo? Ele deixa escapar um sorriso anasalado com o silêncio que me colocou.

Após passar a bandeja pela brecha, ele volta a apertar um botão que faz o campo de força se restaurar e as algemas magnéticas desaparecerem. O embrulhar de fome do meu estômago me fez mover em direção à comida, que exalava um cheiro apetitoso, mas ao levantar-me deparei com algo que me fez parar de imediato. Minha perna esquerda havia sido substituída por uma prótese mecânica pouco acima do joelho, da mesma forma que parte da minha canela, transpassada por um estilhaço de um explosivo. Ele observou com cautela a falta de uma reação por minha parte.

— A explosão queimou parte da sua perna. Se não fosse amputada corria o risco de que morresse. E sobre o pé foi pelo mesmo motivo. Usamos as peças das suas asas mecânicas.

Muitas reações passaram pela minha mente, mas não podia me dar ao luxo de revelá-las ao meu inimigo.

— Não é como se eu já não tivesse alguma parte do corpo substituída. — Dei de ombros, mostrando o antebraço direito. — Me diga, quando pretendem me matar?

— Não pretendemos matá-la. Vamos tentar negociar com o Supremo a sua soltura e... — A minha gargalhada o interrompeu. — O que foi?

— Negociar é inútil! É mais provável que ele mande me matar de uma vez.

— Ele deixaria que a vida de sua única filha fosse ceifada? — Uma nota de tristeza soou em sua voz e eu fingi não sentir ela cortar meu coração.

— Babillyon acima do sangue — recitei o lema do exército imperial. Minha resposta o deixou atônito demais nos levando a um longo silêncio que me permitiu acabar minha refeição.

— O que fizeram com o meu exército?

— Foram libertados do controle mental do microchip F66, e os que escolheram estão sendo integrados ao nosso acampamento.

— Então estão roubando meus homens.

— Não, estamos dando a eles a oportunidade de serem livres.

— Liberdade! — Deixei uma risada incrédula escapar. — Foi essa ideia de deixar cada um fazer o que quer que nossa espécie quase entrou em extinção.

— Por isso apresentamos aos seus homens o Caminho de Ábba.

— O Caminho do seu Deus invisível. Que maravilha! Fui capturada por lunáticos.

Thaddeus pretendia rebater, mas um bipe em seu bracelete chamou sua atenção.

— Você tem direito a três refeições. Se sentir vontade de fazer suas necessidades é só bater na porta. Uma guarda vai vir buscá-la após o jantar para tomar um banho.

— Apressado, ele me deixou de volta à minha solidão.

* * *

Ele não veio na refeição seguinte, mas sim uma jovem com mais dentes que eu podia contar, vestida com uma calça larga, uma camisa na mesma cor e as mesmas botas de Thaddeus, que apenas empurrou educadamente a bandeja pela fresta e logo sumiu atrás da porta.

As janelinhas foram meu entretenimento da tarde. Constatei que os rebeldes não tinham apenas tendas, mas containers e pequenos chalés de ocupação feitos de antigo derivado de petróleo. Eu os subestimei, mas ainda precisava sair daquela cela e explodir aquela base ou pelo menos levar a cabeça do comandante para o Supremo, na tentativa que ele demonstrasse um pouco de misericórdia pela minha falha.

A mesma rotina se repetiu no jantar, mas logo após ingerir aquele prato surpreendentemente bem temperado, a garota dentuça prendeu algemas magnéticas em meus pulsos e me guiou para fora do cativeiro. O corredor vazio era semelhante ao de uma casa, a madeira rangendo sob os meus pés. Num determinado momento o corredor se abriu a uma sala grande coberta por monitores antigos. Diante de uma mesa improvisada Thaddeus analisava um mapa feito de um material que parecia ter sido retirado de um museu. Alguns passos à frente, paramos diante de uma porta.

— Retire as peças antes de entrar na água para não danificarem, deixamos um banquinho e um sabonete. — Sua voz era tão doce que me enjoava.

Com um click ela desativou as algemas. Nesse instante virei-me para a porta, mas com a mão robótica a golpeei. Infelizmente a combatente gritou. Antes que ela pudesse revidar, acertei um chute com o pé metálico em sua jugular, deixando-a inconsciente. Segundos depois, o comandante surgiu no corredor. Ele se preparou, tomando a posição de luta, mas não é rápido o bastante para bloquear o chute em seu peito que o faz cambalear e bater em uma das mesas da sala. Facilmente nocauteei dois outros soldados. Thaddeus agarrou uma barra de ferro e entre os computadores velhos iniciamos uma dança violenta de golpes e arremesso de qualquer arma em potencial. Meu braço cibernético o imobilizou. Suas costas bateram com um estrondo no piso de madeira e, diante dos seus olhos atônitos minha mão robótica se transformou em uma afiada adaga.

— Não quero te matar, Aryana. — O soldado disse entre dentes.

— Engraçado. É exatamente isso que eu quero fazer com você.

Eu estava pronta para dar cabo de sua vida se uma onda elétrica não tivesse se espalhado por todo o meu corpo e o mundo ao meu redor não tivesse desaparecido. Mais tarde soube que a guarda dentuça era dura na queda. Ela havia recobrado a consciência e me aplicado um choque com bastão elétrico.

* * *

Pisquei algumas vezes para que a visão se estabilizasse. Ao contrário do que esperava, eu não estava na cela de antes, nem mesmo parecia que estava em algum centro de contenção. Eu me via no meio do deserto diante de uma árvore branca. Seus galhos eram alvos como a neve e resplandeciam como se fosse natural emitir luz própria. Era linda. Hipnotizada, não percebi quando minha mão alcançou o tronco robusto.

— Aryana, por que persegue meus filhos? — A mesma voz imponente que ouvi antes de ser capturada voltou a soar. Meus olhos confusos buscavam o dono da voz sem sucesso.

— Quem está aí?

— Tenho muitos nomes, mas aqui me chamam de Ábba. — Os pelos do meu corpo se eriçaram e algo dentro de mim reconhecia o poder daquela voz.

— Eu escolhi você, Aryana. Escolhi como meu instrumento para ajudar aos meus escolhidos derrubarem o império perverso para que o Justo venha a essa terra para trazer paz.

— Eu não compreendo o que está dizendo.

— Quando acordar, leia as Palavras que foram dadas de presente, e irá descobrir toda a Verdade.

* * *

Quando realmente despertei estava de volta à minha cela. As mesmas paredes de pedra fria, as mesmas janelinhas minúsculas, o mesmo colchão velho. Porém, sobre o estofado havia um livro antigo. A capa de couro desgastada já não tinha um título gravado. Na lateral de algumas folhas de celulose, pequenos fitilhos coloridos pareciam servir de guia. Aquela voz ecoou de novo em minha mente e a curiosidade pelo entendimento me tomou. Com as mãos trêmulas abri a primeira marcação. “Antes mesmo de te formar no ventre materno, Eu te escolhi; antes que viesses ao mundo, Eu te separei e te designei para a missão de profeta para as nações!” Um sentimento que não conseguia nomear começou a queimar em meu peito. Segui em frente e abri

a marcação seguinte: “Pois não me agrada a morte de ninguém. Palavra do Soberano, o Senhor. Arrependam-se e vivam!” Um caroço se formou em minha garganta, a queimação em meu peito começou a se espalhar por todo o meu ser. Abri a terceira marcação: “O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham plenamente.”

— Não percebe que o caminho que trilha te levará à perdição? — a voz de Ábba retornou à minha mente. — Deixa eu te usar da mesma forma que usei sua mãe. Ao ouvir ele se referir à mulher que perdi há doze anos, levantei meu olhar sem saber ao certo para onde me dirigir.

— Minha mãe? Como assim a minha mãe?

— Chaya D’Tarso. — A voz de Thaddeus chamou minha atenção. Ele estava sentado no degrau da porta com um holograma de uma mulher muito parecida comigo, pairando sobre seu pulso. O campo de força não estava entre nós. — “Como esposa de Alastor Bestila, recém titulado líder de Babillyon, foi uma das primeiras a receber a implantação do microchip F66. No entanto, vinte anos depois do uso, falhas do processamento do sistema o tornava ineficaz em seu cérebro. O laboratório diagnosticou que seu cérebro era portador de um vírus resistente, carregado em seu DNA, que descendia diretamente dos antigos habitantes da Terra. A primeira-dama foi internada em um hospital afastado para sua recuperação, mas veio a óbito dois anos depois.”

Eu reconhecia aquelas palavras. Eram do relatório que meu pai mostrou quando me deu a notícia de sua morte.

— Esse é o relatório da morte da minha mãe.

— É falso. Sua mãe não morreu porque tinha algo no cérebro. Ela foi assassinada por Alastor por ajudar, refugiar e pregar a Palavra Verdadeira.

— O quê? — Minhas mãos tremiam, lágrimas grossas se formavam e o ar começou a ficar rarefeito. Era mentira, só podia ser uma grande mentira. Thaddeus apertou alguns botões de seu bracelete e a imagem holográfica da minha mãe deu lugar a uma gravação de câmeras de segurança da sala de controle. Minha mãe estava ajoelhada em uma poça do próprio sangue. Feridas e hematomas cobriam seu corpo. Meu pai, logo à sua frente, parecia possesso de raiva com um bastão de ferro em sua mão.

— Quem você pensa que é para ir contra o meu decreto? Eu sou seu líder supremo! Eu sou o seu senhor! Você deve me adorar! — O homem desferiu um golpe que a fez gritar. — Negue-O! Eu ordeno! Só existe um senhor.

— O Senhor dos senhores... eu não vou negá-lo. — A voz da mulher moribunda era fraca e cansada.

Enraivecido, meu pai puxou de sua cintura uma arma e, com apenas um disparo, ceifou a vida da mulher doce que só pude conviver até os oito anos. Esse monstro havia mentido para mim. A gravação continuou com a entrada de droides de limpeza. Subordinados do governo entraram na sala enquanto ele retornava à sua máscara de frieza e crueldade.

— Eu quero que aperfeiçoem os microchips, melhorem as interfaces de conexão com as camadas neurais para um controle mais amplo. Se não querem seguir por bem, vocês se tornarão meus robôs particulares.

— Até mesmo em sua filha, senhor... — indagava um dos subordinados.

A filmagem foi cortada, mas eu já deduzi a sua odienta resposta. Eu não passava de uma escrava de suas vontades sórdidas. De repente, flashes de vários momentos da minha vida em que executava ações que nem mesmo sabia o porquê realizava, se encaixaram como um quebra-cabeça. Minha vida inteira foi uma manipulação.

— Ábba nos criou para sermos livres e diante de Sua Palavra, seguirmos seu caminho de bondade e comunhão — disse Thaddeus.

Minha mente girava sem parar. A dor do luto, das mentiras em que acreditei e o pesar pelas vidas que tirei transbordaram em lágrimas pesadas.

O comandante continuou com voz terna:

— Ele quer escrever nossos nomes em seu Livro Eterno para vivermos ao Seu lado, quando o Salvador vier a nós para edificar seu Reino.

Meu soluçante choro foi a única resposta. Silencioso, ele me deixou mergulhar nas lamentações da minha alma.

* * *

Cinco dias se passaram desde que a verdade fora descoberta. Nos três primeiros dias imergi no luto. Thaddeus, em nenhum momento se preocupava em tentar quebrar meu silêncio. Apenas entregava as minhas refeições e me deixava para que, sozinha, eu folheasse os escritos milenares. Cada história relatada me tocava de uma forma profunda, e as anotações deixadas por quem quer que fosse o dono original, eram como luz no final do túnel.

No quarto dia, senti uma necessidade forte de entender mais e foi quando Thaddeus se tornou meu mentor. Pacientemente o rapaz — que já não soava como um inimigo — me explicava maravilhas sobre as Palavras de Ábba. Era inexplicável a paz que sentia ao escutá-lo.

No sétimo dia, Thaddeus falou-me sobre a reunião do acampamento para estudarmos as Palavras e falar com a Divindade todos juntos. Relutei por um tempo, por receio do que essa

ação pudesse desencadear. Eu era a maior perseguidora deles! Como poderia participar e abraçar aquilo que eles chamavam de fé numa reunião com todos? Eu não era digna de confiança. No entanto, Thaddeus me convenceu a aceitar e, na manhã seguinte, entrou em minha sala vestido de calças e túnica preta, equilibrando nas mãos uma bandeja e vestimentas.

— Tomei a liberdade de trazer mudas de roupa. Só precisa prometer não tentar me matar quando for ao banheiro.

— Eu já passei dessa fase, não se preocupe. — Trocamos pequenas palavras com assuntos triviais, enquanto eu ingeria pães, geleia e frutas.

Ele sabia ser uma pessoa muito agradável. Estar em sua presença era um bálsamo para minha sofrida alma e sempre tinha palavras doces a dizer.

O comandante me levou ao banheiro, mas antes de adentrar ao local, uma sensação de ternura me tomou. Com cautela virei-me em sua direção, sendo absorvida pelas suas pupilas que se dilataram.

— Obrigada, Thaddeus. De verdade.

— Por qual motivo me agradece?

— Pela segunda chance que está me dando. Eu não sou digna de nada. Fiz coisas horríveis a todos vocês, e mesmo assim, você tem sido bondoso comigo.

Um sorriso singelo surgiu em seus lábios. Tentei não ser atraída por eles.

— Obrigada por tudo.

— Não tem necessidade de me agradecer. Ver você arrepender-se e caminhar para o Verdadeiro Caminho já faz o meu propósito ser cumprido com grande regozijo.

— Seu propósito?

— Ir e pregar as Palavras do Senhor a toda criatura.

Meus olhos brilharam comovidos com tamanha firmeza e fidelidade que ele tinha a Ábba. Era notável o verdadeiro amor que transbordava de seu peito, completamente contrário ao amor destrutivo em que eu acreditava piamente que um dia poderia conseguir do Supremo.

Evitando que eu desabasse em lágrimas diante do rapaz, tratei de entrar no privativo, mas antes que a porta nos separasse ouvi sua voz chamar meu nome.

— Já que passamos da fase de tentativa de assassinato, chame-me de Caleb.

Caleb Thaddeus. Então aquele era o seu nome completo.

— É um lindo nome, Caleb.

Em poucos minutos eu estava devidamente limpa. No espelho, minha aparência parecia muito mais leve do que em todos esses anos. Uma pequena cicatriz em minha testa estava coçando após a retirada do maldito chip. As calças bege dentro das botas de couro marrom me

davam conforto, a bata da mesma coloração era fresca e contava com luvas que me ajudavam a esconder o antebraço dourado como símbolo do império. Alisei os fios revoltos da trança enraizada e, respirando fundo, deixei o banheiro decidida a dar um novo rumo à minha vida.

Ao me ver, Caleb parecia ter seus olhos ainda mais brilhantes. A caminhada pela areia batida revelava um lugar pacato e muito organizado. As pessoas eram gentis umas com as outras — apesar de olhares temerosos serem dirigidos a mim — e viviam em uma harmonia que nunca vi dentro dos distritos de Babillyon. Mas o que fez meu coração palpitar foi a grandiosidade do local, onde seria feita a reunião. Tapetes de diversas cores e tamanhos eram espalhados pela multidão ao redor de uma grande árvore. A mesma que era usada como símbolo daquele pessoal, a árvore que vi em meu sonho quando Ábba falou comigo. Eu e Thaddeus nos sentamos num gramado, mais afastados, devido ao medo que algumas pessoas ainda sentiam de mim. Falei-lhe sobre o sonho e ele escutou absortamente, fazendo comentários atenciosos.

Rostos conhecidos dos meus soldados estavam naquele lugar, provavelmente sentindo o mesmo frescor na alma, pois estavam sorrindo de forma descontraída, como nunca havia visto. Alguns bateram continência a mim, respeitosos e ineditamente alegres.

Um ancião se levantou, foi à frente e começou a falar sobre a Palavra do Ábba. Palavras fortes, mas que retiraram escamas dos meus olhos. Eu fui tocada por muitas coisas ao longo do sermão ministrado, mas nada me marcou mais do que os dizeres: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” e “Venham a mim, todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso. Sejam meus seguidores e aprendam comigo porque sou bondoso e tenho um coração humilde; e vocês encontrarão descanso. Os deveres que eu exijo de vocês são fáceis, e a carga que eu ponho sobre vocês é leve.”

Àquela altura passei a acreditar firmemente que sim, o caminho de Ábba, apesar de difícil e cheio de adversidades, era o melhor caminho a seguir. Ábba trazia a Verdade. Ábba dava a Vida, uma vida cheia de uma paz inexplicável.

— Alguém aqui entre nós gostaria de confessar Ábba como seu Senhor? — perguntou o ancião em voz altissonante. Em um impulso pus-me de pé. A multidão me encarou, alguns embasbacados pela minha decisão, outros felizes por finalmente meus olhos terem sido abertos de verdade.

— Eu fiz coisas terríveis, deixei-me levar pelas manipulações do Supremo, persegui e matei vários inocentes. Eu me arrependo profundamente por isso, e reconheço Ábba como o meu Senhor. — Alguns sussurros percorreram, mas decidida, segui adiante em minha confissão. — Eu li as Escrituras, aprendi sobre as histórias e sinto que Ele me escolheu, apesar da minha

insignificância. Quero seguir no Caminho, quero ser usada por Ele e quero sentir a paz de repousar em seus braços.

Palmas se espalharam e as pessoas se alegraram comigo. Caleb estava mais entusiasmado do que todos. Com a ajuda do ancião recitei uma breve oração. Diante da multidão entreguei minha vida para o Verdadeiro Senhor, abandonando tudo, para viver o propósito do Caminho, a perfeita vontade de Ábba.

* * *

Dia após dia fui dando um passo de cada vez, em comunhão com todos e aprendendo mais sobre a fé em Ábba. Meses se passaram em que desafios sempre aconteciam, mas o povo se empenhava em manter bons ânimos. Com o tempo, comecei a ajudar no setor de desenvolvimento de sistemas do acampamento, trabalhando em formas de melhorar os equipamentos de proteção, tanto do quartel quanto dos nossos poucos espiões espalhados pelo império, encarregados de observar possíveis ataques e guiar qualquer um que pudesse ser resgatado das manipulações do Supremo.

Porém, algo dentro de mim queria mais. Eu almejava ajudar as pessoas e ser de fato um instrumento que Ábba disse que me escolheu para ser. Minha alma ansiava agregar a equipe de espiões. Eu aspirava levar o Caminho de Ábba aos que precisavam. Desejava resgatar pessoas como fui resgatada, mas o conselho de anciões ainda não estava muito decidido a dar esse voto de confiança.

— Ei, por que essa cara azeda? — Caleb perguntou um dia, enquanto trabalhávamos na reprogramação de um droide do império.

— O conselho não aprovou o meu pedido para entrar na equipe de espiões. Segundo eles, ainda estou muito verde em minha fé.

— Sinto muito.

— Acho que na verdade eles têm medo de mim. Assim como uma boa parte do acampamento ainda tem. Identifiquei-me com Paulo de Tarso.

— Você não pode tirar essa razão deles. — O comandante deu de ombros e se esquivou de uma peça que atirei em sua direção. — Viu só? Um atentado descarado!

Caleb Thaddeus se tornou meu melhor amigo. Era gentil, cuidava de mim, explicava quando não entendia as Escrituras e era bondoso. Aqueles olhos de cristais azuis me enxergavam muito além do meu passado. Ele fazia com que eu me aproximasse cada vez mais do Caminho do Senhor, assim a cada dia tornava-me uma pessoa melhor. Eu agradecia muito

pela dádiva de tê-lo conhecido — ainda que de uma forma muito mais violenta do que desejava — e por ele estar presente em minha vida.

Outros longos nove meses se passaram. O império investia em tentativas militares, esforçando-se em encontrar o acampamento, felizmente sem sucesso, e o conselho de anciões estava ficando farto de ouvir a minha petição: tornar-me espiã a serviço de Ábba.

— Teve resposta negativa de novo? — Thaddeus se aproximou dos degraus do meu chalé onde eu remoía a rejeição e frustração. Eu anuí, desanimada. O rapaz se sentou ao meu lado e, pela primeira vez, reparei em sua imagem tão de perto.

Ele vestia calças de couro e blusa preta. Nos ombros carregava uma grande mochila da mesma cor. Em seu pulso um bracelete inteligente muito usado nos distritos do império e em suas mãos uma muda de roupas embalada.

— Aonde vai? — indaguei com voz mais doce do que pretendia.

— Eu fui encarregado como líder da equipe alfa. Vamos nos infiltrar no distrito armamentista para descobrir os próximos passos do império e resgatar a família de alguns dos nossos irmãos.

— Uma grande missão.

— Pois é. Pediram para reunir mais onze pessoas capacitadas.

— Estou feliz por você. — As palavras saíram sem muita emoção. Eu não deveria, mas naquele momento uma pontinha de inveja ameaçava desabrochar.

— Vai ficar mais feliz ainda sabendo que você é a minha primeira escolha. — Meus olhos se elevaram rápido demais, digerindo aquela informação. Caleb abriu um sorriso enorme. — Bem-vinda à equipe alfa, soldado Aryana Bestila.

A alegria transbordava em mim e, tomada por aquela euforia, envolvi Caleb em um abraço entusiasmado, apertando-o e demorando mais do que deveria.

Uma luz se acendeu em minha mente, algo que eu queria ter feito há muito tempo para mostrar como a minha vida era nova.

— Eu quero mudar de nome.

— Mudar? — Seu cenho se franziu.

— Sim. Aryana Bestila morreu quando aceitei Ábba em meu coração. Hoje eu vivo uma vida nova. Esse será o testemunho que irei contar e espero alcançar pessoas como fui alcançada.

— E qual será seu novo nome? — Seu olhar de ternura e a sensação de paz em meu peito só confirmavam ainda mais a minha certeza.

— Ana D'Tarso.

— Um lindo nome, Ana.

Um novo nome para uma nova criatura, como uma pequena homenagem à mulher forte que minha mãe foi ao se manter firme em sua crença acima de todo sofrimento.

Daquele dia em diante dediquei-me com a equipe pela propagação da Palavra, proteger minha nova família e servir aos propósitos que Ele tinha para mim. Esse foi o meu testemunho, a prova viva de que até o mais indigno dos pecadores pode ser redimido, transformando-se num instrumento fervoroso do Senhor para mostrar ao mundo que o Caminho de Ábba é a Verdade e a Vida.

ÍISIS MARQUES. Uma jovem cristã de 20 anos, sergipana, que desde criança é apaixonada pela literatura em um geral. Com a cabeça sempre nas nuvens, meus gêneros favoritos sempre foram a ficção científica, fantasia e distopia. Já escrevi para algumas antologias, mas *O caminho de Ábba*, foi o primeiro conto em que pude me desafiar e sentir-me um pouco como C.S. Lewis (a maior referência na união da essência cristã com fantasia, na minha opinião), e eu posso alegar com felicidade, que as horas em que passei meditando e orando para escrever algo agradável ao Pai, valeram muito a pena.



O Chatêau dos Almíscares

Daniel Grisolia

— Bem-vinda, senhorita Lydia. Sinta-se à vontade em nosso decorado modelo.

— Obrigada, senhorita...

— Llais Croesawgar, mas pode me chamar de Llais. Estou à disposição para demonstrar-lhe tudo o que o apartamento tem a oferecer.

Tenho que admitir: capricharam mesmo no holograma desta I.A. Quase parece uma pessoa de verdade. Vamos ver até onde vão as coisas nesta cela enfeitada, a qual chamam de “apartamento”, do presídio que chamam de “condomínio”, conversando com esta “corretora”. Com certeza faz parte da equipe de carceragem daqui, se não for a “sídica”.

— Senhorita Llais, quais são as opções de localização disponíveis no momento? Acredito que vocês já tenham a maior parte dos apartamentos já preenchidos, não? Eu tenho preferência por não ficar pra baixo do quinto andar. Estamos em uma avenida bem movimentada e me preocupa um pouco o barulho, principalmente na hora de dormir. — Pensei: “Vai ser difícil se mostrar interessada, Lydia. Mas, não é segredo pra ninguém que você detesta buzinaço. Além de já ter se manifestado entre o pessoal do trabalho seu querer nunca mais voltar a morar em um bairro comercial. O governo já sabe disso sobre você.”

— Por favor, só Llais. Não há a necessidade de sermos tão formais. E não se preocupe: você é uma das primeiras pessoas a nos visitar. Até agora, apenas 30 dos 2350 apartamentos foram adquiridos. E para sua alegria, temos localizações disponíveis em todos os andares mais altos, do sexto andar em diante. O frenesi da avenida não será um problema, todas as nossas janelas possuem controle de ruído, e lhe permite diminuir ou suprimir completamente o som externo.

— Nossa, que bom! O apartamento é um pouco mais compacto do que pensei, até. Só pra me esforçar em não falar pior... O meu quarto sozinho, antes de ser destruído, conseguia ser maior do que isto aqui!

— Sim, todas as unidades possuem esta mesma configuração de sala principal, com banheiro e janela. A sala, controlada por esta interface projetada holograficamente, é completamente mutável com todas as mobílias geradas pela nova tecnologia *solidæ visionis 3.0*. Em sua nova versão, é possível alterar a cor, o design e textura dos móveis e paredes gerados em espectro holográfico 5.0 com solidez firmada na estrutura laser *petrium 3*, assemelhando-se em 99,74% de precisão na reprodução visual e tátil, se comparados aos construídos em alvenaria, madeira, vidro, plástico ou metal pelo homem. O ambiente possui seis variações disponíveis:

estar, refeições, exercícios, escritório, mídias e o quarto. Nada de cozinha... Querem pouco a pouco suprimir as cozinhas para que talheres, facas e fogo não sejam usados como armas brancas, tochas ou improvisações como na Revolta de Itamaracá, anos atrás. Tropas do exército pegas de surpresa e desarmadas por donas de casa...

Como é que eu vou cozinhar? Querem que as pessoas vão só a restaurantes ou peçam comida em domicílio, para serem monitoradas e controladas até no que ingerem...

— Llais, quais são as opções de refeições disponíveis na região?

— Veja, existem cerca de sete localidades no entorno do condomínio. Só estão com a operação suspensa temporariamente por conta de adequarem suas estruturas e pessoal ao programa de contenção de aglomerações. É recente, e será efetivo não apenas para o período de conflitos atual, como também para evitar contágios de doenças e atividades ilícitas. Todos funcionarão em segurança com o mecanismo de reservas de mesa em sala única, repassadas imediatamente ao departamento de segurança governamental: na chegada, com os dados de todos os que estiverem à mesa; e na saída, com o tempo de permanência, forma de pagamento e o que foi consumido. Mas, além das lanchonetes e restaurantes, a interface do seu apartamento tem acesso a cerca de 200 opções de refeições disponíveis para entrega imediata. Isso, no total conforto, sem nem ser necessário sair de seu apartamento.

— Sete locais, bom saber. Como vou receber as refeições sem precisar descer até a entrada do condomínio? Desculpe a pergunta, mas como eu nunca morei em prédio, tem coisas que são um pouco novas pra mim.

— A pergunta não tem nada de estranha, a maioria dos visitantes a faz por ainda não conhecer nossa novíssima comodidade. Veja, atrás de você, ao lado da entrada. Pode parecer um simples armário cilíndrico, mas a abertura central é a sua caixa de correio: para receber encomendas ou refeições. Abaixo dela, é sua geladeira, e conta com uma fonte de água potável embutida. Acima da caixa de entregas, está a unidade de sistema emergencial, e é necessário ativá-la manualmente para a continuidade do funcionamento de seu apartamento por este teclado e tela tátil, apenas caso ocorram tempestades eletromagnéticas, apagões ou perturbações imprevistas que prejudiquem o perfeito funcionamento dos serviços municipais, e cuja magnitude for maior do que os recursos de contenção consigam atenuar.

Como se não bastasse chamarem esta cela de moradia, querem que os detidos aqui sejam coparticipantes na carceragem também. Além de só haver comida ruim aprovada pelo governo nas entregas, ainda por cima querem controlar até como você vai comer se for sair de casa. Repugnante... E conseguiram criar barreiras para tirar o sossego que as tempestades nos proporcionam. O que tem para se fazer fora daqui?

— Quais são os parques e museus próximos da região? Eu venho a esta parte da cidade só pro local do meu emprego, e é não só longe de onde eu morava, como também de onde me abrigo atualmente.

— Os locais de entretenimento do município também estão sob decreto de operação suspensa desde ontem à noite, quando foi emitida a ordem, por causa de eventuais confrontos nesta guerra que enfrentamos, infelizmente. Mas, temos cerca de 100 destinos diferentes em passeios virtuais. E em nosso museu virtual, sediamos duas exposições diferentes a cada quinze dias. Com 50% de desconto nos ingressos, durante o primeiro ano de moradia. Tudo isto junto com as opções de *streaming* disponíveis na sala de mídias.

— Sim, entendo. E este cilindro maior, atrás de você? É algum armário, ou uma unidade de funções?

— Este é o banheiro. Já ao abrir da porta, você pode ver...

— Hã!?

— Você parece assustada, está tudo bem?

— Estou surpresa! Você abriu... Você abriu a unidade, e não há chuveiro ou privada... — “Recomponha-se, Lydia”, disse a mim mesma.

Mesmo horrorizada e lutando para não sair correndo dali, forcei-me ao autocontrole. Isso aí, que nem chega a ser sala, e chamam de banheiro, foi um golpe que me acertou de jeito, mas devo continuar! Falta pouco para acabar com esta tortura investigativa, dentro desta arapuca...

— Oh, claro! É a primeira vez que você vê uma destas. A novíssima e confortável unidade coletora de necessidades possui mangueira extensível, e higienização local a laser. Basta levar à área pélvica nos momentos de se aliviar. E diga adeus ao chuveiro com este novo scanner de sujeira e impurezas com limpeza à laser. Não é nem necessário despir-se ao livrar-se da sujeira tanto do corpo quanto das roupas. Cravos e pelos encravados são eliminados, unhas das mãos e pés são aparadas, como também as manchas mais irredutíveis se vão de qualquer tecido.

Ou seja, este dito banheiro é a câmara de pré-morte da cela. Encaixar esta garra do aspirador de dejetos na pelve é a mesma coisa que uma roleta-russa, pois este mesmo laser pode ser usado para “desligar” meus ovários e trompas, se eles assim o quiserem. Além de eliminar sujeira da pele, também usam para cauterizar internamente certas artérias, provocando entupimentos surgidos “misteriosamente do nada” e a sua morte súbita é garantida... Basta saberem um pouquinho mais sobre você, e *voilà!* Querem até controlar o quanto de água você pode ter. Ainda que fosse seguro, este laser não te dá a alegria e o descanso que só uma boa ducha consegue te entregar...

— Bom, é uma novidade que realmente não sabia nada sobre... E como é o quarto? Podemos ver agora?

— Certamente. Aqui estamos.

— Então a interface da tela laser projetada muda sozinha pra mostrar os comandos de transformar o cômodo ao perceber quando queremos fazer isto? Que prático!

Droga! Vigília interna com microcâmeras orientadas por I.A.! Deu pra perceber não ser parte da “demonstração” dessa aí ao não estar totalmente sincronizado o movimento do holograma dela com a interface. Pode até ser parte da implementação neste lugar por ser novo, mas não é o que minha intuição me diz. Aqui tem mais de uma I.A. pra vigiar os futuros detidos, então. Só não dá pra saber se é subdivisão da própria Croesawgar ou uma I.A. diferente, mas ainda assim capanga desta na chefia.

— Sim, a monitoria interna não somente atua como sistema de segurança, mas também tem uma leitura interpretativa com 97,86% de precisão da linguagem corporal do morador. Possuindo ainda mecanismos de leitura térmica, raio X e outras funcionalidades, quando detecta alguma coisa fora do normal. Tudo isto para seu conforto e para sua segurança.

— Certo. O colchão é assim mesmo, hã... flutuante?!

— Somente até o momento de se deitar. Logo após, o colchão gera o travesseiro e todas as outras estruturas necessárias para o conforto máximo no dormir. Até mesmo paisagens virtuais no entorno, ASMR e tudo disponível como indutores de sono e incrementadores de qualidade do mesmo. Gostaria de experimentar?

— Não, obrigada. Estou no meu intervalo, e durmo igual a uma pedra. Mesmo vocês possivelmente também possuindo recursos para um bom acordar, não quero tentar, por não ser um bom momento. Mania minha, não diminuo o ritmo enquanto um trabalho não estiver terminado. Precisaréi voltar ao escritório após a visita para concluir um projeto importante. Espero que entenda.

— Sim, compreendo. É sempre bom valorizar o trabalho.

Chavão do governo como resposta pronta, claro! Bom, nunca pensei que a banana de dinamite jogada acesa pra mim ontem pelo meu supervisor, eu usaria pra explodir uma ameaça imprevista vinda de outro canto. Já era ruim antes, e foi piorando desde a vergonha que passei um ano e meio atrás dormindo nas escadarias da saída de emergência, podre de cansada. Foi pra não ter a possibilidade de ficar junto com ele no mesmo elevador. Na época, me passou um projeto-bomba com a certeza do meu fracasso, o qual não aconteceu. Com certeza iria se aproveitar do meu cansaço pra tentar alguma coisa pra cima de mim. Por minha causa, houve modernização das câmeras internas, e não precisei mais descer as escadas escondida. Com as

I.A. no operacional delas, ele deixou de ter controle parcial e acesso ao setor de monitoria. Óbvio, espumou de raiva achando que fiz de propósito como retaliação... Ele pode achar o que quiser naquela cabeça torta. Não me importo com ele ter de mostrar serviço (pra variar) e deixar de ficar à toa. Mesmo assim não deixou de galinhagem pra cima de mim. Enquanto eu trabalhar naquela bagunça assim será, ou vai piorar por parte dele ou do governo. Nunca vai entrar na cabeça dele o que deixei bem claro com minhas ações: não vou fazer parte da “coleção de adultérios” igual algumas outras.

“Calma Lydia, foca sua atenção aos perigos desta prisão, deixa pra pensar onde você já está mais ou menos detida quando sair daqui. Você não precisa deitar-se neste leito de morte e lavagem cerebral. Basta dormir aí para que o barulho de ondas do mar, chuva branda ou qualquer outra coisa cesse; aí o ASMR vem junto com aquela frequência que deixa a sua mente mais propensa a ouvir e assimilar as mentiras e comandos vindos do Estado.”

Transformaram o aprender dormindo das fitas cassete do século passado em uma arma de guerra mental...

— E sobre armários, pra roupas e guardar coisas minhas? Tudo bem que hoje em dia não tenho muita coisa, mas...

— Ah, claro. Aqui está, ao lado do banheiro, sua unidade de armazenamento de pertences. Tem espaço para dois pares de sapatos, cabides para quatro peças de roupas, e duas gavetas com espaço interno de 40x25x10 centímetros: uma para documentos e outra para o que quiser guardar de importante.

— É bem menor do que esperava. Praticamente, cabe exatamente todas as minhas coisas que carrego sempre comigo nesta mochila, desde a destruição da minha casa. Não vai ter espaço se eu for comprar roupas novas...

— Por causa dos conflitos, todos precisam se resguardar em adquirir novo estuário ou afins somente se acontecer algo que os danifique ou os inutilize. Com o decreto de operação parcial obrigatória em vigor a partir de hoje, lojas deste segmento contam com auxílio e suporte governamental, com os estabelecimentos atuando apenas como estoque, e as vendas somente online. E contamos com várias lojas em nossa interface, com provador virtual holográfico. Ele aufere suas medidas e, no mesmo instante, já projeta diretamente em você as roupas para experimentar. É possível também vincular a sua lista de desejos com a projeção de suas roupas desejadas para uso nos passeios virtuais, não é ótimo?

“As lojas de roupas... foram todas confiscadas pelo Estado?! Essa não, NÃO!! O Paulão e a Dinoráh da loja de moda verão... A Dalvira da loja de vestidos... O Seu Menezes da alta costura e aluguel pra festas... Eu não vou vê-los mais! Eu estava discipulando a Dalvira e o seu

Menezes na Palavra e, provavelmente, eles foram mortos pelo “sumiço” estadual. Droga... DROGA!... Calma, Lydia, CALMA!”

— Sim, eu... entendo que temos de priorizar cuidados. Mas penso no futuro, quando o conflito terminar...

— Isto também é o que mais desejamos. É temporário, sim. Mas, mesmo nestes momentos e nos que virão, aqui neste lugar com tudo o que é oferecido, não é preciso ter muito para ser feliz.

Olha o absurdo que esta I.A. me diz com um baita sorriso nesta cara holográfica! Me diz logo então o que o Estado quer me enfiar pela goela: “Você só terá o nada e é obrigatório ser feliz com isto, ou encare a execução!” Nunca estaria aqui se não fosse por um único motivo: continuar lutando contra esta minha vontade de fugir, permanecendo aqui enquanto houver pessoas que precisam de mim pra se firmar mais na Palavra de Deus após aceitarem a Jesus como Senhor e Salvador. Falei de Jesus pra todo mundo na minha cidade, e pra muitas pessoas desta cidade também. Mesmo no caos desta “guerra mundial de fachada” que começou... Quanto tempo faz mesmo? Caramba... 10 anos, e uns 8 aqui no Brasil. Se é este tormento agora, com o que fizeram com a sociedade em alguns países... sem falar das catástrofes ambientais artificialmente provocadas em algumas partes do planeta, posso ter certeza quantas vezes mais será pior quando vir de fato a assolação e o anticristo após estes princípios das dores.

Graças a Deus, há muitos países que não se renderam ou caíram fora do “clubinho dos ditadores mundiais”. Penso em ir morar num deles todos os dias. Mas, sim! Eu falei em todas as oportunidades e continuei a saber como falar depois que tudo começou. Deus continuou a alcançar pessoas usando-me como ferramenta, e, também, cuidar da manutenção delas com o ensino. (E, por vezes, usando isto para minha manutenção também.) Nesta cidade: sete irmãos meus em Cristo morreram como vítimas civis num “confronto”; três foram embora para a Hungria com meu irmão pra cuidar de envio de material de apoio para as igrejas escondidas brasileiras, o Souza, a Didinha e o Pacheco; meus amigos Conrado, Cora e Cosme da empresa de motoentregas foram pegos transportando Bíblias escondidas, e “sumiram”; a Dalvira e o Seu Menezes, com certeza, “desapareceram” da mesma forma; agora, só restam a Bela e o Bira do trabalho. Eles voltam das férias na semana que vem.

Sou a única do convívio deles aqui na cidade que os ensina e os discipula... Só pra continuar com eles, eu ainda não respondi o pedido da carta do meu primo... Eles são os únicos neste lugar que ainda precisam de mim. Os outros do trabalho, mesmo sabendo quem sou, só não me entregam porque sou a única a salvá-los (não só no meu setor) fazendo o que posso com

projetos-bomba e causas perdidas. Consegui também até hoje consertar os desastres do meu supervisor e daqueles dois superiores no cargo sem ser por mérito.

“Calma, Lydia! Foco! FOCO! Puxe um assunto trivial qualquer e encerre esta visita, desconversando. Você ainda tem uma semana para escolher qual é o lugar ‘menos pior’ pra ficar.”

Este é só o primeiro local que passei a analisar. Faltam outras três opções... Que me fazem amar de paixão minha barraca improvisada, no assentamento de acolhida que divido com a minha vizinha, onde conseguimos achar um canto sem vigias, pra enterrar e esconder nossas Bíblias...

— Sim, claro... Por curiosidade, como é a sala de mídias? Eu até gosto de assistir a um filme de vez em quando, mas na maioria das vezes, só uso lojas e mídia para ouvir os noticiários. Não tanto pela guerra, é também por causa do meu trabalho.

— Certamente. Na parte de cinema, temos sempre cerca de 20 filmes diferentes em cartaz por mês, cada um com descontos exclusivos. E, na parte de diversos, estão disponíveis cerca de 100 serviços de rádios por assinatura, além de acesso aos 50 podcasts disponíveis no Brasil. Há também a opção de compra por edição avulsa, para os que não querem optar por assinaturas. Em nossa interface, você tem disponível um mês de assinatura grátis de até 2 serviços de rádio, ou 40 edições grátis na opção de boletins avulsos, podendo ouvi-las por até três vezes sem precisar de recompra.

Quase nada gratuito... E só os aprovados pelo Estado. Plataformas gratuitas não estão aqui, mesmo que grande parte delas não ofereça resistência à censura ou sejam consideradas ameaça subversiva. Eles querem você pagando por tudo o que pensar em fazer de lazer ou informação...

— Assinatura de rádio, isto é bom... Então, dá para ouvir os boletins especiais na hora que acontecem, sem precisar esperar irem pro resumo da edição avulsa? Tem todas as três rádios de notícia?

— Quatro. Temos acesso exclusivo à *Nacional Mais*. Notícias vindas diretamente da central de jornalismo do Ministério das Comunicações. Ouça: “... e estas são as leituras da bolsa de valores. Vamos agora para o boletim informativo de exportações e importações: Com a reforma dos portos de Santos e Itajaí 100% concluídas para retomar a operação total adaptada para as novas tempestades de areia e padrões de movimentação das dunas do Deserto Atlântico, o retorno à normalidade operacional deve se concretizar em até quinze dias ou menos, de acordo com os relatórios preliminares dos controles aduaneiros de cada uma das estações... ATENÇÃO: Boletim informativo de última hora! Acaba de ser preso, em Bastos-SP, um homem de 68 anos pela morte de esposa, filha e genro! Heráclito Takeshita foi contido por policiais em

sua residência, portando facas de cozinha de uso em peixes e carne vermelha, ambas não registradas. Elas foram usadas para golpear até a morte sua esposa Yasue, sua filha Isabela Pimenta Takeshita e seu genro Ubirajara Pimenta Takeshita. Como Heráclito estava em um acesso de fúria quando as autoridades chegaram ao local, um policial, Lucas Costa, foi ferido gravemente no braço, e outro, Ícaro Nobuhiro Koga, acabou morto com uma facada no pescoço. Ao tomar a arma do policial Koga, já caído, e disparar contra os demais policiais, Heráclito sofreu um disparo de um dos policiais e veio a óbito no local. Uma perícia feita na casa também encontrou dois materiais de literatura subversiva escondidos embaixo de móveis. Os investigadores estão tentando descobrir a ligação entre quem poderia ser o portador destes materiais, se está foragido, ou se pertenciam ao assassino. Um porta-voz da polícia afirmou que tais materiais pertencerem às vítimas do triplo homicídio seria uma possibilidade remota. Agora, voltamos à nossa programação...”

— Lydia, está tudo bem? Você está chorando, e nossas leituras indicam uma mudança brusca em sua pressão e frequência cardíaca. O que aconteceu?

— Meus colegas de trabalho... A Bela e o Bira... Assassinados...? — “Recomponha-se, Lydia!! Não desabe! Não acredite nesta historinha inventada! Bela e Bira sempre contavam animados sobre a família, amigos e conhecidos alcançados na cidade dela, cada dia mais entusiasmados para o Senhor.”

Com muita ajuda dos pais, a vó Sue e o vô Clito, como gostavam de ser chamados, firmes em Cristo e ótimos obreiros. Iriam ser finalmente vô e vó mesmo, pois a Bela ia pra lá anunciar a gravidez... O Ícaro e o Lucas, os vizinhos policiais, em Cristo também. O Ícaro era um ótimo pregador e sabia ser discreto. E, caramba, não faz nem um ano que o Lucas veio à fé... Espera! O Lucas não morreu! Pra ele não ter morrido... Será que... Lucas! Ou você enganou seu melhor amigo e vizinhos, fingindo ser de Cristo; ou você amou mais a este mundo a ponto de vendê-los, talvez em troca de uma promoção de patente. Eu sei lá... Nem quero saber... “Calma, Lydia! Não tire conclusões precipitadas sem saber de verdade o que aconteceu realmente.”

A única certeza e verdade que eles falam nas notícias é que quando dizem “ferido” significa que ainda está vivo, e quando dizem “morreu” é porque foi morto mesmo. Eles já foram recebidos pelo Senhor. “Agora, você tem que focar aqui, Lydia!”

— Oh! Eram eles?! Meus sentimentos!

OK, I.A., agora você surpreendeu! Esta ação artificial saiu muito bem-feita. Eu não vou baixar minha guarda... Opa! O meu telefone tocando agora? Já sei quem é... É, já sabia, meu supervisor!

— Obrigada, Llais. Com licença, preciso atender. É do trabalho.

— Sim. Fique à vontade.

Vou atender, lá vai. Ou é sobre Bela e Bira, ou lá vem mais bomba. Mas, me parece que serão as duas coisas...

— Boa tarde, Sr. Schwarz. Eu ainda não o tinha visto hoje.

— Boa tarde, Lydia. você está chorando?

— Eu estou em uma visita ao decorado aqui perto. Durante a demonstração da sala de mídias, sintonizando na *Nacional Mais*, a rádio acabou de passar uma notícia sobre o que acabou de acontecer em Bastos. O casal Ubirajara e Isabela Takeshita, meus colegas de setor, foram assassinados.

— Já soube? Ótimo. Eu fui informado por meus superiores há uns cinco minutos atrás. Agora, preciso que volte ao escritório imediatamente. Nós precisamos conversar sobre a substituição deles no setor. A seleção, aprovação e treinamento dos candidatos ficará sob sua responsabilidade, afinal você é a funcionária com mais tempo de casa, não só no seu setor. Entregue à chefia um plano de ações deste projeto interno até o final desta tarde. Não é só isto, Ubirajara Takeshita estava encarregado de um projeto de urgência mínima colocado em aberto por conta do período de férias. Este projeto ficará a seu cargo. Você deverá revisá-lo e entregar até o final da tarde também um prospecto de avaliação e estimativa de andamento e tempo de conclusão. Houve um aumento de urgência por parte do solicitante.

— E quanto à Mirella? Ela concluiu um projeto e entregou antes do início do período de intervalo. Ela está praticamente livre e disponível para estas novas entradas...

— Vou precisar que ela me acompanhe em uma viagem de negócios até Marajó, no Pará. Eu até considereei te chamar para este trabalho externo. Mas, como ela já trabalhou antes com dois dos solicitantes que iremos visitar, acredito ser possível correr atrás de mais do que somente o firmar do início dos projetos que entrarão. Porém, isto é preocupação apenas nossa no momento. Eu finalizei os preparativos aqui no escritório e sairei para arrumar minhas coisas, e ela foi para casa arrumar a bagagem para partirmos ainda hoje. Aprese-se em voltar ao escritório e apresente-se à chefia. Agora mesmo.

— Sim, senhor.

— Obrigado, e até breve.

Agora estou cem por cento sozinha no meu setor e completamente soterrada de trabalho que não darei conta. Mirella não é flor que se cheire, e é capaz de fazer qualquer coisa pra subir na empresa, mas pelo menos trabalha e me ajudou a segurar o setor nestes dias com a transferência do Mirosmar pra outro estado, coincidindo com as férias da Bela e do Bira.

“Não exploda junto com a bomba, Lydia... Saia daqui primeiro... Depois você foca no problema maior.”

— Llais, obrigada pelo seu tempo. Eu não estou com cabeça agora para decidir sobre apartamentos. E ainda tem outros lugares na região que pretendo ver. Uma vez que aconteceu um imprevisto no trabalho, preciso voltar.

— Eu que agradeço a visita. Entendemos que foi um baque muito grande esta funesta notícia da perda de seus colegas, junto desta emergência súbita em seu trabalho. Mas, pense bem. É uma ótima oportunidade, podemos chamar meu supervisor e oferecer alguma outra vantagem temporária nos serviços. Como as 100 primeiras unidades ainda não foram ocupadas é a sua chance de obter o melhor nos primeiros dias de seu lar.

Do meu lar? Não me faça rir de nervoso, Croesawgar! Eu tinha um lar: um sobrado aconchegante que passei toda a minha vida com minha família até ser destruído por... por vocês! Este confronto de fachada é um serviço do país “inimigo” para atingir localidades de maioria contrária ao Estado, enquanto vocês fazem a mesma coisa no território dele. Minha casa, meu quarto, meus livros, minhas fotos, os bordados feitos por minha vó, as plantas da minha tia, os quadros que mamãe e eu pintamos, minha moto Indian Chief 2XXX, que foi do vovô e do papai antes de me ser herança... Tudo isto foi destruído por vocês!

Esta salinha (ou devo dizer, celinha) de 7,5 m² aqui é qualquer coisa menos um lar, pra quem viveu em um de verdade! Vocês destruíram minha casa, mataram minha vó e minha tia! E teriam me matado também no bombardeio se eu não estivesse no escritório. “Calma, Lydia! Ela é só uma I.A., programada para puxar gente pra este lugar. Seja franca com ela, e saia logo daqui.”

— Agradeço a oferta, mas é cedo demais para decidir. E, como pôde constatar, não é e nem tem como ser o momento para isto. Preciso me reorganizar antes de tomar uma decisão que não é para agora.

— Eu compreendo. Acredito e desejo que, no tempo certo, você tomará a melhor decisão para si mesma. Agradecemos a sua visita, e esperamos vê-la novamente. Será sempre muito bem-vinda aqui no *Chatêau dos Almíscares*.

“Agora você está fora daquela arapuca, Lydia. Pode respirar melhor agora. Você viveu os piores momentos possíveis em menos de uma hora. Recupere a força nas pernas. Você não pode ficar muito neste banco da praça. Não mais que os três minutos da quota diária. Levante-se e vá

ao escritório. Pense no que você irá fazer, em como vai resolver o problemão que o Schwarz te largou nas mãos. Apresente-se à chefia, já vai preparando a argumentação na cabeça... Ai!”

— Opa, desculpa o esbarrão, mocinha! Cê tá bem...? Lydia!?

— Bastião!? Você por aqui?

— Desculpe, Lydia. Não deu pra te ver virando a esquina. Vem, eu te ajudo a levantar.

— Obrigada, Bastião. Eu quem peço desculpas. Andando igual uma doida apressada sem prestar atenção, deu nisso. Há quanto tempo está por aqui?

— Ficarei só até esta noite, depois voltarei a Santos. Terminei a mudança dos meus pais para o interior. Acabei de ajeitar a da minha prima e meu tio-avô também. Vão morar junto do restante da família, num lugar mais tranquilo e mais distante dos confrontos. Eu só preciso terminar de acertar uma última documentação aqui perto. E você?

— Eu fui ver um apartamento. O rádio lá tocou notícia de um casal, meus colegas de trabalho, foram mortos durante as férias na cidade natal deles. Eles eram amigos da minha... “turma legal” aqui na cidade. Parece que, de todos, só eu que não morri ou me mudei...

— “Turma legal” ...? Ah, sim! Entendi. Ainda bem que, no meu ramo, tenho a felicidade de todos nós sermos a “turma legal”. E, meus sentimentos por seus amigos falecidos.

— Obrigada. Eu vou ter que ir resolver um problemão no meu emprego. Mas antes, quero saber onde você está pra conversarmos depois, Bastião. Saber como está o pessoal e o meu primo... Eu recebi uma carta dele que chegou há dois dias, e ainda não consegui responder.

— Então a carta só chegou agora? Entendo... Ele me falou sobre ela, e ele aguarda a sua resposta. Vou passar a noite no assentamento 59 leste, na área 3B, antes de partir. Posso levar sua resposta pra ele no dia seguinte, diretamente.

— Você tá na área 3B!? Eu estou abrigada com a Soraya, minha vizinha, na 2C! Podemos conversar lá com um lanche antes do toque de recolher. Da nossa rua, só nós duas sobrevivemos.

— Opa, vou sim! Até lá então! Quando você chegar ao trabalho, lava ou limpa o rosto! Dá pra ver que você chorou.

— Até mais! Obrigada por me avisar!

Pro Sebastião me avisar de algo assim é porque eu aparento estar bem destruída. Vou dar um jeito nisto assim que chegar ao escrit... Hã! A loja da Dalvira tá fechada e sem o vídeo-totem interativo enfeitado na frente... É mesmo, droga! Meu palpite estava certo, e eu queria estar errada nisto. “Agora não, Lydia... Foca no que é importante! Foca no que é... importante... Deus...”

Deus é o mais importante pra mim! Posso perder tudo e todos, mas estando firmada nEle tenho aquilo que é o mais importante. Meu Senhor! Rei meu, e Deus meu! Pai, Filho e o Espírito

Santo. Não importa o que eu passe neste mundo. O que importa é estar em Ti. Sempre! O que eu faço, Meu Deus? O que eu faço!? Por que ainda me preocupo com trabalho nesta cidade? Por que querer encontrar local pra morar nas redondezas? Não existe nada mais para você aqui, Lydia... Nada mais...

— “Acredito e desejo que, no tempo certo, você tomará a melhor decisão para si mesma...” Por que me veio à mente agora o que aquela I.A. me disse? Tanto faz... Isto é até engraçado. Pelo menos em uma única coisa você acertou, artificialzinha. Mesmo o vovô falava que um relógio de ponteiros quebrado consegue estar certo duas vezes por dia. Já sei muito bem o rumo a seguir agora! Obrigada, Senhor Deus!

— E foi por isto que fui a última a subir no traslado de volta para cá, Bastião! Fiz questão de terminar o projeto a meu cargo antes de falar com o chefe, e mostrar meu desejo de não querer mais continuar na empresa. Ele pediu muito para que eu repensasse minha decisão. Argumentou e me ofereceu propostas e promoção. Até que, enfim, a bastante contragosto, aceitou, protocolou e oficializou meu desligamento, passando-me honorários e rescisão. Mas deixei claro pra ele que meu desejo de sair foi por ter recebido uma proposta de trabalho fora. O “elemento Schwarz”, e as bombas jogadas no meu colo acabaram descobertos pelo chefe após uma breve análise do meu histórico, e sem eu sequer mencionar um “a” sobre. Bom, até mesmo a mais cega das toupeiras perceberia algo de errado ao ver tanto projeto de urgência em cima de uma única pessoa, e em prazos tão apertados. O pessoal dos outros setores estava até feliz por mim. Eu ouvi um: “Boa sorte, e tudo de bom!” de um colega, e um: “Você é uma inspiração pra mim neste momento.” de outro. Eu estava com a cabeça em meio à alegria, que nem lembro direito quem falou o quê. Talvez, não serei a única a me demitir daquele lugar. E na saída do escritório, pude ver o Schwarz e a Mirella voltando e entrando. Não me falaram nada. Acho que nem me viram. Estavam com o semblante mortificado. Com a história terminada lá, hora então de começar uma nova: Ir ao órgão de licenças de operação internacional aéreo-marítima, entregar meu pedido de solicitação e a carta de recomendação do capitão, vieram no mesmo envelope, junto com a carta do meu primo. E, quando eu cheguei ao órgão, eu e mais uns dois solicitantes tínhamos praticamente o lugar todo só pra nós. Fui atendida por um amigo do meu pai e do meu vô que não via há anos, e, coincidentemente, amigo de longa data do capitão também: o Vitor “Polaco”. A licença foi emitida numa rapidez impressionante para uma repartição pública. Pude perceber uma certa independência do Estado naquele lugar...

Respirei fundo, beberiquei um copo d'água e meu amigo começou a falar:

— A maior parte dos trabalhadores do frete terrestre, aéreo ou marítimo e a população em geral é contrária à opressão governamental. E como o Estado precisa de recursos e insumos pra tentar se manter, ambos os lados estão em guerra sem armas. E o Estado está perdendo... Puxa! Como eu gosto de tempestade eletromagnética! Falar sem freios. E agora entendi o porquê da demora, até achei que você foi pega pela polícia ou coisa pior. Ficar duas horas e meia de papo com o Polaco é uma das melhores formas de perder tempo que existe.

— Graças a Deus foi ele que não só me atendeu como dispôs de tempo para conversar comigo! Mesmo meio freados no papo por estarmos na repartição, pude falar com ele um pouco daquilo que precisava falar com alguém, depois de tudo o que me aconteceu. Ele parece sempre saber dizer as coisas no momento certo e aquilo que você precisa ouvir para seguir adiante. As melhores duas horas e meia de papo que tive em muito tempo. Renovou-me internamente até eu voltar pra cá. Vocês viram como eu desabei no choro há pouco quando a tempestade começou. Só agora estou realmente cem por cento.

— É, depois de ver aqui meu tio e a minha prima, você conseguiu desabar o restante necessário, e ainda não sabia que precisava disto.

— A última coisa a passar pela minha cabeça era a Dalvira e o Seu Menezes serem seus parentes, Bastião.

— Um menino de ouro, filha. Quando os capangas do Estado chegaram pra confiscar minha loja e casa, Sebastiãozinho estava comigo em visita. O Estado não pode fazer nada com uma testemunha presente e parente do morador maior de 60 anos. Principalmente se morar fora do local interdito, e que assuma a responsabilidade sobre o idoso. Fomos até o tio-avô do Sebastiãozinho quase correndo logo depois, e até eu me surpreendi em descobrir ser o Valdemar! Chegamos minutos antes do outro batalhão, pra poder salvá-lo também. O mundo é tão grande, e ao mesmo tempo, tão pequeno! Como eu queria o Sebastiãozinho junto conosco no nosso novo lugar! Mas o trabalho e o pessoal precisam dele. Depois de ouvir sua história toda, a minha tristeza de ter o meu lar e loja roubados pelo Estado parece menor. Eu tenho muita estrada percorrida, mas tu ainda és uma jovem botão de rosa. Uma mocinha esforçada como você merecia coisa mil vezes melhor do que passar por todo este infortúnio, não é Valdemar?

— Sem a menor dúvida! Lydinha sempre me lembrou o jeito das minhas finadas esposa e filha, antes de elas partirem pra morar com Jesus. Ajudou-me muito, não só nos devocionais em grupo e no compreender da Palavra. Foi até minha modelo algumas vezes. Tive peças que fiz só com a ajuda dela. Até máquina de costura minha ela consertou. Ela consegue consertar quase qualquer coisa.

— É verdade, a única que vi consertar o Fusca do meu irmão, sem se sujar, usando um vestido longo azul claro, antes de uma festa anos atrás. Aprendeu com o pai e o avô e logo perceberam como ela levava jeito pra isso, ainda desde pequena. Ela foi quem consertou aquele carro definitivamente, nunca mais enguiçou. Até ser destruído no bombardeio que levou meu irmão também.

— Aí, Seu Menezes e Soraya! Assim vocês me deixam sem jeito!

— O mais importante: todos nós podemos agradecer a Deus por tudo e por estarmos sãos e salvos. Descansar e nos preparar para a próxima adversidade ou pra o que faremos no futuro. Uma vez que a escolhemos, e você nos escolheu, sou o primeiro a lhe dar as boas-vindas à tripulação do Rasga-Dunas, Lydia.

— Obrigada, Bastião. Mal posso esperar para conhecer a todos, zarpar, trabalhar e aproveitar a liberdade em meio ao areião ou ao mar. Queria meu primo junto pra ver, se não estivesse em outra tripulação.

— Juízo, filha. É perigoso! Não baixe sua guarda fora da terra firme. Sei que estará entre irmãos em Cristo, mas cuidado com as ameaças de fora. Apesar que, comparando a natureza em revolta, as criaturas mutantes e os piratas com o Estado... Até eu preferiria enfrentar a natureza, os bichos mutantes e toda a bucaneiragem se fosse você.

— Tomarei cuidado como sempre, Dalvira. Soraya, conto com você para acompanhá-los na viagem até a nova cidade, e também seu novo lar.

— Pode deixar. Dou glória a Deus. Agora tenho lugar e um novo início de grupo de estudo e pregação com Dal e Val aqui. E novas pessoas a alcançar num lugar ainda sem cutucão forte do dedo do governo. Eu sempre quis conhecer Minas Gerais. Fruta de Leite, aí vamos nós.

— Além disto, Dalvira e eu seguiremos sua sugestão, Lydia. Juntaremos forças pra formar uma loja de roupas e alfaiataria por lá. Não ficaremos parados. Só iremos parar de trabalhar se for da vontade de Deus ou se Ele nos buscar. Faremos o nosso melhor!

— Que bom, Seu Menezes! Agora, vamos orar antes da tempestade acabar. Agradecer ao Senhor, e pedir a Ele para nos guiar e iluminar nosso caminho neste novo começo. Com Jesus sempre no comando de nossas vidas...

— Lydia!! Você tá bem?! Lydia!

— Tô sim, Teixeira!! Não assusta comigo, tá?! Eu ativei o escudo antes do tentáculo me esbofetear! Se não arranhou meu “besourão”, não vai me jogar pra escanteio! Eu não vou tomar nocaute e passar vexame no meu primeiro dia em campo aberto!

— Vexame quem passou fui eu, distraíndo-me com estas barracudas ácidas, e com você sendo chicoteada por me livrar o couro, mulher! Você não vai dar conta do polvão sozinha! Aguarde os outros, já chegam logo!

Que pancada... Caramba, passou um filme na minha cabeça agora! Não vou me abalar, já passei por coisa muito pior do que a fúria de uma lula gigante completamente descontrolada e atormentada pela mutação... A manobra de contenção de quedas é a primeira coisa que resolvi treinar muito, pra me favorecer em contra-ataques. Os propulsores... estão prontos, ótimo! Eu ainda não usei a lâmina-serra laser do meu *Scarabée* fora do simulador de combate do centro de treinamento. Mas, como eu gostei bastante desta arma...

As barracudas cuspidadeiras, foram todas abatidas? Vamos ver... Certo, “bora levantar e fazer picadinho deste ‘Kraken’!”

— Chegar, logo?! Como assim, Teixeira?! Eu quem tomou a pancada, e você fica zozzo!? Matias, Clésio e Tabata estão a quase quatro quilômetros de distância “dando calma” numas moreias pra polícia poder pegar logo os Zés-Perdeu! Preciso que você tire as ácidas do caminho pra eu fazer uma coisa!

— Tem razão! Estamos mais próximos do Rasga do que eles, e não tem como esperar! As barracudas foram quase todas pra vala, tem umas três fugindo perdidas sem cardume. O que pretende fazer?

— Não sou japonesa, mas sei fazer um bom sushi! Gosta de *ika nigiri*, meu bem? Segura o “Kraken” com um rojão térmico a 20 m de distância dele. Vou sair da água com TUDO! Ativando propulsores... Força máxima... Saí da água... — Teixeira atordoou o bichão, ótimo!

Lâmina-serra laser, liberar... Choque contra o alvo em 15 segundos... Não vou me chocar, vou cortar no meio... Laser nível dez, ATIVAR!! ... Um golpe só... Se não tivesse tomado impulso à distância, mesmo com o laser no talo, seria difícil cortar esta pele grossa dele... Cortei o molusco no meio, de alto a baixo. Problema resolvido... Os olhos dele, mostram que morreu sentindo muita dor (o que eu não queria), só não sei se é por causa das mutações ou por meu ataque, coitado... Seu sofrimento finalmente acabou.

— O quê que é isso, mulher?! Passa quase a tarde inteira treinando mais que os outros no simulador nessa semana toda, e me consegue um abate que nem parece sorte de novata! Olha, preciso confessar: quando você chegou, eu tinha minhas expectativas lá embaixo contigo, porque quem eu vi era uma boneca de escritório toda jeitosa. Depois te vejo fora do administrativo, onde

você nos salva na “aborrece-cracia”, consertando maquinário e equipamentos encostados há um tempão... E agora, me consegue “sossegar” um dos bichos mais problema do Mar Atlântico Norte! É, parece que você nasceu mesmo “pras areias e mar”, prima do Ilha!

— Bem a tempo de voltarmos e nos apressarmos até Lisboa! Matias e Tabata olharam também e... Carregando o *Eisenspeer* do Clésio? Ele perdeu uma perna?! Gente, o que aconteceu? Cê tá bem, Clésio?

— Vivo da Silva, Lydia! Tiro de raspão de um pirata. Nós “sossegamos” as moreias, e ajudamos a Polícia Errante a encurralar os caras. Um deles não gostou de ter os propulsores do submergível destruídos por mim. Ele tinha uma RPG junto com ele no cockpit. Nunca vi uma doideira dessas antes. Pra usar aquilo, era porque todo o sistema de armas dele esgotou ou avariou. Manobrei por reflexo, e me livreí. Eu exauri o sistema de escudos enquanto lutava contra aquele e outros dois caras. Nenhum morto. Os onze todos foram presos.

— Seu *destroyd* é novo, chegou quatro meses antes de mim ao Rasga! Darei uma olhada nisto junto com o Bastião. Não deveria exaurir em só três horas de batalha...

— Vamos parar de papo aí fora, voltem já! Os clientes estão esperando no porto a carga. E agora que a Polícia Errante está fora do radar, assim como os piratas, vamos orar agradecendo a Deus, e arrumar os *destroyds* pra próxima. Ainda não estamos em águas seguras. (Todos respondem):

— Sim, Capitão!

— Bom trabalho, todos vocês! Principalmente você, prima do Ilha... ou melhor: Lydia!

— Obrigada, Capitão! E obrigada, Senhor! Pelo livramento, por estar aqui entre irmãos em Cristo... por tudo!

Meu primo está coberto de razão naquilo que me escreveu: “Você sequer imagina o quanto vai gostar disto, e o quanto irá se sentir em casa a bordo.” Eu te achava um “louco sem juízo na cabeça” por viver assim no deserto e mar. Mas parece que meus irmãos da tripulação têm razão também, a “loucura ajuizada” deve ser mesmo coisa de família...

DANIEL GRISOLIA. Tem 40 anos, um nerd em meio a quadrinhos, games e jogos, e o mais importante, Jesus Cristo no comando de tudo.



Exagium

C. S. Lewis: o criador da ficção científica teológica

Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto

Sou um leitor voraz de biografias. Um dos primeiros livros de porte que li, ainda na pré-adolescência, foi uma biografia de *Laurence da Arábia* escrita por Robert Paine (Bruguera, [S.D.]). Desde então, sou um leitor assíduo de biografias. No quesito biografias, sou um leitor eclético: em minha estante pode-se encontrar a biografia do ex-ditador líbio Muamar Kadafi (Nova Cultura, 1987), junto à de Spock (ops!) .Leonardo Nimoy (Mercuryo, 1997), do 007 Sean Connery (Landscape, 2002), do Barão de Mauá (Companhia das Letras, 2004), do orientalista Kurban Said (Record, 2007), ou do explorador Sir Richard Francis Burton (Companhia de Bolso, 2008), entre tantas outras.

Uma lacuna que existe nas biografias publicadas no Brasil são as de escritores de ficção científica. Infelizmente não temos traduções de biografias de grandes autores de FC no país: Isaac Asimov, Arthur C. Clark, entre outros, ainda não tiveram suas biografias vertidas para a língua de Camões. Mas, por sorte, outros autores tiveram melhor tratamento, ou melhor, nós leitores apaixonados por biografias tivemos a sorte de ter disponível em português a tradução de duas biografias do Philip K. Dick, de uma biografia do Lovecraft e outra do escritor J. R. R. Tolkien, escritor católico, professor universitário e filólogo, conhecido por escrever *O Senhor dos Anéis* e todo seu universo de fantasia.

Outro autor de fantasia, que sei, logo terá a publicação em português de uma biografia, é Robert E. Howard, criador do personagem Conan, o bárbaro, que já possui uma autobiografia romanceada publicada.

Neste texto vamos comentar a biografia, do escritor de fantasia e ficção científica religiosa Cliver Staples Lewis (1898-1963) escrita por Alister McGrath e intitulada *A Vida de C.S. Lewis: do Ateísmo às Terras de Nárnia* (Mundo Cristão, 2013). Alister McGrath possui formação nas ciências exatas, humanas e em teologia, trabalhando na interação entre ciências da natureza e teologia. Possui uma vasta produção literária, que inclui tanto textos teológicos como biografias, entre outros. Atualmente é diretor do Centro de Teologia, Religião e Cultura do King's College, em Londres.

Em *A Vida de C.S. Lewis: do Ateísmo às Terras de Nárnia*, Alister McGrath mergulha na vida e obra de C. S. Lewis, que foi em seu tempo e continua a ser um conhecido apologista cristão — daí a publicação de sua biografia por uma editora religiosa — acadêmico, crítico literário e escritor.

Como escritor, Lewis é mais conhecido como autor das *Crônicas de Nárnia*, mas também escreveu uma trilogia de ficção científica: *A Trilogia do Resgate*, termo utilizado por McGrath, que no Brasil é conhecida como *Trilogia Cósmica* e em Portugal como *Trilogia Espacial*. É

nesta trilogia em que Lewis cria um subgênero literário, a ficção científica teológica, o que torna

C. S. Lewis um dos autores europeus de ficção científica de maior relevância histórica.

Lewis é um autor, cuja vida em si daria um bom romance: nascido na Irlanda, país que possuía na época um status político de semicolônia da Inglaterra (lembrando que atualmente Inglaterra, Irlanda do Norte, País de Gales e Escócia formam o Reino Unido), perdeu a mãe cedo. Por isso sempre teve sua vida emocional particularmente ligada à de seu irmão Warnie, principalmente após ser mandado pelo pai para um internato inglês.

McGrath relata a vida de Lewis desde sua educação inglesa até sua maturidade como escritor e acadêmico. Lewis tornou-se especialista em crítica literária, área em que desenvolveu sua produção acadêmica. Porém, também nutria outras paixões literárias.

Apesar de ateu na juventude, mais tarde — em grande parte por intermédio das discussões com J.R.R. Tolkien (também acadêmico) — Lewis viria a se converter ao Cristianismo, mas, ao invés do Catolicismo de Tolkien, Lewis se tornaria o grande apologista cristão protestante da primeira metade do século XX. Segundo McGrath, é no período da II Guerra Mundial que Lewis, inicialmente em palestras radiofônicas e depois pelos seus livros, atingiria a fama mundial como apologista cristão.

Acadêmico, especialista em crítica literária e apologista cristão, Lewis perceberia na força do romance uma forma de divulgar suas ideias. Daí nasceriam suas duas grandes contribuições à literatura: a decalogia de fantasia *As Crônicas de Nárnia* e a trilogia de ficção científica do *Resgate* (ou *Trilogia Cósmica*, para nós brasileiros). Vamos agora nos ater aos comentários de McGrath a essa trilogia.

A *Trilogia do Resgate ou Cósmica* é composta dos seguintes livros: *Para Além do Planeta Silencioso* (1938), *Perelandra* (1943) e *Uma Força Medonha* (1945); a escrita desses romances foi concomitante à intensa produção de Lewis como apologista cristão. Este resenhista teve a oportunidade de ler os três romances: *Além do Planeta Silencioso* (GRD, 1958), sendo que o editor Gumercindo Rochea Dorea (GRD) foi o primeiro a se dedicar com afinco a publicar livros de ficção científica no Brasil, e os outros dois em edições portuguesas: *Perelandra: Viagem a Vênus* (Europa-América, [S.D.]) e *Aquela Força Medonha – Vol. 01 e 02* (Europa-América, [S.D.]), por volta do início dos anos dois mil. Atualmente estes já se encontram publicados no Brasil!

Para Além do Planeta Silencioso tem como palco o planeta Marte; *Perelandra*, Vênus; e *Uma Força Medonha*, a Terra. No primeiro tenta-se impedir que os humanos venham a corromper os povos habitantes de Marte; no segundo tenta-se impedir a corrupção do primeiro casal venusiano (um novo Adão e uma nova Eva); e no terceiro, salvar a Humanidade caída e isolada do restante do Universo (por isso a Terra é o planeta silencioso). O enredo está centrado

no conflito entre Ransom e Weston, sendo que o primeiro representa a força do “Cristianismo puro e simples”, e o segundo, do cientificismo materialista.

O terceiro romance é particularmente interessante ao apresentar uma crítica severa de Lewis ao mundo acadêmico inglês — que não é muito diferente de tantos outros, inclusive do Brasil. Ao ler sua biografia, podemos ver, pelos conflitos que enfrentou em sua vida como professor, o porquê de sua crítica para com a academia.

Segundo McGrath, Lewis era leitor de Júlio Verne e H.G. Wells, sendo que, para ele, escrever ficção científica era “um processo de expansão da alma”, nas palavras do próprio Lewis, citado por McGrath: “a ideia de outros planetas exercia sobre mim uma atração violenta, peculiar, muito diferente de qualquer outro de meus interesses literários”.

A *Trilogia do Resgate* é uma resposta cristã de Lewis ao que ele considerava literatura de ficção científica materialista; de acordo com McGrath, escritores de popularização científica, como J.B.S. Haldane e H.G. Wells, entre outros, utilizavam a escrita como forma de divulgar sua visão de mundo cientificista. Lewis se apercebeu disso e resolveu utilizar a ficção científica em favor de sua cosmovisão cristã de mundo.

Para McGrath, a intenção de Lewis era escrever “histórias, que cativam a imaginação e abrem a mente para uma maneira alternativa de pensar”. No caso, a maneira cristã e a crítica ao cientificismo. Lewis explora na *Trilogia do Resgate* temas teológicos interessantes, por exemplo: como fica a questão da queda e da salvação em um Universo em que nós, seres humanos, não somos os únicos seres conscientes; e a crítica de práticas científicas como a vivisseção e ideias eugenistas.

Lewis seria por toda a vida um acadêmico, publicando obras acadêmicas de relevância. Mas é sua escrita apologética e ficcional que o levaria a se tornar um importante intelectual público.

McGrath descreve a formação dos Inklings, grupo literário centrado em Lewis e Tolkien, mas que reunia outros escritores e acadêmicos da época para compartilhar e fazer críticas mútuas a seus trabalhos. Uma parte considerável da biografia é concentrada no período em que Lewis escreve *As Crônicas de Nárnia*, cujo objetivo é o mesmo da *Trilogia do Resgate*: utilizar da literatura para debater temas teológicos.

Sendo a biografia de um intelectual e escritor, McGrath enfatiza os escritos de Lewis ao longo de sua vasta carreira de escritor, intelectual e acadêmico, mas não deixa de explorar o homem por trás dos livros: a difícil vida familiar, um possível romance socialmente mal visto com uma mulher mais velha e depois com uma americana, as amizades e inimizades, a luta por cargos na disputada universidade inglesa, a participação na I Guerra Mundial como soldado e na II Guerra Mundial como intelectual público.

Ao lermos biografias como essa de C.S. Lewis, uma porta é aberta, na qual vida e pensamento estão totalmente intrincados, em que as condições sociopolíticas e lutas cotidianas

estão emaranhadas à produção intelectual. No fim de tudo, somos todos apenas homens tentando construir um entendimento do mundo que nos cerca e, por vezes, partilhando nossas ideias com outros homens. Lewis escolheu diferentes formas de se fazer presente no debate de ideias de sua época: apologética cristã, crítica literária acadêmica, fantasia e ficção científica.

Pode-se discordar da visão de mundo expressa por Lewis em sua *Trilogia Cósmica* ou nas *Crônicas de Nárnia*; mas ambas são obras importantes dentro de seus respectivos gêneros: ficção científica e fantasia. Para qualquer leitor desses dois gêneros literários, mesmo que não tenha maior interesse em questões religiosas ou cristãs em particular, a biografia escrita por Alister McGrath é uma obra fundamental para a discussão da produção intelectual de ambos os gêneros e o conhecimento da vida e a obra de um dos escritores mais relevantes do século XX: C.S. Lewis.

MCGRATH, Alister. **A Vida de C.S. Lewis**: do Ateísmo às Terras de Nárnia. Trad. Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

Edgar Indalecio Smaniotto, é filósofo e antropólogo, mestre e doutor em Ciências Sociais e astrônomo amador; possui também especialização em Gestão escolar e coordenação pedagógica, egiptologia e ensino de astronomia. É autor de centenas de artigos, resenhas e ensaios sobre os mais variados temas como ficção científica, astrobiologia, geopolítica, filosofia, transumanismo, astronomia, entre outros. Escreve contos, poemas e crônicas, e foi prefaciador de diversas coletâneas, antologias e de contos de autores específicos. Publicou os livros: Atlântida: do mito platônico à ficção científica - uma leitura filosófica de um dos maiores mitos da humanidade (Coleção Filosofia da Astronáutica e Ficção Científica); Leitura e produção de textos filosóficos (Editora Senac); Filosofia pop (Editora Senac) e Temas e problemas em filosofia (Editora Senac), todos disponíveis na Amazon. No Youtube mantém o canal: Filósofo Edgar Smaniotto (<https://www.youtube.com/@filosofoedgarsmaniotto>).

